

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

ANA PAULA GONÇALVES GONTIJO DE OLIVEIRA

**O MOVIMENTO ESCOTEIRO NO TRIÂNGULO MINEIRO: HISTÓRIAS E
MEMÓRIAS**

**UBERLÂNDIA
2017**

ANA PAULA GONÇALVES GONTIJO DE OLIVEIRA

**O MOVIMENTO ESCOTEIRO NO TRIÂNGULO MINEIRO: HISTÓRIAS E
MEMÓRIAS**

Monografia apresentada ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia, como pré-
requisito para conclusão do curso de graduação,
sob orientação da Prof.^a Dr. Gilberto César
Noronha.

UBERLÂNDIA

2017

ANA PAULA GONÇALVES GONTIJO DE OLIVEIRA

**O MOVIMENTO ESCOTEIRO NO TRIÂNGULO MINEIRO: HISTÓRIAS E
MEMÓRIAS**

Monografia apresentada ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia, como pré-
requisito para conclusão do curso de graduação,
sob orientação da Prof. Dr. Gilberto César
Noronha.

Uberlândia, 15 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilberto César de Noronha (Orientador)

Prof. Diego de Sousa Avendaño (Universidade Estadual do Ceará)

Prof. Sérgio Campos Gonçalves (Universidade Federal de Uberlândia)

AGRADECIMENTOS

Talvez este seja o momento mais importante do meu trabalho: os agradecimentos. No decorrer de nossa vida, contamos com o de diversas pessoas, e devo dizer que esta pesquisa só foi possível graças ao apoio daqueles que passaram e deixaram, de alguma maneira, pequenos presentes para a consolidação do que sou hoje. Agradeço, primeiramente, à minha amada mãe, Valdeli Gonçalves, que em setembro de 1999 foi ao desfile cívico da cidade de Uberlândia, viu o desfile dos Escoteiros e no mesmo mês me apresentou a este Movimento maravilhoso. Agradeço também ao meu pai, Elicio Ribeiro que apesar de não entender bem minha paixão pelo escotismo, nunca deixou de me apoiar. A ele deixo também o meu agradecimento por ser um homem de muita força e por ter segurado as pontas depois que minha mãe se foi.

Aos meus queridos irmãos de ideal, agradeço por partilharem comigo conhecimentos, aventuras e, a cima de tudo, sua amizade. À Dalca Bottaro, a chefe que mais me marcou no início de minha vida como escoteira, obrigada por me ensinar o que é ser escoteira; à chefe Walquiria Gonçalves, obrigada por me deixar fazer parte de sua família. Deixo aqui também meus agradecimentos a Maristela Correa Borges, Cristiano Alves Ferreira, Caetano Alcântara Felipe Genaro, vocês são os melhores frutos que eu poderia ter colhido ao longo destes dezessete anos como escoteira; Obrigada por estarem por perto sempre, por serem meus amigos, assessores e padrinhos nesta caminhada. A todos os escoteiros, escoteiras, seniores, Guias, Pioneiros, Pioneiras e adultos voluntários do Grupo Escoteiro Triângulo, obrigada por vocês fazerem parte da minha vida.

Eu gostaria de dedicar um espaço em meus agradecimentos a duas amigas: Phabliny Martins e Joyce Vilarinho. Muito obrigada por me ouvirem em meus momentos de desespero por motivos ligados ou não à academia, por me ouvirem e por simplesmente serem minhas amigas. Amo vocês e espero tê-las comigo por toda a minha vida.

Aqui, dedico os dois últimos parágrafos finais àqueles que me auxiliaram academicamente e me “aturaram” nos dias ruins e nos dias de descrença acadêmica. Agradeço ao meu orientador Gilberto Noronha que topou o desafio de orientar um trabalho, cuja temática era totalmente desconhecida por ele. Jamais esquecerei sua paciência comigo. Obrigada ao meu querido Carlos Rodrigues Brandão, que me ajudou e inspirou a tecer os caminhos desta pesquisa, você é meu grande mestre!

Agradeço aos professores e professoras que contribuíram para minha formação acadêmica no curso de História, que com suas discussões e leituras proporcionaram momentos de muita riqueza e crescimento acadêmico e pessoal. Agradeço aos meus colegas de turma que me acompanharam por toda a graduação e me apoiaram desde o início. Meus “obrigadas” à Fabiana Barros, Leonardo Katona, Jaryssa Bonaci, Layane Vieira e Guilherme Vasconcelos. Vocês deixaram meus dias na Universidade melhores. Obrigada por compartilharem comigo as aulas, as conversas e o aprendizado.

E por fim, mas não menos importante; agradeço aos que participaram desta pesquisa, principalmente no que tange às entrevistas e partilhas sobre a História do Movimento Escoteiro no Triângulo Mineiro: João Washington (chefe Doka), Valter Carvalho, Gilberto Cunha, Nivaldo, Ronaldo Pereira e Reginaldo, sem eles esta pesquisa não teria sido finalizada de forma satisfatória.

RESUMO

OLIVEIRA, Ana Paula Gonçalves Gontijo de. *O Movimento Escoteiro no Triângulo Mineiro: histórias e memórias*. 2017. 107 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

Este estudo disserta sobre a história do Movimento Escoteiro, com especial foco na História do Escotismo no Triângulo Mineiro. Considerando as características deste Movimento, sua formação e contribuição social nas cidades pesquisadas. Para isto foi realizada pesquisa de campo através da observação-participante, a análise de jornais e documentos oficiais, além de seis entrevistas orais gravadas, em profundidade, tendo como principal objetivo tecer a História do Movimento Escoteiro no Triângulo Mineiro. Diante disso, foi possível compreender que o Distrito Escoteiro do Triângulo Mineiro nasce na região por meio de um discurso patriótico e de valorização da nação, mas que ao decorrer do tempo foi se modificando e criando pra si uma identidade própria, ligada não mais ao Estado ou outras instâncias de poder, mas pautada em seus próprios princípios, métodos e práticas.

Palavras-chave: Movimento Escoteiro, História Oral, Memória, Triângulo Mineiro.

ABSTRACT

This study discusses the history of the Scout Movement, with a special focus on Scout History in the Triângulo Mineiro. Considering the characteristics of this Movement, its formation and social contribution in the cities surveyed. For that, field research was carried out through participant observation, analysis of newspapers and official documents, besides six oral interviews recorded in depth, with the main objective of weaving the History of the Scout Movement in the Triângulo Mineiro. In view of this, it was possible to understand that the Scout District of the Triângulo Mineiro was born in the region through a patriotic discourse and valorization of the nation, but that in the course of time has been changing and creating for itself an identity of its own, linked no longer to the State or other instances of power, but based on its own principles, methods and practices.

Keywords: Scout Movement, Oral History, memory, Triângulo Mineiro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escotismo. Nota sobre a falta de Grupo Escoteiros na cidade de Uberlândia ... p.41.

Figura 2 – Escotismo em Uberaba. Criação da Associação de Escoteiros Tiradentes..... p. 43.

Figura 3 – De Toribaté: O escotismo em marcha – A mais bonita festa cívica já realizada em Toribaté – Um belo gesto dos escoteiros de Uberlândia p. 45.

Figura 4 – Promessa G.E SESC – representante do Clube SESC p. 59.

Figura 5 – Visita do Grupo Escoteiro SESC ao Grupo Escoteiro Padre Anchieta..... p.65.

Figura 6 – Encontro de Grupos Escoteiros, na década de 1970-1980..... p. 75.

Figura 7 – Registro Anual, Reginaldo Alves- 1976 p. 76.

Figura 8 – Tropa de Bandeirantes - Grupo Escoteiro Cachoeira Dourada..... p. 79.

Figura 9 – Mapa Grupos Escoteiros do Distrito do Triângulo Mineiro - 2017 p.98.

LISTA DE SIGLAS

UEB- União dos Escoteiros do Brasil

UEB-MG – União dos Escoteiros do Brasil, região de Minas Gerais

LDN - Liga de Defesa Nacional

ABE- Associação Brasileira de Escoteiros

AME- Associação Mineira de Escoteiros

FME- Federação Mineira de Escoteiros

UDN- União Democrática Nacional

FEB- Força Expedicionária Brasileira

JB- Juventude Brasileira

BP- Baden Powell

ELO- Escoteiros Locais Organizados

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
I. Eu Escoteira	12
II. Eu Historiadora	13
III. Discussão bibliográfica e fundamentação teórica	14
IV. Metodologia e fontes	19
 CAPÍTULO 1 – OS PERCURSOS DA HISTÓRIA DO ESCOTISMO: DA INGLATERRA AO ESCOTISMO MINEIRO	21
1.1. A Emergência do Movimento Escoteiro: Inglaterra, 1907.	22
1.2. O Movimento Escoteiro: Brasil, 1910.	26
1.3. O Movimento Escoteiro: Minas Gerais, 1926-27.	30
 CAPÍTULO 2 - O MOVIMENTO ESCOTEIRO NO TRIÂNGULO MINEIRO: HISTÓRIA E MEMÓRIA	37
2.1-Movimento I – A imprensa: O Escotismo segundo a imprensa do Triângulo Mineiro.	37
2.2- MOVIMENTO II – os relatos de memória.	47
2.2.1- Questões metodológicas	47
2.2.2 RELATOS.....	50
2.2.3- A interpretação da Memória	83
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
 FONTES E BIBLIOGRAFIA	99

INTRODUÇÃO

Procurem deixar este mundo um pouco melhor do que o encontraram, e, quando chegar a hora de morrer, poderão morrer felizes sentindo que pelo menos não desperdiçaram o tempo e que procuraram fazer o melhor possível. Deste modo, estejam bem preparados para viver felizes e para morrer felizes – mantenham-se sempre fiéis à sua promessa escoteira – mesmo quando já tenham deixado de ser rapazes.

Baden Powell – Fundador do Movimento Escoteiro, em sua última mensagem aos jovens

Este estudo busca colaborar para um melhor entendimento acerca da história do Movimento Escoteiro no Triângulo Mineiro, principalmente por este movimento ser um tema pouco abordado em trabalhos acadêmicos no país, salvo alguns trabalhos localizados na área da história da educação. Neste caso específico, o tema é ainda mais escasso quando pesquisamos também sobre a metodologia empregada: a história oral. Pouco é escrito sobre o Escotismo brasileiro na área de história, muito menos trabalhos que se utilizam da memória como objeto de estudo.

A temática abordada nesta pesquisa é inspirada em algumas inquietações pessoais me surgiram ao longo dos anos como participante ativa do escotismo na cidade em que nasci, Uberlândia-Minas Gerais. Como Escoteira e estudante de História, com o passar dos anos, senti falta de saber como foi a trajetória do Movimento Escoteiro na cidade de Uberlândia e na região do **Triângulo Mineiro**. Para tanto, elegi como objeto de estudo as trajetórias de vida de pessoas que participaram do processo de consolidação do escotismo nesta região. Esta escolha se deu em função da existência de poucos registros e documentos escritos sobre o movimento, que se restringem a relatórios anuais disponibilizados nos arquivos da União dos Escoteiros do Brasil, que possibilitam ao interessado na constituição do movimento no máximo algumas datas aproximadas de eventos e relação de cargos no **Triângulo Mineiro**, mas muito pouco sobre sua dinâmica, os sentimentos, as formas de imaginação e os sentidos para os seus participantes.

Os estudos na área de História levantados em pesquisa bibliográfica têm como característica comum a ênfase no aspecto cívico-nacional do Movimento Escoteiro, na formação do caráter e de identidades nas Unidades Escoteiras Locais¹. Poucos abordam o

¹ Ver: NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Sempre Alerta! O Movimento Escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil 1910–1945**. 2004. 149 f. Dissertação (Mestrado em História)-

processo de constituição e desenvolvimento do escotismo no Brasil e raríssimos são os que se referem à sua história no Triângulo Mineiro². Deste modo, para além da leitura sobre o processo de constituição do escotismo nesta região, este trabalho se faz importante também como registro da memória dos seus participantes.

Esta pesquisa está dividida em dois capítulos que traçam a História do Movimento Escoteiro desde a sua concepção, no início do século XX, na Inglaterra até a criação de Grupos Escoteiros na região do Triângulo Mineiro. O primeiro Capítulo, está dividido em três sub-tópicos: os dois primeiros propõem um balanço historiográfico sobre o tema: o primeiro cuida do Escotismo na Inglaterra, os principais atores desta ideia e os motivos pelos quais levaram à sua criação. No segundo tópico tratamos do desenvolvimento do Movimento Escoteiro em relação ao Brasil, levantando e enfocando como o escotismo chegou ao país relacionado a determinado projeto político e econômico no final da década de 1920. O terceiro tópico do primeiro capítulo traz uma reconstituição histórica do Movimento Escoteiro em Minas Gerais, sugerindo que, assim como sua chegada ao Brasil, este movimento esteve ligado diretamente a um projeto político no âmbito da Educação, abordando como o Estado de Minas Gerais incentivava diretamente o desenvolvimento do escotismo no ambiente escolar.

O segundo capítulo trata-se de uma pesquisa cujo objetivo central foi traçar o percurso de formação e caracterização do Movimento Escoteiro no interior do Triângulo Mineiro, tendo como objeto de estudo principal as pessoas que fizeram parte do Escotismo e análises de documentos. Este capítulo está dividido em dois sub-tópicos: o primeiro tem como objetivo traçar a História do escotismo no Triângulo Mineiro, entre as décadas de 1930 e o final da década de 1950, através da análise da imprensa e de outros documentos complementares e o segundo sub-tópico trata do desenvolvimento do escotismo a partir da década de 1960 até o final da década de 1990, com foco na construção da memória de seus participantes, suas características e (re)formulações através do tempo.

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004. pg. 15-17.

² O único trabalho que cita o Movimento Escoteiro encontrado foi o artigo: JUNIOR, A. F.; BORGES, D. C. A Educação não formal e o Movimento Escoteiro: Um estudo sobre o Grupo Escoteiro Padre Anchieta, Ituiutaba, MG, Brasil. In: **Itinerarius Reflections**. Jataí, v.1, n.16, p.1-17, 2014.

I- Eu Escoteira

No dia 7 de setembro de 1999, durante o desfile cívico da cidade de Uberlândia, minha mãe, a Senhora Valdeli Gonçalves Gontijo de Oliveira, viu na passeata o desfile dos Grupos de Escoteiros da cidade. No final de semana seguinte, ela levou meus dois irmãos e eu no parque do Sabiá para participarmos de uma atividade. Não me lembro ao certo do meu primeiro dia- eu tinha de 7 para 8 anos, mas me lembro de minha promessa, no dia 8 de março do ano seguinte, na cerimônia me comprometi com a lei escoteira, o propósito escoteiro que a partir de então fariam parte da minha vida dentro e fora das atividades escoteiras.

A promessa escoteira é uma cerimônia feita na frente de todo o grupo, onde o jovem de compromete a seguir os 10 itens da Lei escoteira e passa ser considerada parte da Fraternidade Mundial Escoteira. A promessa se baseia em três pilares: Deus, a Pátria e o Próximo e durante esta cerimônia, o jovem se compromete a fazer o melhor possível para cumprir com os seus deveres, ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião e obedecer a lei escoteira.³

No movimento Escoteiro os jovens são separados em equipes que seguem uma lógica de faixa etária, sendo as crianças entre 6 e meio 10 e meio denominados **lobinhos**, os jovens com idade entre 11 e 14 anos e meio denominados **Escoteiros**, jovens com idade entre 15 e 17 anos e meio denominados **Seniores ou Guias** e dos jovens com idade entre 18 aos 21 anos incompletos, denominados **Pioneiros**. A partir dos 21 anos de idade o associado se torna Escotista (membro adulto que desenvolve as atividades com os jovens), Dirigente (membro adulto que desenvolve as atividades administrativas do Grupo Escoteiro) ou acaba por se afastar das atividades escoteiras.

Passei a maior parte da minha vida escoteira no ramo Lobinho⁴ como a única garota, mas isto não me fez desistir no movimento e eu participava ativamente das atividades aos sábados e dos acampamentos nos feriados ou finais de semana. O tempo foi passando e meus irmãos acabaram por sair (minha irmã mais nova, assim que completou idade suficiente entrou e ficou até seus 16 anos). Passei pela tropa escoteira, pela tropa sênior (neste ramo consegui a insígnia mais importante, o Escoteiro da Pátria) e pelo ramo Pioneiro. Quando completei 18 anos de idade meu grupo passou por sérias dificuldades quanto ao número de chefes e junto com minha vida e progressão pioneira, comecei a atuar como chefe assistente do ramo lobinho.

³ UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Escotistas em ação- Ramo Escoteiro**. Curitiba, 2012.p.18.

Fui também chefe de tropa sênior por quase dois anos e por fim, até o ano de 2016, atuei como assistente e mais tarde como chefe de seção da tropa escoteira. Neste ano, fui eleita diretora Presidente e assim como no início de minha vida escoteira, pretendo não desistir dos desafios que virão principalmente no que tange ao meu lugar como historiadora no processo de pesquisa e escrita deste trabalho.

II- EU HISTORIADORA

Muito mais que um desejo pessoal, esta pesquisa se faz importante também cultura e socialmente, pois pretende ser um exercício de reflexão sobre a construção identitária e das narrativas de memória do movimento escoteiro, pelo desafio de uma de suas participantes. Le Goff diz que a memória é essencial para a construção da identidade, seja individual ou coletiva e que sua busca é uma das atividades mais importantes e fundamentais para os indivíduos e/ou uma sociedade⁵. Desta maneira, a constituição desta memória e desta identidade coletiva, corrobora para a intuição de uma coesão, unificação e estruturação de um caminho e de uma história antes não contada.

Neste caso, essa construção historiográfica trata-se de

tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades [...] a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem a sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade. Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência.⁶

Pensando nisto, assim como escreveu Michel de Certeau, esta pesquisa traz os seguintes questionamentos “O que fabrica o historiador quando faz história? Em que trabalha? O que produz?”⁷, e faz lembrar a importância do ofício do historiador para si próprio e para o grupo social no qual pertence,

Auxiliando-o na construção do seu fazer, fazendo-se historiador como uma operação de construção de sentidos ao passado e ao presente [...], se refere à

⁵ LE GOFF, Jacques. Memória. **História e memória**. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992. Pg. 476.

⁶ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. Estudos históricos, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

⁷ CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 65.

combinação de um lugar social, de práticas científicas e de uma escrita, trata dos esforços empreendidos pelos que escrevem a história.⁸

Se é verdade que a particularidade do lugar de onde se fala e o domínio pela pesquisa faz do historiador uma autoridade sobre determinado estudo e cabe a ele fazer o diálogo entre o fato e a concepção social posterior e suas particularidades, reconhecemos o desafio do distanciamento metodológico que será necessário para abordar temática tão cara à minha trajetória pessoal. Ciente disso, entretanto, esta ligação entre o lugar social e a História justifica, apesar de minha aproximação com o objeto de estudo, esta pesquisa que se constitui como um jogo de aproximação e distanciamento: ora as minhas experiências pessoais contribuíram para a investigação, como durante o contato com os arquivos e os sujeitos ouvidos nesta pesquisa, ora, o olhar distanciado de quem (re)constitui a trajetória do movimento pelo olhar do historiador, assume uma postura crítica em relação ao que é narrado e reconstituído pelas fontes de natureza diversa.

III- Discussão bibliográfica e fundamentação teórica

Após pesquisa em bancos de dados, foram encontrados alguns trabalhos que dissertam sobre o processo no desenvolvimento do Escotismo brasileiro; sobre a história do Escotismo Mundial e a sua chegada em território nacional. Dentre os mais importantes para a consolidação desta pesquisa, direta e indiretamente, está a monografia em História de José Ricardo Cabidelli Oliveira, intitulada **Movimento Escoteiro: a vida de Baden-Powell e o nascimento do Escotismo (1907-108)**⁹, que analisa as condições sociais que favoreceram o nascimento do Movimento Escoteiro e a história de seu fundador, Robert Stephenson Smith Baden-Powell, seus reais objetivos e finalidades na época de sua criação.

No artigo **Movimento Escoteiro: projeto educativo extraescolar**¹⁰, por sua vez, Nilson Thomé analisa o papel do Escotismo no desenvolvimento do caráter do jovem. O autor

⁸ BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton [orgs]. **Por um outro Amanhã: apontamentos sobre aprendizagem histórica**. Rio de Janeiro/ União da Vitória: Ed. Ebook LAPHIS/ Sobre Ontens, 2016. p.299.

⁹ OLIVEIRA, José Ricardo Cabidelli. **Movimento Escoteiro: a vida de Baden-Powell e o nascimento do Escotismo (1907-108)**. Vitória, 2011.

¹⁰ TOMÉ, Nilson. **Movimento Escoteiro: Projeto Educativo Extra Escolar**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.23, p. 171–194, set. 2006.

trabalha em seu texto, sistematicamente, a formação do Escotismo no Brasil (principalmente na região Sul) e suas características como ferramenta pára-escolar.

Dentre as dissertações e teses desenvolvidas sobre o tema, está a disserção de mestrado, intitulada ***Sempre Alerta! O movimento Escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil (1910-1945)***¹¹, que propõe uma análise da trajetória do Movimento no Brasil e as relações da instituição com alguns projetos nacionalistas de educação entre as décadas de 1910 e 1940 com o fim do Estado Novo Getulista. Já a dissertação de Caio Fernandes Flores Coelho, intitulada ***A dádiva de si: Estudo etnográfico sobre o Movimento Escoteiro***¹² (2013), aborda como o Movimento Escoteiro e o trabalho voluntário influenciaram na vida daqueles que fazem parte do Escotismo no Rio Grande do Sul, desenvolvendo um ideal de vida, valores e formação de identidades.

Outra produção que me serviu de suporte, principalmente por tratar de uma temática mais próxima desta pesquisa- organização e desenvolvimento da história local foi a dissertação de mestrado de Ricardo Rocha Rabelo, intitulada ***“Uma vez escoteiro, sempre Escoteiro”: marcas da educação Escoteira em Sergipe (1958-2009)***¹³ (2012), que propõem uma análise do Movimento Escoteiro em Sergipe através das trajetórias de vida e experiências do Escotismo, no Estado de Sergipe.

Sobre a História do escotismo em Minas Gerais, destaco o artigo ***Educação e Civismo: Movimento Escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)***, que trata das características do Movimento Escoteiro em Minas Gerais, seus percursos e como o Governo contribuiu diretamente para a consolidação, através da reforma educacional de 1920, do escotismo em toda Minas Gerais.

Borges e Junior desenvolvem em um artigo, intitulado ***“Educação não formal e o movimento escoteiro: um estudo sobre o Grupo Escoteiro padre Anchieta, Ituiutaba, MG, Brasil.”***(2014), estudo sobre a importância e as características do Movimento Escoteiro

¹¹ NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. ***Sempre Alerta! O movimento Escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil (1910-1945)***. 2004. 149 f. Dissertação (Mestre em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

¹² COELHO, Caio Fernando Flores. ***A Dádiva de Si: Estudo etnográfico sobre o Movimento Escoteiro***. 2013. 159 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

¹³ RABELO, Ricardo Rocha. ***UMA VEZ ESCOTEIRO, SEMPRE ESCOTEIRO”: MARCAS DA EDUCAÇÃO ESCOTEIRA EM SERGIPE (1958 – 2009)***. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade de Tiradentes, Aracaju. 2012.

como uma ferramenta educacional e como um sistema extraescolar que teria dado certo na cidade de Ituiutaba. Apesar de não escreverem sobre a História do Movimento Escoteiro propriamente dito, acredito que este seja um trabalho importante para esta pesquisa, pois apesar de estar na área da educação, se preocupou em citar o escotismo no Triângulo Mineiro.

Ao constatar a carência de trabalhos com o desenvolvimento historiográfico dentro do recorte geográfico proposto neste trabalho, me senti desafiada e estimulada a realizar uma pesquisa para responder às dúvidas, (re)constituir uma história e os processos de identificação do Escotismo no Triângulo Mineiro. Deste modo, este estudo propõe novos debates sobre o tema que, até o momento, tem sido “ignorado” ou “esquecido” pela historiografia brasileira. Não tão distante e como um objetivo final, esta pesquisa, através das informações levantadas, poderá ser um estímulo inicial para que futuros historiadores e/ou pesquisadores possam se interessar pelo tema.

Esta pesquisa ainda pretende mapear as características e o surgimento do Movimento Escoteiro nas principais cidades do Distrito do Triângulo Mineiro, desde a sua primeira aparição, no final da década de 1930, em Araguari, até a formação dos Grupos Escoteiros no início da década de 1990, através da análise de documentos produzidos pelo próprio movimento, da imprensa e da trajetória de pessoas que participam ou participaram da constituição do escotismo na região. Este trabalho se aproxima da perspectiva da História Cultural, visto que, lança novos olhares sobre a história do Escotismo, assim como reconhece a importância da memória na constituição da identidade coletiva, inserindo-se mais especificamente na História do Tempo Presente.

A pesquisa no campo da “História do tempo presente”, por muito tempo foi banalizada entre historiadores e traz diversos desafios aos pesquisadores que entremeiam por este campo de pesquisa, já que, a relação entre historiador e seu objeto de estudo deveria se distanciar do tempo ocorrido, como afirma E.P. Thompson em uma entrevista “ao historiador, cabia trabalhar o passado; o presente seria pertinente ao estudo da sociologia”¹⁴.

Ao privilegiar o tempo presente, em suas pesquisas, o historiador se vê na condição de sujeito de seu objeto; contemporâneo do mesmo contexto e dos acontecimentos que envolvem o seu estudo, o que para alguns críticos, poderia comprometer a análise histórica. Mas, apesar das críticas, nota-se

¹⁴ MULLER, Helena Isabel. "A história do tempo presente algumas reflexões.". In. PORTO, Gilson (org). **História do tempo presente**. Bauru: EDUSC, 2007. P. 17.

que atualmente vem crescendo o interesse dos pesquisadores pelas pesquisas que privilegiam o curto recuo temporal¹⁵.

Entretanto, entre o final da década de 1970 e início da década de 1980, os debates acerca da historiografia aprofundaram-se e a relação entre passado e presente também se transforma. A partir de então, iniciou-se um movimento que passa a valorizar as experiências individuais. É nesta nova perspectiva historiográfica que entra em cena a História Cultural, que a partir da

renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como recortes inusitados do real, produzidos por questões renovadoras, a descoberta de documentação até então não-visualizada como aproveitável pela História, ou então a revisita de velhas fontes iluminadas por novas perguntas¹⁶.

Neste contexto, assim como a História Cultural, outros métodos de análises da História também surgem, novas propostas e novas correntes passam a ser incorporadas à categoria no campo de pesquisa histórica, como a História Oral e a História do Tempo Presente. De acordo com Chauveau e Tétard¹⁷, a aproximação entre o historiador e seu objeto não impede a produção de um conhecimento histórico e que esta proximidade “física”, além de um produto de uma pesquisa, proporciona também um privilégio que historiadores que estudam um passado remoto não podem vivenciar. Já Roger Chartier, reflete que

o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e, portanto partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais. Ele é pois o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja história ele escreve. Para o historiador do tempo presente, parece infinitamente menor a distância entre a compreensão que ele tem de si mesmo e a dos atores históricos, modestos ou ilustres, cujas maneiras de sentir e de pensar ele reconstrói¹⁸.

Assim, as representações se tornam fontes, sejam elas determinadas ou não por uma linha do tempo. Entretanto, a História do Tempo Presente ainda é permeada e condenada a

¹⁵ LEANDRO, Andressa Barbosa de Farias. **Do melhor possível ao sempre alerta: disciplinando corpos e construindo identidades no escotismo em Campina Grande- PB**. Dissertação (mestrado em História)- Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014. Pg. 24.

¹⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. pg. 69.

¹⁷ CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe. **Questões para a história do presente**. Trad. Ilka Stern Cohen. São Paulo. EDUSC, 1999, pg. 31.

¹⁸ CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**; tradução de Cristina Antunes. 2 ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Pg. 216.

“uma eterna transfiguração, uma pretensa ciência do presente se metamorfosearia, a cada momento de seu ser, em ciência do passado¹⁹”. Assim, permite-se identificar os diferentes modos e lugares que uma determinada realidade é pensada e construída e, ainda, apreendem, compreendem e estruturam o mundo e uma determinada sociedade²⁰.

Desse modo, percebe-se que a interpretação da História se dá através de como seus indivíduos e a própria sociedade a concebem e representam uma determinada realidade e como esta representação acaba por orientar suas práticas como um todo; construindo e desenvolvendo uma identidade e, também, suas rupturas ao decorrer do tempo.

Pensando nisto, o conceito de representação²¹ formulado por Chartier se faz muito importante para esta pesquisa, haja vista que neste trabalho estamos lidando com concepções e práticas produzidas entre a década de 1930 e 1990, que “designa o modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada e dada a ler por diferentes grupos sociais”²². E ainda,

Toda a representação coloca em jogo uma relação entre, no mínimo, três termos: a própria representação, seu conteúdo e um usuário. Três termos aos quais pode-se acrescentar um quarto: o produtor da representação, quando é distinto do usuário. Uma representação pode existir no interior do usuário: trata-se de uma representação mental. Uma representação pode também existir no meio ambiente do usuário, como por exemplo, o texto que está sob seus olhos: trata-se de uma representação pública, que é geralmente um meio de comunicação entre o produtor e um usuário distintos entre si²³.

Assim, estas novas perspectivas se tornam “armas” para a construção de novos caminhos, novas percepções, assim como fomentam novas ferramentas da escrita da história, permitindo assim a tradução do Eu em História, em uma construção de uma pesquisa.

¹⁹ BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**, trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p.60.

²⁰ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. (Col.) Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Pg 16-17.

²¹ Para Chartier as representações se dão através de discursos que compreendem e estruturam o mundo. Ver: CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. (Col.) Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Pg 16-17.

²² DAMASCENO, Yuri Wicher. **O Conceito de Representações da Nova História Política: Uma Análise dos Estudos de Missionários na África Meridional de Fins do Século XIX e Início do XX**. Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.4, nº7 jul-dez, 2014.p.05-15 p. 10

²³ SPENBER, Dan. In: JODELET, Denise (organizadora); ULUP, Lilian (tradutora). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. Pg. 91

VI- Metodologia e fontes

Interessada em dialogar com jovens e adultos a partir de suas próprias trajetórias de vida, com ênfase nas suas trajetórias dentro e fora do Movimento Escoteiro, distingo, como fio condutor desta pesquisa, duas faces: a metodologia da História Oral (com enfoque em um de seus desdobramentos ou gêneros, a história oral de vida) e a análise da representação do escotismo na imprensa local. A análise da imprensa local, assim como outros documentos oficiais serão utilizados na pesquisa para determinar o caminho do Movimento Escoteiro no distrito do Triângulo Mineiro entre as décadas de 1930 e o final da década de 1950, já que para esta determinação cronológica, não se conseguiu pessoas para a entrevista.

Já para o método principal, que são as entrevistas, a pesquisa se pautou do início da década de 1960 até o final da década de 1990, sendo a década de 1990 a década onde foram criados os últimos grupos que ainda estão ativos e têm mais de 15 anos de história²⁴. Entre os Grupos criados antes dos anos 2000 e que se encontram ativos até o final desta pesquisa são: Grupo Escoteiro Padre Anchieta, Grupo Escoteiro Triângulo, Grupo Escoteiro Inconfidentes, Grupo Escoteiro Professor Leôncio do Amaral e Grupo Escoteiro Potiguar.

A História Oral tem sido considerada pelas pesquisas atuais²⁵, como um campo teórico-metodológico que tem o compromisso, ou o impacto propositivo de auxiliar a desmistificar a visão de uma História com vertente epistemológica estruturalista; responsável, portanto, pela admissão da documentação oral, somente na ausência de documentos escritos, e pela prevalência do registro biográfico de pessoas consideradas personalidades históricas.

Como decorrência do aprofundamento dos estudos da história oral, acredito em uma subjetividade histórica como lugar de construção do conhecimento e como produção de um pensamento científico, que, em certa medida, fomenta meu interesse por esta abordagem.

²⁴ A partir da década de 2000, foram criados alguns Grupos na atual conjuntura do distrito do Triângulo Mineiro, que estão ou não ativos até o início desta pesquisa, sendo eles: O Grupo Escoteiro Frutal (ativo), localizado na cidade de Frutal (criado em: 2013), Grupo Escoteiro Tupaciguara (desativado- com autorizações temporárias da UEB), localizado em Tupaciguara (criado em: 2010), Grupo Escoteiro Caiapônia (ativo), localizado na cidade de Cachoeira Dourada (criado em 2012), Grupo Escoteiro Ekoá (ativo), localizado na cidade de Ipiacu (criado em 2015); Grupo Escoteiro Antonio Mendes (ativo), localizado na cidade de Capinópolis (criado em 2014). Grupo Escoteiro Cruzeiro do Sul, localizado na cidade de Uberlândia (criado em 2007).

²⁵ Alguns trabalhos sobre a História Oral: NOGUEIRA, Teresinha de Jesus Araújo. **Memória, História Oral e Narrativa: o encontro do possível na multiplicidade de pontos de vista.**; THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002; PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder.** *Mnemosine* Vol.6, nº2, p. 2-13 (2010); OTERO, L. F. História e memória: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: EDUFF, 1998.; LE GOFF, Jaques. História e Memória. 5. ed. Campinas, São Paulo, 2003.;

Contudo, concordo com Michel Pollak, quando este diz que nossa memória é seletiva e que nem tudo é absolvido e guardado em nosso cérebro.

Assim, situações vividas só se transformam em memória se aquele que se lembra sentir-se afetivamente ligado ao grupo ao qual pertenceu. Aliás, ao qual pertence, pois só se faz parte de um grupo no passado se continua afetivamente a fazer parte dele no presente²⁶.

Devido às suas características peculiares, estas fontes orais foram trabalhadas de modo especial, levando em conta a importância das mesmas na captação de experiências de vida, opiniões e vivências dos entrevistados. Portanto, as entrevistas feitas no decorrer desta pesquisa, têm como principal objetivo acessar as memórias individuais e coletivas dos entrevistados. Esta escolha se faz legítima, pois “o relato pessoal pode assegurar a transmissão de uma experiência coletiva e constituir-se numa representação que espelha uma visão de mundo²⁷”, que possibilita uma nova concepção e um novo caminho para a pesquisa histórica.

Nesta perspectiva, esta pesquisa não tem como objetivo uma abordagem universal dos fatos, mas sim uma abordagem que privilegia características peculiares do Movimento Escoteiro, o que não deixa de estabelecer conexões com totalidades – seja no campo político, social e ou cultural em questão. Neste sentido, quando o acesso a documentos se torna limitado, as entrevistas, se tornam uma fonte poderosa de auxílio e que podem render bons frutos. Assim, a História Oral como método e fonte para o historiador se faz importante, pois preenche lacunas e esclarece dúvidas que nem sempre são respondidas pelos documentos e pela História oficial. Para tanto, concordo com Laplatine, quando este diz que estas fontes são caracterizadas como um

encontro de uma experiência individual e de modelos sociais, num modo de apreensão particular do real, o da imagem-crença. Trata-se de um saber que os indivíduos de uma dada sociedade ou de um grupo social constroem acerca de um segmento de sua existência ou de toda sua existência. É uma interpretação que se organiza em proximal relação com o social e que se é concebida para aqueles que a elas colam, a própria realidade²⁸

Convido, pois, o leitor a seguir minha interpretação destas interseções entre minhas experiências pessoais e minha interpretação historiográfica do Movimento Escoteiro.

²⁶ D’ALÉSSIO, Márcia Mansor. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. **Revista Brasileira de História**, v. 13, n. 25/26, set. 1992/ago. 1993. Pg. 98-99.

²⁷ FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. 8ª ed. RJ: Editora FGV, 2006. Pg. 23.

²⁸ LAPLATINE, F. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p.241

CAPÍTULO 1 – OS PERCURSOS DO ESCOTISMO: DA INGLATERRA A MINAS GERAIS

Este capítulo é um convite ao leitor para embarcar em uma viagem histórica. Cresci ouvindo sobre a história do movimento escoteiro e como Lord Baden Powell fora inovador ao desenvolver o método escoteiro, e por muito tempo o considerei, como a maioria das pessoas que fazem parte do escotismo, um gênio, que ao acaso, desenvolveu um complexo programa de ensinamento ao criar o movimento escoteiro. Após estudos e cursos, compreendi que a fundação do escotismo é muito mais simples do que dizem por aí, como o próprio fundador escreveu, em seu livro *Scouting for Boys*, “o Escotismo é uma escola de cidadania através da destreza e habilidade em assuntos mateiros”²⁹.

No início da década de 1940, numa nova edição do mesmo livro, acrescentou: “o Escotismo tem sido descrito por mais de um entusiasta, como uma revolução em educação. Não se trata disso. É simplesmente uma sugestão lançada, ao acaso, para um alegre jogo ao ar livre, que tem sido reconhecido por formar uma ajuda prática à educação”³⁰, indicando, através destas declarações observa-se que o escotismo era uma ideia muito simples, uma opção aos jovens da Inglaterra do século XX, como um novo caminho, que não fosse a vida em que os jovens ingleses estavam vivendo no início do século, com pouca perspectiva de vida, a falta de emprego e imersos à crescente violência. O movimento escoteiro surgiu como resposta e por uma necessidade de ser um guia à juventude inglesa que se encontrava sem rumo no pós-guerra³¹, uma juventude sem muita perspectiva positiva para o futuro.

Revisitaremos, a seguir, as histórias de criação do escotismo e como foram se espalhando pelo globo, chegando a ser considerado o maior movimento (organizado) de educação não formal do mundo³².

²⁹ BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smyth (1986a). **Escotismo para rapazes**. Brasília: Editora Escoteira da União dos Escoteiros do Brasil, pg. 13.

³⁰ POWELL, Baden. **Escotismo para rapazes**. Edição da Fraternidade Mundial (1942). São Bernardo do Campo, SP: Editora Escoteira da União dos Escoteiros do Brasil, pg 36-37.

³¹ Guerra contra os Zulus, cerco de Mafeking. Ver: OLIVEIRA, José Ricaro Cabidelli. **Movimento Escoteiro: A vida de Baden Powell e o Nascimento do Escotismo (1908-1909)**. Vitória-ES, 2011. p.24.

³² LEANDRO, Andressa Barbosa de Farias. **Do melhor possível ao sempre alerta: disciplinando corpos e construindo identidades no escotismo em Campina Grande- PB**. Dissertação (mestrado em História)-Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014. Pg. 67.

1.1 A Emergência do Movimento Escoteiro: Inglaterra, 1907.

O movimento Escoteiro, instituição com mais de cem anos, está presente em mais de 200 países, com mais de 80 milhões de associados em todo o território mundial. Criado em 1907, por Robert Sterphenson Smith Baden Powell, nascido em 22 de Fevereiro de 1857, em Londres, na Inglaterra. Filho do reverendo Baden Powell e de Henrietta Grace, família muito bem relacionada no meio intelectual, mas que vivia de forma modesta³³.

Durante o século XIX, a Inglaterra foi considerada a maior potência econômica do mundo, com territórios em praticamente todos os continentes, a maior economia, maior mercado e maior polo industrial. Ao mesmo tempo em que mantinha seu título de maior potência mundial, o próprio país passava por diversas mudanças e transformações sociopolíticas. A Era Vitoriana³⁴, desencadeou uma onda conservadora e progressista no país, com princípios rígidos e de interesses da elite. Morais comenta que

Foi um século [o XX] de características muito peculiares, na Inglaterra, pois, ao lado das diferentes formas de materialismos que começavam a surgir: o materialismo positivista, o evolucionista, o utilitarista, o dialético, uma onde de puritanismo de caráter religioso delineou um comportamento social marcado por dogmatismos e radicalismos, que influenciaram, por sua vez, a produção literária da época. Grassavam as ambiguidades, mormente entre discussões moralizantes e práticas sociais resultantes da libido reprimida³⁵.

Foi no Reinado de Eduardo VII, filho da Rainha Vitória, que o movimento escoteiro tomou força. Rei Eduardo VII, que reinou de 1901 a 1910, teve como principais objetivos fortalecer os negócios navais e militares. Foi neste contexto que a Inglaterra transformou seu sistema agrícola no mais industrializado do mundo, fortalecendo ainda mais o poder inglês frente às outros países.

As transformações políticas influenciaram diretamente no cotidiano da população inglesa no século XIX, junto com o progresso, veio o desenvolvimento social do país. Entre a era vitoriana e o Reinado de Eduardo VII, a população triplicou e a relação do homem com a

³³ OLIVEIRA, José Ricaro Cabidelli. **Movimento Escoteiro: A vida de Baden Powell e o Nascimento do Escotismo (1908-1909)**. Vitória-ES, 2011. p.25.

³⁴ A era Vitoriana se caracteriza pelo período no qual a Rainha Vitória reinou sobre a Inglaterra, entre 20 de Junho de 1837 e 22 de janeiro de 1901. A rainha Vitória sobe ao trono após a morte do então Rei Guilherme VI, que não deixara herdeiros, aos 18 anos de idade. Ver: OLIVEIRA, José Ricardo Cabidelli. **Movimento Escoteiro: a vida de Baden-Powell e o nascimento do Escotismo (1907-108)**. Vitória, 2011., p.21-24.

³⁵ MORAIS, Flávia D. Costa. A leitura na Inglaterra vitoriana: sua função social e artística. **Falla dos Pinhaes**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.1, n.1, p.63-71, jan./dez. 2004. p.63.

máquina se transformou e as condições de vida e de trabalho fossem objeto de preocupação do governo. Esta “lua de mel” só foi desafiada por Napoleão e o fim da Primeira Grande Guerra³⁶.

O fim da Grande Guerra trouxe grandes prejuízos para o Velho Mundo. Inglaterra e França, que entraram na Guerra como as duas maiores potências, saíram do conflito em uma profunda recessão econômica. Assim, o movimento Escoteiro (1907) surge como uma opção e uma ferramenta para regeneração de uma juventude inglesa, que se via imersa em *pubs* e bebidas, perdida em valores distorcidos pela comodidade da vida na cidade. Baden Powell acreditava que a “regeneração era a manifestação esperançosa do paternalismo intelectual, político e militante, que se propunha a higienizar as cidades através da difusão de novos valores”³⁷

Baden Powell iniciou sua vida no exército, como subtenente da Cavalaria, aos 19 anos, logo após a conclusão de sua formação acadêmica pela escola Chaterhouse³⁸. Do início de sua carreira militar até o momento em que lhe garantiria fama e prestígio como herói na Inglaterra levaram 23 anos. Como membro do exército Inglês, participou de diversas campanhas, atuando na Guerra da Criméia³⁹; participou da guerra contra os Zulus⁴⁰ e, posteriormente, contra os Matabeles⁴¹ e os Ashantis⁴², como tenente coronel. Entretanto, é em 1899 que Baden Powell torna-se o grande herói Britânico, quando é designado para a guerra dos Boers, na África do Sul, quando acontece o cerco de Mafeking, importante entroncamento ferroviário e ponto estratégico militar.

A batalha ocorreu entre 13 de outubro de 1899 e 18 de maio de 1900. Na estratégia que estabeleceu para defender Mafeking, Baden-Powell formou um círculo externo dotado de seis pequenos fortes. O seu Exército tinha

³⁶ HOBBSBAWM, E. J.; TOLEDO, Yolanda Steidel de. **A era dos impérios (1875-1914)**. 7 ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2002. P. 237.

³⁷ NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell – cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.p. 35.

³⁸ Para uma biografia de Powell, ver: OLIVEIRA, José Ricardo Cabidelli. **Movimento Escoteiro: a vida de Baden-Powell e o nascimento do Escotismo (1907-108)**. Vitória, 2011.

³⁹ A Guerra da Criméia foi um conflito entre o Império Russo de um lado e do outro, o Império Otomano, com o apoio da Grã Bretanha, França e Sardenha, entre outubro de 1853 e fevereiro de 1856, com o objetivo de conter o avanço da expansão Russa.

⁴⁰ O Povo Zulu habita o sul da África; fizeram parte de conflitos contra a Inglaterra no início do século XIX.

⁴¹ Segunda Guerra contra os Matabeles ocorreu entre 1896 e 1897, entre os Matabeles e a Grã Bretanha.

⁴² Campanha contra os Ashanti (Gana), para controle do território rico em ouro pela Grã Bretanha, em 1895.

como efetivo militar 1.215 homens, enquanto a população civil era de 9.500 habitantes. Já os Bôers, que cresceram e queriam tomar a cidade, eram em torno de 9.000 e bem mais armados que os britânicos. Baden-Powell resistiu ao cerco da cidade durante 217 dias, até a chegada de reforços. Para os serviços auxiliares e primeiros socorros, comunicação e cozinha, organizou um pelotão de adolescentes (nativos), apanhando aí alguns elementos que utilizaria ao final do conflito para organizar o movimento escoteiro. Considerado herói, por sua atuação em tal guerra, Baden-Powell foi promovido a major-general, o mais jovem general da História da Inglaterra, aos 43 anos de idade, sem ter cursado o Staff College⁴³.

Sem desconsiderar que esta campanha tenha sido uma Guerra pela dominação e manutenção das colônias africanas, além de outras características como a utilização de crianças no conflito- que não pode ser ignorado dentro deste processo, o que mais chama a atenção é que nas narrativas sobre a História do Escotismo, principalmente no que tange os cercos e Guerras nas quais Baden Powell participou, foi a força e capacidade que Baden Powell de resistir ao ataque dos Boers, utilizando-se, principalmente de sua perspicácia e imaginação para manter o exército inglês firme, defendendo a cidade (Forte Inglês) por cerca de 217 dias, garantindo que ela não fosse invadida pelos Zulus.

Dentre a população de Mafeking, havia um número significativo de jovens. Certa ocasião, um deles adentra o cento de comando e pede para também auxiliar na defesa de sua cidade. Baden-Powell percebe aí uma oportunidade, ainda que crítica, para utilizar os jovens em tarefas mais simples no esforço de defesa, tais como auxiliar na cozinha, na enfermaria, na observação da movimentação do inimigo e em entrega de mensagens entre os postos de comando, sempre primando pela segurança. Desta experiência, concluiu que, ao se confiar nos jovens e atribuir-lhes responsabilidades, eles certamente retribuirão com eficácia⁴⁴.

Ao regressar a Londres, em 1901, foi recebido como herói. Entretanto, ao retornar acaba por encontrar uma Londres sociamente caótica, emergida em desemprego, crimes e vadiagem envolvendo, principalmente, crianças e jovens. Encontrou, segundo Nagy⁴⁵ uma cidade diferente da que viveu e diferente da que esperava ser a Inglaterra do capitalismo:

⁴³ NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell** – cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2008.p.32.

⁴⁴ DUTRA, Carlos Eduardo. **Movimento Escoteiro: Liderança com base em valores**. 2014 p.10-11. Disponível em WWW.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2016/02/Movimento_Escoteiro_lideranca_com_base_em_valores.pdf . Acessado em 04, Nov. 2017.

⁴⁵ NAGY, Laszlo. **250 Milhões de Escoteiros**. Rio Grande do Sul: União dos Escoteiros do Brasil, 1987.p.54

deparou-se com uma juventude sem saúde, beleza, esmolando e fumando; foi neste momento que BP resolveu por no papel tudo aquilo que aprendeu quando jovem⁴⁶ e durante seu serviço militar. BP foi o primeiro a traduzir alguns aspectos de sua própria vida e experiências para um modelo pedagógico e apresentá-los em uma maneira simples, prática e acessível a todos, especialmente aos jovens⁴⁷.

Em 1906, conheceu Ernest Thompson Seton, um britânico que vivia nos Estados Unidos, com quem compartilhou sua visão sobre programas de treinamento de juventude. Destes encontros, surgiu a ideia de escrever um livro original. Baden Powell já tinha livros publicados⁴⁸, mas estes, específicos para militares. Resolveu que desta vez a abordagem teria como principal objetivo o desenvolvimento de jovens e crianças e não apenas de soldados. Seu ideal era de romper com o modelo militar como forma pedagógica de educação, pois acreditava que o autoritarismo militar limitava a criatividade e o individualismo dos jovens.

Vale ressaltar que BP não negou o que aprendeu durante seu trabalho no exército britânico, utilizando-se das técnicas e valores aprendidos e desenvolvidos, mas reinventando o método como estes conhecimentos eram repassados, sem deixar de dar a devida importância ao papel da escola na reconstrução dos valores sociais.

Em 1907, ao mesmo tempo em que se afastava de suas responsabilidades no exército, escreveu o livro "*Scouting for boys*"⁴⁹, entretanto, antes de publicá-lo, ainda no mesmo ano, entre os dias 29 de julho e 08 de agosto, reuniu 20 jovens⁵⁰ na Ilha de Browsea, no sul da Inglaterra, para um acampamento teste, onde experimentou diversas técnicas que gostaria de colocar em seu livro.

Dentre as diversas atividades desenvolvidas nos 11 dias de acampamento, BP trabalhou o espírito de equipe e primeiros socorros, dividindo os jovens em equipes que

⁴⁶ OLIVEIRA, José Ricardo Cabidelli. **Movimento Escoteiro: a vida de Baden-Powell e o nascimento do Escotismo (1907-108)**. Vitória, 2011. p. 25-26.

⁴⁷ NAGY, Laszlo. **250 Milhões de Escoteiros**. Rio Grande do Sul: União dos Escoteiros do Brasil, 1987.p.55.

⁴⁸ 31 livros e 15 livretos até 1941. Ver: NAGY, Laszlo. **250 Milhões de Escoteiros**. Rio Grande do Sul: União dos Escoteiros do Brasil, 1987.p.242-243.

⁴⁹ Traduzido para o português como **Escotismo para rapazes**. Teve como molde o livro já publicado "*Aids to scouting*", entretanto, com uma abordagem pedagogia e não militar.

⁵⁰ Alguns dos quais eram membros da "Boys Brigade", outros eram filhos de amigos, na Harrow, Eton e outras escolas da elite. A maioria deles, entretanto, era constituída por alunos de escolas dos subúrbios mais pobres de Londres, filhos de agricultores e operários de modestos recursos. Eles foram seus primeiros "cobaías" do método desenvolvido por Baden Powell. Ver: OLIVEIRA, José Ricardo Cabidelli. **Movimento Escoteiro: a vida de Baden-Powell e o nascimento do Escotismo (1907-108)**. Vitória, 2011. p.27.

denominou como patrulhas⁵¹. O acampamento foi um sucesso e, em 1908, publicou, em 6 fascículos, o livro que escrevera; em pouco tempo, com o sucesso do livro, os próprios jovens londrinos se reuniam para colocar em prática os conselhos de Baden Powell.

As demandas geradas pelo sucesso do livro e o movimento levantado pela juventude do país fez com que, em 1910, o então tenente-general solicitasse o seu desligamento definitivo do exército Britânico para dedicar-se exclusivamente na estruturação, divulgação e organização, visto sua preocupação para que o Movimento Escoteiro não se tornasse mais uma organização que tentasse melhorar a situação da sociedade Britânica.

Nascia então, a partir de uma ideia simples e o desejo por um mundo melhor, o maior movimento juvenil e de educação não formal (organizado) do mundo, tendo como principal ideal, o desenvolvimento do ser humano como um todo, e que os jovens possam assumir sua plenitude como um cidadão de caráter, ativo e úteis à sua comunidade⁵². O método Escoteiro logo se estendeu por toda a Europa e pouco tempo depois, ao mundo todo⁵³. Em uma carta endereçada à sua mãe, Lord Baden Powell escreveu: "Acredito, fortemente, que o Escotismo em breve se tornará um movimento internacional"⁵⁴.

1.2 O Movimento Escoteiro: Brasil, 1910.

Após a Primeira Grande Guerra, o nacionalismo ganhou um maior destaque das discussões políticas e sociais brasileiras. O ideal nacionalista pensava a educação e a saúde como os pilares para redenção e um projeto da nova nação e identidade brasileira. No âmbito da saúde, o nacionalismo tinha como objetivo principal, a construção de uma identidade coletiva para a formação da nação e de um povo forte capaz de salvar o país⁵⁵.

No campo da educação, o objetivo mais desafiador era erradicar o analfabetismo; vários autores apontam que a inexistência de um sistema básico de ensino e a alta taxa de analfabetismo eram os pontos mais preocupantes no pensamento social no início do século XX, "O analfabetismo era, se não o maior, um dos grandes obstáculos que o Brasil tinha que

⁵¹ No movimento Escoteiro a patrulha significa a formação de uma determinada Equipe, que funciona de certa forma autônoma em uma tropa escoteira. É formada, no ramo escoteiro, por até 8 jovens (mulheres e homens) e na tropa sênior com um número máximo de até 6 jovens. Ver: UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Princípios, Organização e Regras**. Ed. 10, Curitiba. 2013. p- 51-52, 57-58.

⁵² UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Princípios, Organização e Regras**. Ed. 10, Curitiba. 2013. Pg.13.

⁵³ Com o intuito de não perder a identidade do método como um movimento inglês, BP, requereu em 1911 uma Carta de Patente Real, concedida em 1912, fazendo com que o Movimento Escoteiro possuísse a partir de então uma identidade legal.

⁵⁴ Apud NAGY, Laszlo. **250 Milhões de Escoteiros**. Rio Grande do Sul: União dos Escoteiros do Brasil, 1987. p.71.

⁵⁵ NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Educação e Civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)**. revista brasileira de história da educação n° 7 jan./jun. 2004. p.70.

ultrapassar⁵⁶”. O discurso republicano defendia a popularização do ensino básico como uma ferramenta de formação dos cidadãos, que, ao terem consciência de seus direitos e deveres, estariam aptos a uma maior participação social e política.

O Movimento Escoteiro, por ser um método educacional extraescolar de valorização do ideal de civismo e da educação do corpo, esteve presente na agenda política dos nacionalistas do pós-guerra e, principalmente, nas reformas educacionais já na década de 1920. E assim como a preocupação de Baden Powell com a o fortalecimento dos valores que, para BP, estavam esquecidos, o movimento escoteiro também se tornará uma opção no discurso daqueles que na época se preocupavam e buscavam uma sociedade “mais coesa” e com uma identidade própria – questões caras ao Brasil. Diversos são as instituições que apoiaram as ideias de Baden Powell, entre elas, a liga nacionalista de São Paulo e a liga de defesa nacional (LDN) entre os anos de 1916 e 1917, que defendia a ascensão de uma consciência cívica – não necessariamente democrática - por meio da educação e do alistamento militar⁵⁷. Podemos perceber este entusiasmo institucional pelo escotismo no Estatuto da LDN:

(...) manter a idéia de coesão nacional, defender o trabalho nacional, difundir a instrução militar nas diversas instituições, desenvolver o civismo, o culto ao heroísmo, fundar associações de escoteiros, linhas de tiro e batalhões patrióticos, arrivar o estudo da História do Brasil e das tradições brasileiras, promover o ensino da língua pátria nas escolas estrangeiras existentes no país; propagar a educação popular e profissional, difundir nas escolas o amor à justiça e o culto ao patriotismo; combater o analfabetismo⁵⁸.

É no final da década de 1910 e início da década de 1920 que o escotismo se consolida no Brasil; o método foi introduzido no âmbito escolar e nos sistemas públicos, como exemplo social se difundindo em diversos Estados do país. Além das instituições e políticas públicas, o movimento escoteiro teve o apoio das instituições religiosas, principalmente da Igreja Católica.⁵⁹

Um dos principais pilares do escotismo, expresso no juramento, era o respeito a Deus. A doutrina, expressa nas leis, tinha como objetivo formar indivíduos em uma rígida moral, que incluía, dentre outros valores e

⁵⁶ BOMENY, Helena Maria Bousquet. **Os intelectuais da educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 12.

⁵⁷ NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Educação e Civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)**. revista brasileira de história da educação n° 7 jan./jun. 2004, p.48-49.

⁵⁸ Estatutos da Liga de Defesa Nacional *apud* NAGLE, Jorge. **A educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1974, p. 331.

⁵⁹ Ver: SILVA, Alexandra Lima da. **Lado a lado: marcas Católicas do bandeirantismo no Brasil**. Hist. Educ. (Online) Porto Alegre v. 21 n. 52 Maio/ago., 2017 p. 21-39, p 28.

posturas: obediência, lealdade, amor e sacrifício ao próximo, humildade, franqueza, caridade, piedade para com os animais, equilíbrio do espírito, ética viril, valorização do trabalho, vida em família, autocontrole sexual e disposição à alegria. Nesse sentido, o escotismo passou a ser uma prática ligada a vários grupos religiosos, principalmente os católicos. Os protestantes e judeus também se interessaram pelo Movimento no Brasil. [...] na década de 1920, os mórmons e os judeus incluíram o escotismo em seus projetos educacionais⁶⁰.

O primeiro Grupo Escoteiro no Brasil surgiu na cidade do Rio de Janeiro, no mesmo ano de sua criação, em 1910, com o nome *Centro de Boys Scouts do Brasil*. A ideia foi trazida por iniciativa dos militares da marinha, que ao desembarcarem numa missão em Londres se depararam com um movimento com as características tão almejadas pelo governo. Nos primeiros anos do escotismo no país, fundaram-se diversos grupos escoteiros pelo Brasil. Até então, o movimento tinha características dispersas devido à falta de um órgão que representasse e fomentasse os Grupos espalhados pelo país.

Foi em 1914 que ocorreu a primeira tentativa de ser dar mais coesão ao movimento escoteiro no Brasil, através da criação da Associação Brasileira de Escoteiros (ABE), em São Paulo. Na ABE, atuavam diversos nomes importantes na sociedade, entre eles militares de alta patente e o ex-governador de São Paulo e ex-presidente da república, Washington Luiz, além do apoio da LDN e a Liga Nacionalista de São Paulo.

O apoio militar e das Ligas surtiram efeito rapidamente na difusão do escotismo no Brasil, o método foi introduzido nas escolas, em 1917, como forma de treinamento para inspetores e diretores escolares. Foi neste mesmo ano que, por meio do decreto Federal 3.297 de 11 de julho de 1917, o escotismo foi considerado utilidade pública Nacional⁶¹. De acordo com Souza (2000), a falta de orientação pedagógica dificultou a implantação efetiva do escotismo nas escolas. A autora afirma que o escotismo foi introduzido no sistema escolar paulista em função da decadência dos batalhões infantis, que, por desenvolverem exercícios

⁶⁰ NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Sempre Alerta! O Movimento Escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil 1910–1945**. 2004. 149 f. Dissertação (Mestrado em História)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004. p.82.

⁶¹ “A aprovação da norma foi pleiteada por intermédio de Mário Cardim, inspetor de ensino em São Paulo e apaixonado militante escoteiro, com o presidente da República Wenceslau Brás e o deputado federal por São Paulo César Lacerda de Vergueiro”. Veja: BLOWER In NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Educação e Civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)**. revista brasileira de história da educação n° 7 jan./jun. 2004, p.64).

extremamente militarizados, caíram em desuso após a Primeira Guerra Mundial. Afirmar também que “*o espírito militar ainda sobreviveria mediante a prática do escotismo*”⁶².

Juntamente com a eclosão do espírito nacionalista, o Movimento Escoteiro no Brasil se espalhou rapidamente devido ao Movimento de Renovação Educacional, conhecido mais tarde como *Escola Nova*. Com ideias de modernização do sistema e do ambiente escolar, os pensadores deste movimento colocavam como principal objetivo um reviravolta no papel do educando no processo educacional, a partir dali, o aluno estaria no centro das reflexões e o escotismo se aproximava desta concepção de educação, quando coloca o jovem como parte de sua progressão e defende o protagonismo juvenil como principal linha de desenvolvimento.

O escotismo surgiu em uma época em que brincadeiras e jogos adquiriram um novo significado para os educadores. A recreação tornou-se uma ferramenta a mais na formação do caráter, o que refletia não apenas novos modelos pedagógicos, mas também novas atitudes em relação ao brincar e jogar⁶³.

Apesar da forte ligação entre Escola Nova⁶⁴ e o Escotismo, as atividades escoteiras eram realizadas, principalmente, fora dos muros da escola. Em 1924, é fundada a União dos Escoteiros do Brasil (UEB), com o objetivo de centralizar e organizar todas as associações que até então tinham sido formadas por todo o país, entre elas: Associação Brasileira de Escoteiros (ABE), Associação dos Escoteiros Fluminenses, Confederação dos Escoteiros do Mar, Grêmio dos Bandeirantes Mineiros e Associação de Escoteiros Católicos.

Hoje, o que é conhecido como Movimento Escoteiro está organizado institucionalmente no país por meio de três grandes instituições: UEB, associada à *World Organization of the Scout Movement*⁶⁵, a Associação Escoteira Baden-Powell, associada à

⁶² SOUZA, Rosa Fátima de. **A militarização da infância: Expressões do nacionalismo na cultura brasileira.** Cadernos Cedes, ano XX, no 104 52, novembro/2000, p. 109.

⁶³ ZUQUIM; CYTRYNOWICZ. Notas para uma história do escotismo no Brasil: a “psicologia escoteira” e a teoria do caráter como pedagogia de civismo (1914-1937), p. 50.

⁶⁴ “No Brasil, a crítica à escola tradicional, na transição do século XIX para o século XX, culminou no que ficou conhecido pelo Movimento da Escola nova e teve no Escotismo uma parceria pedagógica.” Vale ressaltar que o movimento da escola nova no Brasil primou por “[...] métodos que buscavam na ‘atividade’ a sua validação”. Ver: VIDAL In RABELO, Ricardo Rocha; BARRETO, Raylane Andreza D. Navarro. **O escotismo como Associação voluntária no início do século XX: prática pedagógica extra-escolar.** *Interfaces Científicas – Educação*. Aracaju. V.01. n.03. p. 33-41. jun. 2013, p.37.

⁶⁵ Organização Mundial do Movimento Escoteiro. Organização que fomenta todas as associações ligadas ao método Escoteiro, em âmbito Mundial, localizada em Genebra-Suíça.

*World Federation of Independent Scouts*⁶⁶ e a Federação Brasileira de Bandeirantes, *World Association of Girl Guide and Girl Scouts*⁶⁷.

De acordo com a UEB, em 20 de outubro de 2017, o número de associados à instituição chegou a uma marca histórica de 100.000 associados entre membros juvenis e adultos voluntários distribuídos em Grupos Escoteiros e seções autônomas em praticamente todo o território Nacional. De acordo com Alessandro Garcia Vieira, atual presidente da Instituição,

crescer é fundamental para que sejamos mais conhecidos e, consequentemente, reconhecidos pela relevância do trabalho educativo que desenvolvemos. Agradecemos a todas as Diretorias Regionais, Áreas Geográficas, Distritos, Grupos Escoteiros e Seções Autônomas pelo empenho e participação nas estratégias de crescimento do Movimento do Brasil.⁶⁸

1.3 O Movimento Escoteiro: Minas Gerais, 1926-27.

Em Minas Gerais encontramos notícias sobre o escotismo no período anterior a 1926. As informações revelam a existência de alguns poucos grupos e a falta de organização institucional do escotismo mineiro. Foi no governo de Fernando Melo Viana (1922-1926) que o movimento escoteiro saiu do patamar informal e dos discursos políticos educacionais para se tornar um movimento organizado e educacional dos jovens, com pleno apoio oficial do Estado. Em 1926, foi criado o primeiro Grupo Escoteiro no tradicional colégio *Gymnasio Mineiro*, tendo como principal nome o professor Antônio Pereira da Silva, o Chefe Pereira, como ficou conhecido, devido a diversas ações protagonizadas pelo professor em prol do Movimento. Em 1925, por iniciativa do Chefe Pereira, foi fundado o segundo Grupo Escoteiro, denominado Escoteiros populares⁶⁹.

⁶⁶ Federação Mundial dos Escoteiros Independentes (WFIS), assim como a Organização Mundial, ela é uma instituição que organiza Grupos e Associações ligadas ao Escotismo reconhecidos por ela, localizada em Laubach-Alemanha.

⁶⁷ Associação Mundial das Guias e Escoteiras. Organização que fomenta todas as Associações Escoteiras com atividades ligadas somente às mulheres, localizada em Londres-Reino Unido.

⁶⁸ União dos Escoteiros do Brasil. **Atingimos a marca histórica de 100 mil escoteiros no Brasil!!!**.2017. Disponível em: http://www.escoteiros.org.br/noticia-detalle/atingimos-a-marca-historica-de-100-mil-escoteiros-no-brasil/?utm_term=Atingimos+a+marca+historica+de+100+mil+escoteiros+no+Brasil%21&utm_campaign=Escoteiros+do+Brasil&utm_source=e-goi&utm_medium=email&eg_sub=0452e6960c&eg_cam=6350e011221f9fb49dcdde7f8dc60879&eg_list=21 . Acessado em 08/11/2017, às 11:43.

⁶⁹ NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Educação e Civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)**. revista brasileira de história da educação n° 7 jan./jun. 2004, p.56.

É em setembro de 1926, com a chegada de Antônio Carlos Andrada à presidência do Estado que o escotismo se fortaleceu e se expandiu por toda Minas Gerais. Chefe Pereira iniciou uma jornada pelo interior do Estado para divulgar as ideias de Baden Powell e em pouco tempo já existiam Grupos em Barbacena e Juiz de Fora⁷⁰. Ainda no mesmo ano, foi criada a Associação de Escoteiros de Barbacena, com todo apoio do Estado como pode ser percebido em um telegrama enviado ao presidente Antônio Carlos, pelo então responsável pela Associação e doutor Amando Brasil de Araujo,

com viva satisfação tenho a honra de comunicar a v. exc. haver-se fundado hoje, em reunião por mim convocada, presente professor Pereira da Silva, a Associação Barbacenense de Escoteiros, acudindo assim patriótico appello sua plataforma⁷¹

No decorrer dos anos, o movimento escoteiro se fortaleceu graças ao apoio do então presidente do Estado, que nos anos de 1927 e 1928 realizou uma forte campanha de apoio ao Escotismo, através de publicações, viagens e, principalmente, por meio do decreto do Regulamento do Ensino Primário, que uniu os propósitos do escotismo às bases instauradas pela reforma proposta por Francisco Campos, jurista e o então Secretário do Interior, do Governo de Campos. A então reforma do Ensino Primário foi marcada por dar meios à organização da cultura escolar e a organização do ensino secundário.

Dentre os diversos artigos do regulamento aprovado pelo decreto n. 8.094, de 22 de dezembro de 1927, destaca-se o Artigo 207, que determina o Movimento Escoteiro como uma das instituições complementares ao ensino regular:

Art. 207 – Será instituído entre os alumnos das escolas primarias, com caracter facultativo e como instrumento de educação physica, moral e cívica, o pequeno escoteirismo.

Parag. 1º – A instrucção será ministrada por instructores escoteiros, fóra dos dias de funcionamento escolar, de accordo com as instrucções organizadas pela Inspectoria de Educação Physica⁷².

E ainda se refere ao movimento como

⁷⁰ NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Educação e Civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)**. revista brasileira de história da educação n° 7 jan./jun. 2004, p.62.

⁷¹ “Associação dos Escoteiros de Barbacena”, *O Jornal de Barbacena*, Barbacena, 14 jul. 1927.

⁷² NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Educação e Civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)**. revista brasileira de história da educação n° 7 jan./jun. 2004, p.59.

uma admirável escola de educação, já consagrada nos mais importantes paizes do mundo pelos seus fructos grandiosos, alguns dos quaes se mostram vicejantes em nosso proprio paiz⁷³.

Todo este apoio do Governo e as várias determinações legislativas em favor a difusão do escotismo nas Minas Gerais, só foram possíveis graças aos ideais nacionalistas que tinham como principal objetivo propor uma educação cívico-patriótica e com características ligadas ao militarismo no Estado, fortalecendo ao mesmo tempo o campo educacional e o movimento escoteiro a partir da reforma de 1927 e também da lei numero 1.003, de 21 de setembro de 1927 que determinava uma subvenção de 100.000 contos réis para despesas com viagens e outros gastos com o Escotismo no primeiro mandato de Antônio Carlos.

Estes incentivos fortaleceram ainda mais o movimento escoteiro em Minas Gerais, permitindo a criação de outros Grupos e a instauração da Associação Mineira de Escoteiros (AME)⁷⁴, órgão que ficou responsável por toda a organização do escotismo no Estado, tendo como responsável o chefe Pereira que foi nomeado pela diretoria Nacional da União dos Escoteiros do Brasil. Em 1928, a AME passou a se chamar Federação Mineira de Escoteiros (FME), por sugestão de Azambuja Neves, presidente da UEB. A partir da década de 1930, com a ascensão de Olegário Maciel ao Governo e o decréscimo do apoio financeiro, o crescimento e a criação de novos Grupos não se deu da forma esperada, quanto nos anos anteriores, como visto no trecho a seguir do artigo do escoteiro Herbert Brant Aleixo, no *Jornal do Brasil*, em 1933⁷⁵:

Há cerca de dois anos, o escotismo mineiro, talvez mesmo por influencia do periodo latente por que passava a instituição em todo o Brasil, sofreu grandemente, tanto em seu entusiasmo quanto em seu trabalho. A FME, a quem competia fazer viver e vibrar o escotismo no nosso meio, não dando cumprimento aos seus fins, pelo desinteresse da maioria dos seus elementos, ainda mais aumentava a decadência por que passava o nosso escotismo. Os grupos desapareceram como fruto do desinteresse da FME, e muito também pela falta de apoio material e mesmo moral do actual Governo Mineiro...Só funcionavam os grupos Guia Lopes e o Barão de Macahubas quando Pereira da Silva ficou doente.

Aparece então o amor pela causa e o esforço dos que a compreendem e a admiram. Em Outubro do ano passado (1932), surge na capital uma

⁷³ NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Educação e Civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)**. revista brasileira de história da educação n° 7 jan./jun. 2004, p.59.

⁷⁴ Teve início, em 1927, através da fusão do Grupo Associação de Escoteiros Gymnasio e G.E Populares. Seu principal objetivo foi a formação dos chefes Mineiros. Ver: NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Educação e Civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)**. revista brasileira de história da educação n° 7 jan./jun. 2004, p.61.

⁷⁵ “O Escotismo Mineiro, breve histórico”, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 7 jan.1933.

Associação Escoteira (Associação Auxiliar do Escotismo). O seu programa, se bem que não seja completo não é mau. Há esforço e boa vontade. Há entre gente leiga na nossa causa, pessoal antigo.

De acordo com Aleixo, a crise do Movimento Escoteiro em Minas Gerais nos anos 1930 teria se dado pelos seguintes motivos: a FME teria sido omissa quanto ao seu papel de apoiadora aos Grupos e ao escotismo de forma geral; o desaparecimento de Grupos e desprestígio (moral e financeiro) do escotismo no governo de Olegário Maciel. No início do ano de 1932, os dois últimos grupos remanescentes da década de 20 encerraram suas atividades durante o afastamento do chefe Pereira por motivos de saúde; foi somente no final do mesmo ano, graças à mobilização de antigos escoteiros, que o movimento escoteiro “ressurgiu” com a volta do Grupo Guia Lopes, do antigo Gymnasio Mineiro, criado ainda no governo de Mello Viana, com o intuito de (re)fortalecer o escotismo no Estado⁷⁶.

Vale ressaltar que esta crise não se deu apenas no Estado de Minas Gerais, mas em todo o Brasil. Não se sabe muito sobre os motivos desta crise nacional, mas ao que indica o momento político difícil na década de 1930, com o fim da República Velha, a queda da bolsa em 1929, o golpe de Estado e a posse de Getúlio Vargas, podem ter influenciado o declínio do Escotismo.

Se entre os anos de 1910 ao final da década de 1920, o Brasil foi permeado por discursos sobre o controle social e a construção de um sentimento nacional - de um povo forte e patriota; a educação foi tida como um espaço privilegiado e o movimento escoteiro como instituição auxiliadora para estes fins. Já na década de 1930, o movimento escoteiro foi usado pelo governo como produto final de uma propaganda de sociedade “perfeita”, utilizando-se do método escoteiro e de seus princípios que delineavam um sujeito cheio de virtudes, com amor a pátria, a Deus e ao Próximo.

Esta nova perspectiva acerca do Movimento Escoteiro, tanto em Nível Nacional, quanto a nível regional, traz uma percepção do papel do imaginário na construção da Nação ou das Instituições. A aceitação do Movimento Escoteiro vai muito além de suas características materiais e técnicas e permeia o campo da imaginação para o fortalecimento deste movimento, que transcende o campo físico e se ampara em seus símbolos, ritos e princípios éticos para determinar uma visão de mundo. Assim, em um momento onde o

⁷⁶ NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Educação e Civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)**. revista brasileira de história da educação n° 7 jan./jun. 2004, p.68-70.

nacionalismo era latente, o Movimento Escoteiro se torna uma espécie de “arma” para o desenvolvimento do imaginário Nacional desenvolvido por Vargas.

os símbolos nacionais expressam o sentido da nacionalidade e como há diferentes sentidos políticos para a nação, o controlo do sentido dos símbolos é um instrumento poderoso. E é por isso que são objecto de disputa política. É por isso que são instituídos, contestados, mobilizados, negociados, alterados, abolidos e reinstituídos. E é por isso que a mudança política é sempre acompanhada da descontinuidade simbólica. Os símbolos nacionais constituem, assim, momentos-chave, marcos na construção da nação e espelham a complexidade histórica desse processo⁷⁷.

Assim, o Movimento Escoteiro também se torna parte deste imaginário e a partir daí seus ritos, símbolos e representações passam a ser considerados como uma meta a se alcançar e um importante dispositivo orientador. Concorro com Baczkó quando este diz que uma sociedade ou uma comunidade,

através dos seus imaginários sociais, uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do “chefe, o “bom súbdito”, o “guerreiro corajoso”, etc⁷⁸

Em Minas Gerais, em 19 de dezembro de 1938, aconteceu um acidente ferroviário na serra da Mantiqueira no qual morreram dezenas de pessoas, entre elas, 3 escoteiros pertencentes à Associação de Escoteiros Afonso Arinos, que iam de Belo Horizonte a São Paulo para participarem de uma atividades com os escoteiros paulistas. O acidente teve grande repercussão nacional e comoveu a população, quando noticiaram o papel dos escoteiros no resgate dos feridos. Dentre os escoteiros que estavam no trem, um nome foi destacado como referência do valor escoteiro: Caio Vianna Martins, de 15 anos. De acordo com informativos e da imprensa, o escoteiro teria tido uma atitude heroica, pois, mesmo sentido fortes dores, recusara socorro médico para que outras vítimas, a seu ver, mais graves, fossem atendidas, primeiro. Preferiu seguir andando para a cidade, junto com outros escoteiros e devido a todo o esforço, pouco depois de chegar a um Hotel, caiu e fora levado as pressas para a Santa Casa e faleceu às duas horas do dia 20, por uma hemorragia interna.

⁷⁷ TEIXEIRA, Nuno Severiano. **Heróis do mar: História dos símbolos Nacionais**. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2015. 162p. p.14.

⁷⁸ BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 309.

Poucos dias após o trágico acidente, iniciou-se uma ampla campanha em prol da memória do Jovem Caio Viana Martins. Uma Estatua foi levantada, algumas escolas de Belo Horizonte incentivaram seus alunos a escreverem textos sobre o ato heroico do escoteiro, um Estádio de futebol, em Niterói, recebeu seu nome, entre outras homenagens. Percebe-se aqui que o ato de Caio Viana Martins se torna maior do que o próprio desastre, tornando-o o modelo a ser seguido não somente pelos escoteiros de todo o Brasil, mas também por toda a nação brasileira.

Cria-se assim o mito da figura do menino-herói, reforçando a visão e o estereótipo do escoteiro como modelo a ser seguido por todos os cidadãos.

Após a morte de Caio Martins, a trajetória de construção de uma imagem modelo de escoteiro sedimentou-se entre os militantes escoteiros e passou a fazer parte de um imaginário mais amplo. A exaltação de suas qualidades e virtudes tornaram-no escoteiro padrão do Movimento brasileiro. Dentre suas virtudes, a mais exaltada era o desprendimento demonstrado ao recusar ajuda, para beneficiar o próximo. A história de Caio Martins revela as formas pelas quais a memória de uma coletividade criou uma importante referência e modelo a ser seguido⁷⁹.

No Estado de Minas Gerais, assim como no Brasil, o escotismo se consolidou como uma Organização extraescolar, principalmente, após a desvinculação do Movimento da Juventude Brasileira⁸⁰, no início da década de 1940, onde a UEB deixa de fazer parte do projeto e se torna uma instituição autônoma, saindo dos currículos escolares. A partir daí, o Movimento Escoteiro da Região de Minas Gerais percorreu diversos caminhos, sejam positivos ou negativos, de ganhos e perdas, mas no fim das contas conseguiu, em praticamente todo o território mineiro, fortalecer-se e expandir-se.

⁷⁹ NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Sempre Alerta! O Movimento Escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil 1910–1945**. 2004. 149 f. Dissertação (Mestrado em História)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. 2004. p. 55-56.

⁸⁰ “O projeto Juventude brasileira (JB), criado em 1940 pelo decreto de Lei nº 2.072, de 08 de março, dispõe sobre a obrigatoriedade da educação cívica, moral e física da infância e da juventude, fixa as suas bases e, para ministrá-la, organiza uma instituição nacional denominada Juventude Brasileira. Foi entrelaçado ao escotismo por meio da lei número 2.310, de 14 de junho de 1940, que dispõe: O Presidente da República, tendo em mira a proposta feita ao Ministro da Educação pela União dos Escoteiros do Brasil, no sentido de ser esta instituição incorporada à Juventude Brasileira, Decreta: Art 1º Fica incorporada à Juventude Brasileira a União dos Escoteiros do Brasil. Art 2º É autorizada a União dos Escoteiros do Brasil a manter a sua própria organização, nos termos dos seus estatutos, a serem aprovados por decreto do Presidente da República. Art 3º Serão baixadas, na forma do art. 27 do decreto-lei n. 2.072, de 8 de março de 1940, as necessárias instruções para a conveniente incorporação da União dos Escoteiros do Brasil à Juventude Brasileira.” O escotismo entrelado ao ensino nas Escolas- estabelecido pela JB segue até o reconhecimento da UEB como instituição autônoma, destinada a educação extra escolar, em 1946, pelo decreto da lei n. 8.828, de 24 de janeiro.

De acordo com a União dos Escoteiros do Brasil, em seu relatório anual, em 2015, a Região Escoteira de Minas Gerais contava com 115 Grupos Ativos em seu território, sendo que o efetivo de membros Juvenis passava os 6.387 e os membros adultos voluntários o número de 1.973⁸¹.

⁸¹ VER: União dos Escoteiros do Brasil. **Relatório anual 2016 dos Escoteiros do Brasil**. Versão 1, Abr. 2017. p. 55, 73-75. Curitiba, 2017.

CAPÍTULO 2 - O MOVIMENTO ESCOTEIRO NO TRIÂNGULO MINEIRO: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Este segundo capítulo tem como objetivo descrever as circunstâncias do surgimento do Movimento Escoteiro no Distrito do Triângulo Mineiro. A metodologia empregada nesta pesquisa apresenta duas faces, apresentado em dois movimentos narrativos: a) a História do Escotismo a partir da análise de Jornais e outros documentos escritos; b) e a segunda face que, a meu ver, é a mais importante, para este trabalho: que se trata da concepção das ideias do Escotismo no Distrito do Triângulo Mineiro através do olhar de seus participantes, ativos ou não. A produção de tais depoimentos pretende contribuir não apenas para delinear de uma historiografia do movimento na região, mas também para o registro de memórias sobre o escotismo, a forma como foi vivenciado pelos sujeitos participantes, avaliando-se desta perspectiva individual as mudanças no âmbito social, cultural e político que promoveu na região.

2.1 – Movimento I : O Escotismo segundo a imprensa do Triângulo Mineiro

A historiografia por muito tempo ignorou a imprensa como fonte histórica. De acordo com Tânia Regina de Luca, até a década de 1970, eram poucos os trabalhos que utilizavam periódicos, sejam jornais ou revistas, como fontes de pesquisa. A autora afirma que por muito tempo existiu uma preocupação em se fazer uma História da imprensa e não por meio da imprensa⁸².

Capelato afirma que se deve ter cuidado ao utilizar o jornal como fonte, pois expressa-se neles não somente conceitos, vocabulários ou notícias. O discurso implícito na imprensa é permeada por forças sociais e políticas. De acordo com a autora:

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero veículo neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere⁸³

⁸² LUCA, T.R. in: LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos**. Alcar 2015, 10º Encontro Nacional de História da Mídia. 2015, 12f. p.2.

⁸³ CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. _____. PRADO, Maria L. O Bravo Matutino. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980. p. 19.

Nesta perspectiva, este trabalho, principalmente no que tange o uso de jornais como fonte, se deu de forma que as notas, os artigos e as publicações utilizados foram analisados, contextualizados e pensados de acordo com sua função social, política e cultural. Para esta pesquisa foram utilizados três jornais: a) *O Triângulo*, fundado pelos irmãos Sousa Junior, no final da década de 1920, na cidade de Araguari, tendo como diretor um de seus fundadores o Senhor Souza Junior e redator chefe o Senhor Nicanor de Souza. b) o Jornal *Lavoura e Comércio*, criado por um grupo de produtores rurais de Uberaba. O jornal teve o Senhor Antônio Garcia Adjuto como o primeiro diretor, que foi fundado no ano de 1899, em Uberaba e tendo suas atividades encerradas em 27/10/2003, devido à insatisfação de sua diretoria com a política fiscal e devido a uma grave crise econômica e financeira do periódico. c) Por último, mas não menos importante, o jornal *O Correio de Uberlândia*, fundado no final da década de 1930, pelo produtor rural Osório José da Cunha, tendo como redator chefe o Senhor Aberlado Teixeira. *O Correio de Uberlândia*, passou pela administração da União Democrática Nacional (UDN)⁸⁴ e posteriormente foi adquirido pelo grupo Algar, finalizando suas atividades no ano de 2017⁸⁵.

Para a análise, foram selecionadas pequenas notas e artigos publicados nestes jornais que traziam os termos “Escoteirismo”, “escotismo” e/ou “escoteiro” nos quais ajudaram a conceber uma linha do tempo do Movimento Escoteiro dentro do recorte Geográfico e o recorte temporal que propõe uma pesquisa entre o final da década de 1930 e o final da década de 1990.

Até o início da década de 1940 a relação entre Brasil e Alemanha, mesmo com a ascensão do Nazismo na Alemanha de 1933 ou mesmo com o estourar da Segunda Guerra mundial em 1939, é considerada de boa convivência, principalmente por causa do golpe de Estado de Getúlio Vargas em novembro de 1937, com características fascistas, que lembra os regimes totalitários na Europa. Esta relação de “boa vizinhança” entre Brasil e Alemanha, advinda desde o final do século XIX com a abertura dos portos brasileiros para a imigração europeia, resultando na implantação de colônias Alemãs principalmente no Sul do Brasil faz com que o país mantenha-se neutro durante os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial.

Este cenário mudará no ano de 1942, quando uma frota de navios mercantes brasileiros foram sofreram ataques de submarinos alemães, provocando uma reação de

⁸⁴ Frente criada em abril de 1945 e extinto em 1965, cujo o objetivo principal era fazer oposição ao Estado Novo.

⁸⁵ Para esta pesquisa foram utilizadas as edições hospedadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <WWW.memória.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache&5D393240.4864314.DocLstX&pesq=escotismo> Acessado em 10 out, 2017.

indignação por parte dos brasileiros, forçando o Estado brasileiro a cortar relações políticas com a Alemanha e declarar por meio do Decreto Nº 10.358, de 31 de agosto de 1942 que declara o estado de guerra em todo o território nacional, fortalecendo assim, o sentimento patriótico já tão presente no discurso da Identidade Nacional desde o estabelecimento do Estado Novo, em 1930. De acordo com Ricardo Seitenfus,

O sentimento nacionalista esteve quase sempre no coração da vida política, passando por ele a busca de uma nova identidade nacional. Na ausência de uma longa tradição, o sentimento nacionalista serve de catalisador [...], onde favorece à obtenção da unanimidade. [...] Certas idéias desses movimentos ultrapassam o âmbito europeu, como a necessidade de um Executivo Forte, a grandeza do Estado e o respeito pela hierarquia.⁸⁶

Em 1943, após o encontro dos presidentes Franklin Roosevelt e Getúlio Vargas, na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, criou-se a *Força Expedicionária Brasileira* (FEB⁸⁷), com o apoio bélico dos Estados Unidos da América, sendo oficializada através da Portaria Ministerial numero 4.744 que criou a FEB chefiada pelo então General João Batista Mascarenhas de Moraes.

Neste contexto, inicia-se no país uma longa campanha de apoio ao Eixo e à participação brasileira no confronto. Os jornais pesquisados traziam notícias sobre o conflito e propagandas que enalteciam as características do homem bom e o patriotismo.

É neste contexto de exaltação do homem de bem, nacionalista e patriota que, no Brasil e em Minas Gerais, especificamente, que também se valoriza o comportamento e características do escoteiro na região do Triângulo Mineiro. Pouco se sabe sobre o Escotismo no distrito⁸⁸ do Triângulo Mineiro, pelo que aparenta, não existia na época uma organização de documentos da União dos Escoteiros do Brasil (UEB) ou mesmo dos próprios Grupos Escoteiros. A falta de registros oficiais como Atas e outros documentos que possam ajudar na

⁸⁶ SEITENFUS, Ricardo. **A Entrada do Brasil na segunda Guerra Mundial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. Pg.16.

⁸⁷ 1944: O Brasil vai à guerra com a FEB. FGV CPDOC. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/FEB>>. Acessado em: 23/11/2017.

⁸⁸ De acordo com a resolução 004/2017, que dispõe sobre os distritos Escoteiros e suas áreas de abrangência, a distribuição a Análise de distritos da região Escoteira de Minas Gerais se dá através de afinidades sociais, territoriais e culturais, competindo ao distrito do Triângulo Mineiro as seguintes cidades: Cachoeira Dourada, Capinópolis, Frutal, Ituiutaba, Uberaba, Uberlândia, Tupaciguara e cidades circunvizinhas. Vale ressaltar que cidades como Araguari, Carmo do Paranaíba, Araxá, Patos de Minas, Paracatu, entre outras, apesar da distância, já fizeram parte do Distrito do Triângulo Mineiro entre o corte temporal deste trabalho e só não constam na pesquisa, pois o recorte geográfico se deu entre as 3 cidades em que o Escotismo ainda existe ou que estão próximas das cidades de Uberlândia, Ituiutaba e Uberaba.

determinação da cronologia do movimento ou mesmo na construção da história do Escotismo, são substituídos aqui por notícias e reportagens, relatórios da UEB que trazem algumas informações de datas (mas nada muito além disto), além de entrevistas que, de fato, tecem uma história mais organizada do Movimento Escoteiro no Triângulo Mineiro.

O primeiro registro que se tem sobre um grupo ou alguma organização escoteira na região é uma nota intitulada “O interventor Goiano” do *Correio de Uberlândia*, de 11 de abril de 1939⁸⁹. Nele o Jornal faz uma homenagem ao Interventor Pedro Ludovico⁹⁰, por meio de uma parada escolar com a presença de várias instituições, incluindo o que chamaram de *Batalhão de Escoteiros*. Oito meses depois, outra pequena nota, desta vez, no jornal *O Triângulo*, de 8 de dezembro de 1940 em que a equipe do periódico “com muita sympathia” constata a “existência de um movimento bem orientado para a organização do escotismo” na cidade de Araguari, através da representação e direção dos então chefes Jefferson de Oliveira e Erezichson Vargas e Fued Armindo⁹¹.

Constatamos com muita sympathia a existência nesta cidade de um movimento bem orientado para a organização do escotismo. Com a criação da juventude brasileira, pelo Presidente Vargas, os Escoteiros foram oficialmente incorporados à Juventude Brasileira, mais crescendo ainda o interesse e entusiasmo em torno dessa modelar e educativa organização para a juventude. [...] Prazeirosamente iremos registrando o que houver sobre o Escotismo em Araguay, que será uma das admiráveis conquistas do nosso civismo, e desenvolvimento social de um povo em franco e continuo progresso⁹².

Ao que parece, até o início da década de 1940 o movimento escoteiro esteve ligado diretamente às secretarias de Educação ou aos Batalhões locais e não era caracterizado como uma instância independente e autossuficiente; talvez esta condição justifique a falta de documentação que dê conta da História dos grupos – já que a prática do escotismo fazia parte do ambiente escolar ou dos agrupamentos militares, como visto na nota do jornal *Correio de Uberlândia*, já citado anteriormente e uma outra nota do mesmo jornal, de 25 de fevereiro de 1943⁹³, onde se divulga a portaria municipal nº 318 que dispõe sobre as Escolas Municipais.

⁸⁹ O inventor Goiano, *O correio de Uberlândia*, 11 abr. 1939.

⁹⁰ Um dos líderes da “Revolução” de 30, em Goiás. Foi Governador do Estado entre os anos de 1935 e 1937.

⁹¹ O Escotismo em Araguari, *O Triângulo*, Araguari, 8 dez. 1940.

⁹² O Escotismo em Araguay, *O Triângulo*, Araguari, 8 dez. 1940.

⁹³ Escotismo, *Correio de Uberlândia*, 19 ago. 1943.

Nesta nota o prefeito de Uberlândia, no inciso VI, alínea j, determina “aconselhar para os alunos o uso do uniforme em estilo aproximado ao do escoteiro nacional”.

Em 19 de agosto de 1943 o *Jornal Correio*, além de dar pistas de que havia grupos escoteiros antes de 1943, lamenta a falta de entusiasmo do movimento escoteiro em Uberlândia, como pode ser visto abaixo:

Figura 1- Escotismo. Nota sobre a falta de Grupos Escoteiros na cidade de Uberlândia.



FONTE: *Jornal Correio de Uberlândia*, 1943.

Logo depois, em um conto chamado “O momento infantil”, publicado pelo *Jornal o Correio* em 22 de agosto do mesmo ano, o autor traz a seguinte trecho: “Uberlândia, cidade que tem foros de civilizada, precisa, também, de organizar um batalhão de escoteiros; porque o escoteirismo, [...] transmuta meninos incivilizados a futuros defensores da escola”⁹⁴.

⁹⁴ Momento Infantil, *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 22 ago. 1943.

Outra característica observada nestas duas publicações, que fomenta a motivação de se criar Associações, Grupos e Organizações Escoteiras na região, é a relação em que se dá entre o Escotismo e o cidadão de bem como pode ser visto no seguinte trecho em que o redator faz um contraponto entre o que ele chamou de “Educação Nazista” e a “Educação Escoteira”, trazendo ao leitor os motivos pelos quais o Movimento Escoteiro se faz importante no contexto social da época. Lê-se que

Organizaram-se de novo os garbosos meninos para a salutar educação escoteira, que é um contraste à educação nazista. O Escoteiro aprende a ser cortês, a defender o fraco [...], ao passo que a criança nazista aprende a odiar, [...] a ser deshumana. [...] A educação nazista é puramente cerebrina e falsa, quando a educação escoteira é a do cérebro e do coração⁹⁵.

É em 19 de agosto de 1944 que tem-se o primeiro vestígio da existência, na região, de um grupo Escoteiro como unidade fora do ambiente escolar, publicado pelo jornal *Lavoura e Comércio*⁹⁶, onde observa-se uma notícia sobre a criação da Associação Escoteira Tiradentes, na cidade de Uberaba.

A Associação Escoteira Tiradentes é criada em Agosto de 1944, com sede no 2º grupo Escolar Minas Gerais, localizado na Praça Frei Eugênio, tendo suas atividades organizadas e dirigidas pelo chefe José Índio do Brasil, como presidente o Tenente Coronel Edson Neves, vice presidente o Aspirante Carlos Lopes, primeiro secretário o professor Alceu de Souza Novais e segundo secretário o major Eugidio Alkinfan, como pode ser visto na seguinte nota:

⁹⁵ Escotismo, *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 17 ago. 1943.

⁹⁶ Associação Escoteira de Tiradentes, *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 19 ago. 1944.

Figura 2- Escotismo em Uberaba. Criação da Associação de Escoteiros Tiradentes

Escotismo em Uberaba

Todo movimento nobre e de altruísmo medra, fatalmente, no seio do nosso povo. Sendo o escotismo deste gênero, não poderia de maneira nenhuma, fenececer. Eis porque, por todo o país alastra, febrilmente, o entusiasmo por esta belíssima organização, contando com o apoio do governo e de inumeráveis autoridades que sabem, sobejamente, dos magníficos resultados que advirão dessa sã empresa.

O povo de Uberaba, que sempre recebeu de braços abertos, todo movimento de patriotismo, temos certeza, apoiará este que ora encetamos, e nos pais, principalmente, apelamos para que inscrevam seus filhos.

Está, pois, em reorganização a Associação de Escoteiros: "TIRADENTES", nesta cidade, achando-se abertas as inscrições para os menores de 8 a 11 anos e de 11 a 16, a partir de hoje, devendo os interessados se dirigirem ao Grupo Escolar "Minas Gerais", na praça Frei Eugênio, onde funcionará a sede deste educativo movimento. Estas inscrições

terão procedidas pelo chefe José Índio do Brasil, que deverá ser procurado na sede, das 16 às 17 horas, diariamente.

**PARA GRANDEZA DO BRASIL:
SEMPRE ALERTA!**

**FRACOS E ANEMICOS
VINHO CREOSOTADO
DO CHIM. SILVEIRA**

QUOTAS PARA AÇUCAR

Vendem-se separadamente quaisquer das seguintes peças, com exceção do vapor:

- 1 quota para 200 sacos de açúcar de fôrma.
- 1 quota para 100 sacos de açúcar de turbina.
- 1 pequena turbina para fabrico de açúcar.
- 1 alambique.
- 1 vapor de 8 cavalos.
- 1 pipa para 4 mil litros.

Tratar com Edmundo Mendes, na rua Tristão de Castro, 54.

10-5

FONTE: Jornal Lavoura e Comércio, 1944.

Em 27 de Novembro do mesmo ano o cargo de presidente da Associação é passado ao Doutor Odilon Fernandes, durante as comemorações do aniversário do 4º Batalhão de Caçadores da Força Pública de Minas Gerais (B.C.M)⁹⁷. Em 8 de maio de 1945, no *Correio de Uberlândia*, anuncia-se o fim da Segunda Guerra, Além do artigo acima mencionado, nada se encontra na imprensa local sobre Grupos Escoteiros nas região do Triângulo Mineiro. Entretanto, não se pode afirmar que não existissem Grupos, muito menos que a Associação Escoteira Tiradentes tenha encerrado suas atividades ao longo do tempo em que o termo escotismo se ausenta da imprensa do Triângulo Mineiro, pelo menos, não até o ano de 1946,

⁹⁷ As comemorações do aniversário do 4º B.C.M. Lavoura e Comércio, Uberaba, 27 nov. 1944.

onde, em uma nota publicada pelo *Lavoura e comércio*, lê-se o seguinte trecho em que o redator anseia pelo “reerguimento do escotismo em Uberaba”:

Reergamos o nosso Grupo Escoteiro, formemos as nossas bandeirantes, e estejamos certos de que algo muito grande fizemos pelo Brasil!
Façamos o nosso GRUPO ESCOTEIRO, tomemos sobre os nossos ombros a responsabilidade de tornar melhores os homens do futuro, e a posteridade nos abençoará!⁹⁸

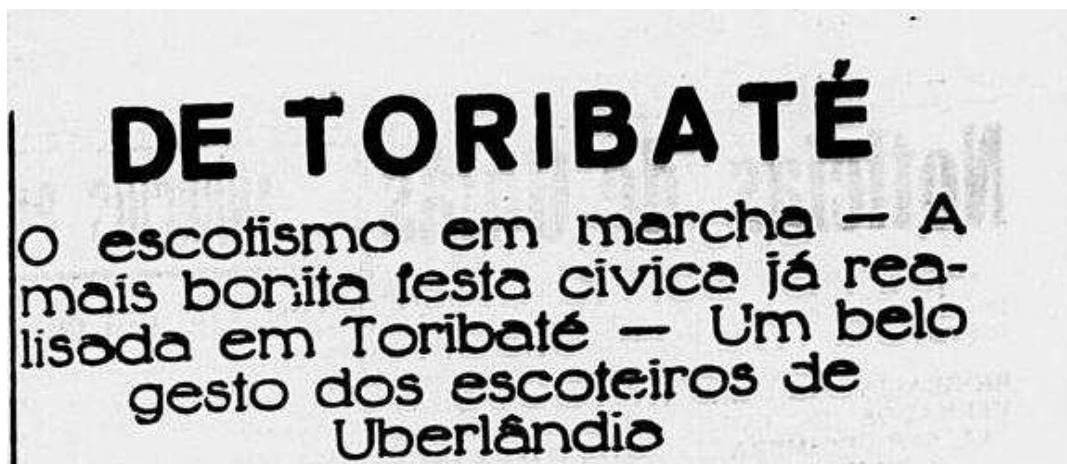
O Movimento Escoteiro na região do Triângulo Mineiro esteve “apagado” e uma das possibilidades desta falta de interesse social ou mesmo das instâncias de poder pode estar ligada ao fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e ao fim da relação UEB- Juventude Brasileira, no ano de 1946⁹⁹. Esta é apenas uma hipótese embasada pela ausência de divulgação de Grupos ou valores do Escotismo nos jornais locais. Tais Grupos e valores Escoteiros eram divulgados entre o final de 1930 e a primeira metade da década de 1940 - que mesmo sem citar a existência Grupos Escoteiros, publicavam frases de incentivo ao escotismo ou mesmo se lamentava a falta de Grupos no interior do Triângulo mineiro¹⁰⁰ e que talvez possa explicar essa lacuna entre 1945 e o final do ano de 1948. Deste último ano, encontramos um artigo sobre a visita de escoteiros de Uberlândia à “Festa de Promessa” do Grupo Escoteiro na cidade de Toribaté – atual Monte Alegre de Minas.

⁹⁸ **Brasileiros, alerta!.** *Lavoura e Comércio*. Uberaba, 13 mai. 1946.

⁹⁹ O projeto Juventude brasileira (JB), criado em 1940 pelo Decreto-Lei nº 2.072, de 08 de março, “dispõe sobre a obrigatoriedade da educação cívica, moral e física da infância e da juventude, fixa as suas bases e, para ministrá-la, organiza uma instituição nacional denominada Juventude Brasileira. Foi entrelaçado ao escotismo por meio da lei número 2.310, de 14 de junho de 1940, que dispõe: *O Presidente da República, tendo em mira a proposta feita ao Ministro da Educação pela União dos Escoteiros do Brasil, no sentido de ser esta instituição incorporada à Juventude Brasileira, Decreta: Art 1º Fica incorporada à Juventude Brasileira a União dos Escoteiros do Brasil. Art 2º É autorizada a União dos Escoteiros do Brasil a manter a sua própria organização, nos termos dos seus estatutos, a serem aprovados por decreto do Presidente da República. Art 3º Serão baixadas, na forma do art. 27 do decreto-lei n. 2.072, de 8 de março de 1940, as necessárias instruções para a conveniente incorporação da União dos Escoteiros do Brasil à Juventude Brasileira.* O escotismo entrelado ao ensino nas Escolas- estabelecido pela JB segue até o reconhecimento da UEB como instituição autônoma, destinada a educação extra escolar pelo Decreto-lei n. 8.828, de 24 de janeiro de 1946 .

¹⁰⁰ Entre o período citado, mesmo com a ausência de grupos, os jornais das cidades do triângulo Mineiro sempre mencionavam a importância do Escotismo para a sociedade. Como pode-se ver pelas frases como “Dai apoio ao Escotismo!”, “Difundir o Escotismo é trabalhar pela Pátria” ou “difundir o Escotismo é engrandecer o país” tão anunciados em diversos números do *Jornal Correio de Uberlândia*.

Figura 3- De Toribaté: O escotismo em marcha- A mais bonita festa cívica já realizada em Toribaté- Um belo gesto dos escoteiros de Uberlândia.



FONTE: Jornal Correio de Uberlândia, 20/10/1948.

Nesta nota conta-se sobre uma visita de Escoteiros de Uberlândia na cerimônia de promessa dos Escoteiros da cidade de Toribaté, chefiada pelo Tenente Georgino, que havia fundado o seu primeiro Grupo daquela cidade sessenta dias antes da visita dos escoteiros Uberlandenses. Na publicação consta não o nome do Grupo Escoteiro vindo da cidade de Uberlândia, mas traz escrito os nomes dos chefes que acompanharam os jovens na ocasião: “O chefe Olimpio Carvalho e a Exma. Senhora Lia Teixeira de Souza¹⁰¹” No mesmo ano, exatamente no dia 21 de outubro, os escoteiros de Uberlândia e os escoteiros de Toribaté participaram de uma festa realizada pelo Patronato de menores de Buritis¹⁰², como publicado pelo *Correio de Uberlândia*, em 6 de novembro de 1948¹⁰³.

Ao final da década de 1950, de acordo com o jornal *Lavoura e Comercio* o Movimento Escoteiro já não fazia parte do cotidiano da cidade de Uberaba. O que se depreende das palavras do redator do jornal, é que tinham existido pelo menos dois Grupos de Escoteiros, na Cidade de Uberaba.

Notamos com pesar, que o Escotismo desapareceu, nesta região.
Esta é uma das maiores deficiências das nossas instituições educacionais das
nossas associações esportivas.

¹⁰¹ De Toribaté: O escotismo em marcha- A mais bonita festa cívica já realizada em Toribaté- Um belo gesto dos escoteiros de Uberlândia. *O Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 20 out. 1948.

¹⁰² Os patronatos eram instituições vinculadas ao cuidado de menores. Para mais informações, veja: SILVA, Valneide Viana da. **Fundação de amparo ao menor (Patronato Buriti): realizações e dificuldades na assistência ao menor carente no Município de Uberlândia – MG**. Uberlândia, 2010. 71.f.

¹⁰³ De Toribaté: impressões de uma visita ao “patronato para menores de Uberlândia”, *O correio*. Uberlândia, 6 nov. 1948.

Ja tivemos em Uberaba esplendidos e vigorosos grupos de Escoteiros, entre os quais, o Tiradentes, que Odilon Fernandes dirigiu com insuperável dedicação e os que foram organizados pelo dominicano Frei Gabriel, pelo cel. Edison Neves , pelo cel. Jose Vargas.

Extinguiram-se, pouco a pouco.

[...] cremos encontrar sua verdadeira explicação no desconhecimento do escotismo¹⁰⁴.

Cabe aqui ressaltar, de acordo com os artigos mencionados anteriormente sobre a cidade de Uberaba, que o senhor Edison Neves fez parte do Grupo Tiradentes e neste último artigo, subentende que ele tenha feito parte de algum outro Grupo não nomeado. Talvez o Senhor Neves tenha iniciado sua vida escoteira no Grupo Tiradentes e posteriormente ido para algum outro grupo.

A partir daí tem-se outro vazio temporal quando se pesquisa pelo Movimento Escoteiro. Nada se encontra nem em Uberaba, Araguari ou Uberlândia, que até este momento parecem ser as cidades únicas cidades do triângulo mineiro que de alguma forma exerceram as ideias de Baden Powell através de agrupamentos escolares ou associações escoteiras. Após quase 6 anos sem notícias de organizações do Movimento Escoteiro como organizado, o termo Escoteiros retorna aos jornais por meio de uma nota de agradecimento publicada a pedido da Senhora Carmem Moraes Brandão, que por meio desta agradeceu a cooperação de diversos grupos na cidade de Uberlândia, entre eles fez menção, sem nomear, ao então chefe de escoteiros da cidade¹⁰⁵.

Este grupo no qual a senhora Carmem Moraes Brandão menciona pode ser a Associação Escoteira Cruzeiro do Sul, que é mencionada também em uma escritura pública de compra e venda, em que a dita Associação Escoteira teria comprado um terreno rural na cidade de Uberlândia, na data de 13 de agosto de 1955¹⁰⁶. A referência poderia ser também a outros grupos criados na década de 1960, como veremos no próximo movimento de nossa trama – agora, percorrendo os labirintos da memória de quem participou do movimento escoteiro de 1960 ao final da década de 1990.

¹⁰⁴ **Por que não temos Escotismo?.** *Lavoura e Comercio*, Uberaba, 12 mar. 1957.

¹⁰⁵ Festa Junina. *O correio de Uberlândia*. Uberlândia, 28 jun. 1964.

¹⁰⁶ Escritura de compra e venda... 2º Tabelionato de notas. Uberlândia-MG, 13 de agosto de 1955. Livro nº 204, folhas 76-78. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/0B19q3qETBfhyYWhGOU4a1VNSTQ>> Acessado em 06 dez. 2017.

2.2 - MOVIMENTO II – Os relatos de memória

2.2.1- Questões metodológicas

A relação entre a História Oral e a memória muitas das vezes se estabelece por uma linha tênue, pois uma está diretamente ligada à outra e uma depende a outra para se constituir. O passado só se torna presença quando é rememorado. Segundo Larrosa, a experiência é caracterizada pela sua passividade e sua abertura só acontece quando se deixa ser tocado pelos acontecimentos, entretanto, esta experiência, apesar de poder ser uma só para duas pessoas, nunca será a mesma para as duas, pois a experiência não é algo que possa ser transmitida em sua totalidade de uma pessoa a outra, pois o importante para a constituição da experiência não é o fato em si ou aquilo que acontece, mas como acontece¹⁰⁷.

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente a História, uma representação do passado. [...] Se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes [...], sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. [...] A memória instala a lembrança no sagrado, História a liberta e a torna sempre prosaica¹⁰⁸.

Assim, a memória é construída individualmente, apesar dos acontecimentos o serem os mesmos para todos que viveram em determinado local, em determinada época. A memória se torna parte do sujeito e pode ser modificada, enfraquecida ou fortalecida de acordo com o grau de intensidade da experiência vivida. Concordo com Nora, quando ele diz que “ela [a memória] (...), apesar de sempre atual, não apresenta precisão, pois está constantemente ajustada às crenças e imaginários dos indivíduos”¹⁰⁹. É pensando nesta imprecisão da memória, mas por acreditar nela como uma fonte riquíssima para a História e para esta pesquisa, que as entrevistas realizadas para a construção deste trabalho tem uma característica Semi-estruturada, cujas perguntas foram sendo planejadas durante as próprias entrevistas, tendo a menor intervenção possível nas linguagens e os mecanismos da memória dos nossos interlocutores.

Neste contexto,

Os relatos de que se compõe essa obra pretendem narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho, significará delimitar um campo. Com isso, será preciso igualmente uma “maneira de caminhar”, que pertence, aliás, às “maneiras de fazer” de que aqui se trata. Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister

¹⁰⁷ LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, v.19, n.2, p04-27, jul/dez. 2011. p. 5-8.

¹⁰⁸ NORA, in: MATOS, Júlia da Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História Oral como fonte: problemas e métodos**. *Historie*, Ria Grande, v.2, n.1, pg 95-108, 2011. p. 103.

¹⁰⁹ NORA, in: MATOS, Júlia da Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História Oral como fonte: problemas e métodos**. *Historie*, Ria Grande, v.2, n.1, pg 95-108, 2011. p. 103.

reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante de seu objeto¹¹⁰.

As entrevistas foram realizadas entre junho e novembro de 2017, com seis pessoas. A escolha destes sujeitos se deu, em primeiro lugar, pelo fato de que os entrevistados foram ou teriam sido escoteiros e que sua experiência no escotismo tivesse ocorrido antes de 1998, para que as informações coletadas servissem de fonte para a delimitação de datas, fatos e informações pertinentes a esta pesquisa. Para tanto, as entrevistas foram transcritas de forma fiel ao que foi gravado. Estas serão apresentadas neste trabalho de forma integral e de acordo com o que foi dito durante os encontros com os entrevistados. Para a compreensão do leitor, quando necessário inseri explicações ou informações para a boa compreensão do leitor. A inserções aparece entre colchetes [exemplo]. Utilizamos o símbolo (...) para nos referirmos a trechos não audíveis ou interrupções características da fala que não interferem na construção da frase.

Foram utilizadas gravações de áudio para a produção das fontes, com duração de aproximada entre quarenta minutos à um hora, dependendo da interação do entrevistado. A busca pelos sujeitos a serem entrevistados começou com o senhor João Washington, que é o membro mais antigo, e que ainda participa do Grupo Escoteiro Padre Anchieta. Foi o Senhor João quem me ajudando a traçar um caminho para encontrar as pessoas aqui entrevistadas. As entrevistas foram gravadas de acordo com o que foi pedido pelos entrevistados, para que eles se sentissem à vontade: desloquei-me para as cidades em que moravam e fui até o entrevistado se sentisse mais à vontade para contar suas histórias. A primeira entrevista foi realizada em Ituiutaba, a segunda em Uberlândia, a terceira em Uberaba, quarta em Uberlândia e as duas ultimas em Capinópolis.

A ordem de apresentação das entrevistas foi estabelecida de acordo com as cidades em que foram realizadas, seguindo o surgimento do Movimento Escoteiro no Triângulo Mineiro e não pela ordem em que foram gravadas. No início desta pesquisa, o intuito era realizar duas entrevistas em Uberlândia, duas em Ituiutaba e duas em Uberaba, entretanto, com o decorrer das pesquisas foi estabelecido que eu entrevistaria um escoteiro para cada década entre os anos de 1960 e 1999.

¹¹⁰ DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 35.

Na cidade de Uberlândia, foram realizadas duas entrevistas: a primeira, com o Senhor Valter de Carvalho, que foi membro adulto voluntário na década de 1980 e com o intuito de entrevistar alguém que tivesse participado do escotismo em um momento anterior ao senhor Valter, foi entrevistado também o Senhor João Gilberto que foi membro juvenil no início na década de 1960. Na cidade de Ituiutaba, foi realizada apenas uma entrevista com o senhor João Washington que participou como membro juvenil da fundação do Grupo Escoteiro Padre Anchieta, na década de 1960 e, posteriormente, se tornou chefe de Grupo e do Distrito.

Na cidade de Uberaba foi realizada uma entrevista com o Senhor Nivaldo Emídio, que participou como membro adulto voluntário da reorganização do Escotismo em Uberaba, após anos sem nenhum Grupo Escoteiro na cidade. No início desta pesquisa, tinha-se como nome cotado para entrevista, o senhor Booker Washington, adulto voluntário na década de 1990, mas que infelizmente veio a falecer antes da entrevista.

Foram escolhidas também para as entrevistas as cidades de Capinópolis e Cachoeira Dourada. Na cidade de Capinópolis, foi entrevistado o Senhor Reginaldo Alves, foi membro juvenil na década de 1970 e, atualmente, integrante da equipe de adultos Voluntários do Grupo Escoteiro Antonio Mendes, fundado em 2014. Na cidade de Cachoeira Dourada, foi entrevistado o Senhor Ronaldo Pereira, membro juvenil no início da década de 1990 e, hoje, atua como membro adulto voluntário do Grupo Escoteiro Caiapônia, fundado em 2012.

Um das lacunas deste trabalho foi a ausência de uma entrevista com alguém que tenha participado do Movimento Escoteiro na cidade de Araguari, já que, segundo as pesquisas, esta teria sido a segunda cidade da região a ter uma organização de escoteiros, embora hoje não tenha nenhum Grupo Escoteiro ativo.

É certo que as memórias aqui relatadas, são permeadas de incertezas, imprecisões, escolhas, seleções voluntárias e involuntárias que expressam posicionamento e preferências dos entrevistados. Em alguns momentos seus relatos deixavam claro desavenças e opiniões políticas dentro do Grupo Escoteiro dos quais participavam. Mesmo as imprecisões, característica institutivas da memória, são importantes para a construção desta pesquisa, menos para delinear o caminho histórico do Movimento Escoteiro na região do Triângulo Mineiro, mais para compreender as tramas da memória e do esquecimento que envolvem a historiografia do Escotismo.

2.2.2 RELATOS

ENTREVISTAS UBERLÂNDIA

RELATO I

Nome: Valter José Carvalho.	Data de Nascimento: 31/05/1947
Idade: 70 anos	Data da Entrada no Movimento Escoteiro: 1986
Profissão: Contador	Local da entrevista: Uberlândia

Ana: Como foi sua entrada para o movimento Escoteiro? Qual seu primeiro Grupo?

Valter: Eu participei do Grupo Escoteiro São Cristovão [Uberlândia], foi quando eu me tornei chefe, porque os meninos estavam os três lá. É... desde o mais velho até o mais novo, o Marcílio; juntamente com a minha esposa que também se tornou chefe escoteira.

Ana: Isso foi quando?

Valter: Quando o Marcilio tinha 9 anos. Ele tá com quarenta e... e... dois, então tem 33 anos [1986].

Ana: Você já entrou como membro adulto então...

Valter: Entrei como membro adulto.

Ana: Então você entrou no Movimento Escoteiro por causa dos seus filhos mesmo. E qual foram as circunstâncias para a sua entrada no Grupo? Estavam faltando chefes ou simplesmente porque vocês gostaram do movimento escoteiro e...

Valter: Não... Houve, houve um movimento, é... dos Grupos Escoteiros na época, que é...estavam muito cheios de poucos Caciques, então, um pessoa era chefe de um Grupo quase eternamente e isso tava trazendo (...) uma falta de entusiasmo das pessoas para entrar na direção. Tá... Aí a gente fez um movimento dentro do grupo e a gente colocou 12 chefes pais, de uma só vez. Então... uma... essa busca tirou uma autonomia que existia de uma pessoa só, comandar tudo. Então criava-se um clã familiar dentro do grupo escoteiro.

Ana: É o que a gente chama de “dono de Grupo”...?

Valter: Isso. Então, isso daí a gente sentiu já de início, que prejudicava o Movimento, que... elitizava a chefia e prejudicava o movimento. Então a gente bateu de frente e após (...) as entradas, porque eu sempre morei no bairro Bom Jesus e... porque eu era, dava curso de noiva na São Cristóvão¹¹¹, a gente trouxe os meninos pra lá, pro Grupo Escoteiro de lá.

Ana: *Mas o Grupo São Cristóvão era na Igreja São Cristóvão, desde sempre?*

Valter: Era. Era na Paróquia São Cristóvão. Aí nós resolvemos, com essa, com essa entrada e começamos a bater de frente com a organização que tinha no momento, é... a gente começou a ser discriminado. É... meu menino mais velho acabou as etapas de sênior [ramo em que participam os jovens entre 15 e 17 anos de idade] e aí nós resolvemos criar um novo Grupo Escoteiro, com os chefes que já tinham saído do Grupo São Cristóvão, então nós criamos o Grupo Escoteiro Uberlândia, é... na paróquia Bom Jesus. Nós fazíamos nossas atividades na praça Sérgio Pacheco. Então durante todo tempo que meus filhos ficaram lá, eu fiquei como chefe de Grupo e após isso a gente resolveu fazer uma eleição né..., no Grupo, porque eu queria sair e então nós saímos. Continuamos dando apoio, mas passamos a chefia do Grupo para (...) um chefe que estava liderando a... tropa sênior. Então logo em seguida, ele resolveu mudar o Grupo da... da paróquia e a gente perdeu o contato.

Ana: *Vocês perderam o contato com o grupo?*

Valter: Com o Grupo. A gente sabe que ele imigrou para outro, para o parque Siquerolli¹¹². Depois foi sendo modificado e acabou sendo extinto.

Ana: *Seu contato com o Movimento Escoteiro parou por aí?*

Valter: Parou por aí, a gente continua, através, é... dos meus filhos e através dos escoteiros e escoteiras daquela época. A gente continua com um contato muito grande com as pessoas que trabalharam junto com a gente, que foram escoteiros. A gente tem, é... ex-escoteiros nos Estados Unidos, na Europa, na... em várias profissões e que não perderam contato conosco, justamente por causa do contato com os filhos. [Um] que foi lobinho, um filho, um filho que foi escoteiro, junto com os três. Então a gente tem uma gama de... de gente muito grande, que se encontra, que são amigos, né.

¹¹¹ Paróquia São Cristóvão, localizada na Rua Padre Américo Ceppi, em Uberlândia.

¹¹² O Parque Municipal Victorio Siquerolli está localizado na Zona Norte de Uberlândia-MG.

Ana: Você se lembra, mais ou menos, quando foi o ano que o Grupo Escoteiro saiu da Paróquia Bom Jesus?

Valter: Não, não. É... possivelmente o Marcílio sabe.

Ana: Os seus filhos ficaram até que ramo? Eles participaram do Grupo Escoteiro São Cristovão e depois do Uberlândia?

Valter: Quando nós criamos o Grupo Escoteiro Cristovão, quer dizer, o Uberlândia, é... o Marcílio já tava cumprindo as etapas de sênior, então ele entrou no Grupo como chefe de lobinho. Então, ... o Marley já era sênior, Marlos já era escoteiro. Então nós ficamos até os três saírem completamente do Grupo... é... que começaram a passar em vestibulares e cair no mundo, no mundo próprio, então ficou mais difícil.

Ana: Você se lembra se na época que você fez parte do movimento, quais Grupos existiam? Ou aqui em Uberlândia, Uberaba... Você teve contato com outros Grupos, fez atividades com outros Grupos?

Valter: Grupo Escoteiro em Uberaba: dois Grupos grandes, um em Araxá, um em Ituiutaba, três em Uberlândia, um grande em Araguari.

Ana: Você se lembra do Grupo Escoteiro de Araguari.

Valter: Era... não era Grupo Escoteiro Araguari... Não era Grupo Escoteiro Ituiutaba, nem é... é... era da cidade, nós fazíamos muita confraternização dos grupos e acampamentos com esses Grupos nessa cidade. Olha, esse Grupo Escoteiro lá, era mais ou menos vinculado ao... ao batalhão ferroviário, os dois chefes eram do batalhão na época, então eram militares.. Por exemplo, a chefia do distrito era em Ituiutaba, era o Doka [apelido para o então comissário Distrital, senhor João Washington, também entrevistado para este trabalho]. É..., então a gente fez muito acampamento distrital em Ituiutaba, em Uberlândia, em Araguari, inclusive, dentro dos ramos, dentro dá... anualmente a gente fazia um encontro distrital, é por isso que cresceu assim... bastante o movimento é... desses, desses Grupos de Uberlândia que no início tinha o São Cristovão, o SESC e o... tinha outro..., eram 3 em Uberlândia, era o ASUFUB, que até fez algumas atividades com a gente quando o Grupo estava capengando. E depois, a gente tinha o contato do distrital. Esse distrital era muito, assim, gostava de arrebanhar e de confraternizar, por isso que todo ano nós tínhamos encontros distritais com todos os ramos.

Ana: Só uma dúvida, estes encontros eram realizados com jovens ou chefia?

Valter: Tanto com chefia, quanto com jovens, lobinhos, escoteiros com os seniores.

Ana: então eram acampamentos...

Valter: Um acampamento grande distrital, que participavam até oito grupos, quando nos reuníamos. Então ficava, assim, uma... um estigma [provável utilização incorreta do conceito] regional, que todo mundo seguia a mesma cartilha, né.

Ana: O senhor conseguiria me dizer sobre a história do Movimento Escoteiro aqui?

Valter: Não... essa História aí, essa parte da história nós não aprofundamos não. É... a gente sabe que tinha um grupo escoteiro muito antigo em Uberlândia, é... mas isso aí por causa da elitização da chefia, dono de grupo, isso era mais ou menos fechado e limitado na capacidade desse chefe. Então, a criação de um grupo novo era assim, mais ou menos, era vetado. É...

Ana: Então havia um grupo mais antigo que o São Cristovão, o SESC...

Valter: Bem mais antigo. E que depois acabou o movimento. Agora, a partir do... desse arrebanhamento distrital através do chefe Doka é que foi ampliando novos Grupos, que a gente foi interagindo e criando novos Grupos. Porquê? Por causa da liderança do Doka, que entrou no Movimento Escoteiro lá em Ituiutaba e aí se tornou chefe, se tornou chefe distrital é... e esses donos de Grupo Antigos, eles esbarravam num grande problema chamado dinheiro. É... eles não eram, assim, pessoas de muito poder aquisitivo, então eles ficavam limitados em ação a essa garantia de sobrevivência dos grupos; então muitos grupos antigos morreram por causa disso; a pessoa não entregava, não entregava os pontos, não entregava o Grupo, não arrebanhava novos chefes com maior capacidade do que o dele, porque se não ele ia ficar pra trás, né, então, dessa forma que eu vi a coisa.

Ana: Agora, eu gostaria de falar um pouco sobre sua experiência. Você tem alguma lembrança inesquecível de quando você estava ativo?

Valter: Tenho várias, várias lembranças. Teve vários acampamentos, vários... a gente fazia quase que... no mínimo trimestral um acampamento em cada ramo, né. Um acantonamento [acantonamento consiste em um acampamento em que não se utiliza barracas; geralmente os jovens ficam em uma casa ou galpão] de lobinhos, de escoteiros, de... o que não foi pra frente é... no grupo, não fez um... foram as, após escoteiro, quando as crianças entereavam 14 ou 15 anos, aí é... não tinha uma sobrevida, as escoteiras.

Ana: Eram separados por sexo, as tropas, ou não?

Valter: Era separado por gênero. Então... a minha esposa era chefe das escoteiras e a... e a... o Vilson era chefe dos escoteiros, o Marcílio era chefe dos lobinhos. Os lobinhos, tudo é... com a mistura de gêneros, mas as tropas de escoteiros e de escoteiras, por causa da fase de adolescência, né, então eram separados.

Ana: Aí chegavam na idade de sênior e elas iam embora...

Valter: É... ou se tornavam chefes, né, por quê? Porque estavam já numa fase entre 15 e 17 e já tinha o problema de namorado, já tinha problema de estudo e tinha o problema de... é... vigilância familiar, né. Então tinha um monte de problemas que afastavam essas meninas nessa idade, então uma tropa escoteira que nós já chegamos ter 36 escoteiros é... é...permaneciam ali 3,4,5, né, é... para a fase pós escoteiro, pós escoteira.

Ana: Então elas iam para a chefia? Os meninos também?

Valter: Também. Eles... os meninos iam fazer as atividades de sênior até os 18, né... nós tivemos uma tropa de sênior grande, Graças a Deus. Nós acampamos em Sacramento com 30, 100, né... Aí nós tínhamos uns 12 e convidamos sênior de outros grupos para participar, né, e sempre viam 2, 3 de cada grupo e participamos de um acampamento de três dias em Sacramento.

Ana: Em sacramento havia Grupos?

Valter: Era mais um... um... tinha caverna, tinha uma gruta muito grande que tem lá, nós fizemos um reconhecimento muito grande e as montanhas de lá, as escarpas de subir, de descer, então nós fizemos uma atividade muito grande em Sacramento. Então ficou mais ou menos para a História. Então, enquanto a gente é... teve esse interesse a gente tocou nessa época que pra mim foi muito bom por causa da formação dos meninos e os frutos que a gente vê hoje bastante frutos, bastante gente que... hoje nós temos ex-escoteiros que são médicos, engenheiros, enfermeiros, que são psicólogos, que são é... que estão nessas atividades e que a gente ainda tem contato, né, com bastante contato. Então, é... além de ser um movimento muito educador é agregador. Nós não tivemos, (...) desde esse período que a gente sabe, nenhum desvio de conduta ou uma pessoa que se tornou um criminoso, após a passagem pelo grupo. Então graças a Deus, unindo religião e a lei escoteira, porque nossos Grupos, tanto o São Cristóvão, quanto o Uberlândia era um Grupo religioso. Nós não fazíamos discriminação

de credo, todos os credos podiam entrar, mas nós tínhamos em primeira, em todo o domingo, uma missa dos escoteiros nas Paróquias.

Ana: Qual foi a ordem de criação dos Grupos?

Valter: O São Cristovão continuou depois da criação do Grupo Uberlândia. O Grupo Escoteiro São Cristovão foi raleando por causa de problemas familiares da própria chefe, da dona Nanci¹¹³ e acabou sendo extinto por falta de gente. O pessoal foi é... não concordando com ela, foi saindo um, outro, outro, outro e acabando ficando quase sozinha com a família dela, então fechou.

Ana: Como era o processo de criação de um Grupo?

Valter: É... isso era subordinado ao chefe distrital, né. Então a gente entrava em contato com ele, é... fazia uma reunião e ele vinha fazer uma reunião com a gente e com o chefe da comunidade, no caso o nosso era o Paroquial, a pároco da Paróquia São Cristovão, é... que ia sediar, que ia dar a autorização pra sediar e ele analisava a qualidade dos elementos que eu criava. Quem era o Valter, quem era o Vilson, quem era o João Isaias, quem era a... quem era todos os chefes em si. “olha... nós vamos criar com esse, esse e esse chefe”, né e vamos começar a reunir, então já começamos a reunir com uma patrulha escoteira que veio direto do São Cristóvão, que formou já uma patrulha. Aí começamos a nos reunir (...) não foi um marco zero, né... e nós arrebanhamos gente de outros Grupos que estavam afastados e descontentes com os Grupos, né. Que a gente sabia que tava... “olha, nós vamos formar um Grupo Escoteiro, você quer ajudar?” Então nós já formamos o Grupo Escoteiro Uberlândia já com 12 chefes, que já eram formados em outros Grupos, ou no São Cristóvão ou em outros Grupos e já tinham a formação feita pelo distrito, porque o Distrito formava o chefe e todos eles já tinham curso pelo distrito. Quando os grupos queria classificar o chefe¹¹⁴, aí os Grupos se juntavam e faziam um curso para 10, 12 chefes. Geralmente os cursos eram feitos em Ituiutaba. Era uma acampamento-curso. Era o diretor ou chefe de grupo que eles convidavam pra dar palestra em alguma área.

Ana: Quando vocês foram abrir o Uberlândia, veio mais alguém além do Doka?

¹¹³ Infelizmente o senhor Valter não soube determinar o Sobrenome da senhora Nanci.

¹¹⁴ Ao dizer a palavra “classificar” o Senhor Valter quer dizer formar o chefe, realizar a formação por meio de cursos.

Valter: Não... Só o chefe distrital é quem autorizava a criação de Grupo. Aí ele veio e conversou comigo e com o Padre da Paróquia e aí nós resolvemos abrir o Grupo. Então tinha depois do SESC, funcionou um Grupo no SESI, então nós tínhamos três Grupos muito bons em Uberlândia, que era o 8º distrito o nosso Distrito..

RELATO II

Nome: João Gilberto Cunha	Data de Nascimento: 06/10/1958
Idade: 59 anos	Data da Entrada no Movimento Escoteiro: 1965
Profissão: Engenheiro Eletricista	Local da entrevista: Uberlândia.

Ana: Como foi a sua entrada no Movimento Escoteiro?

João G: Eu não lembro... Eu queria ser escoteiro, alguma coisa assim. Eu fui lobinho, aí tinha o SESC, eu não lembro se tinha, porque aqui em Uberlândia naquela época tinha o SESC e tinha um Grupo Escoteiro (...) [o senhor João não cita o nome] aqui na Igreja, na Catedral Santa Terezinha, mas ele não tinha nenhum vínculo com a Igreja. Diferente de Ituiutaba, que o chefe era o Padre Mário, eu acho. Agora aqui não, não tinha nada a ver com os padres. Embaixo da Igreja tinha um salão, é... e eles emprestavam aquilo para algumas coisas e uma delas foi para o Grupo Escoteiro.

Ana: Você fez parte do SESC?

João G.: Do início do SESC. O SESC fechou, interrompeu as atividades, aí eu fui para o [Grupo Escoteiro] Eldorado Todo mundo do SESC foi para o Eldorado.

Ana: Onde ficava a sede?

João G.: Ele começou aqui na Igreja Santa Terezinha e depois passou pro... pro... para a Floriano Peixoto, é..., deixa eu ver aqui se eu me lembro. Perto do London ali; uma casa, duas casas depois do London¹¹⁵. Aí depois o SESC voltou e eu voltei para o SESC de novo.

Ana: Mas você tinha notícia deste Eldorado? Ele já existia quando você entrou no SESC, você sabe se ele é antigo?

João G.: Ele ficou um tempo. Ele ficou um tempo e já existia sim. Aí quando fechou o SESC, o que aconteceu... embora a gente fosse para o Eldorado, mas é... foi todo mundo do SESC, aí era igual água e óleo, nunca mistura, é aquela turma diferente, fica quase que duas turmas.

¹¹⁵ London Pub, casa de shows localizada no centro de Uberlândia- Minas Gerais.

Ana: Você sabe o porquê de o SESC ter fechado?

João G.: Nós estamos falando de coisa da década de 60. É... você quer ver... quando aconteceu aquele acidente em Uberlândia, com o filho da Neusa, o SESC ainda tinha. Foi um desastre aéreo que teve aqui, foi no dia da bandeira, a gente tava hasteando a bandeira, era 12:00 no dia. Deixa eu pesquisar aqui [neste momento o senhor João iniciou uma pesquisa na internet]... Ele era tenente coronel na época, morreu no dia 24 de julho de 1998, ué... isso tá errado... cheirou cola aqui, cheirou cola. Como em 98 uai... ou eu tô doido.

Ana: Ele morreu num acidente?

João G.: É. O avião tava fazendo um rasante. Pra mim é dia da bandeira, o avião passou, tava fazendo um rasante na pista, tava fazendo uma apresentação e passou pela gente e depois não voltou, a gente tava hasteando a bandeira na hora.

Ana: Havia mulheres no Grupo?

João G.: Tinha as bandeirantes, né, que aqui em Uberlândia não tinha, que era separado. O que tinha aqui era uma chefe de lobinhos na época, a filha do chefe Gomes, tenho até uma foto dela aqui.

[O senhor Gilberto explica que a foto se trata da promessa da então representante do clube SESC. A chefe de lobinhos citada acima pelo entrevistado, se trata da mulher de cabelos escuros, em segundo plano, do lado direito da foto]

Figura 4- Promessa G.E SESC - Representante do Clube SESC.



FONTE: Arquivo Pessoal, senhor Gilberto Cunha.

Ana: E como era a relação do Grupo com a sociedade?

João Gilberto: A gente tinha um apoio muito grande do exército, as barracas aqui era tudo do exército, naquela época não tinha barraca, você não achava barraca pra comprar, não achava mochila, essas mochilas são do exército. O exército dava mochila velha pra nós, as mochilas que não serviam mais pra eles, eles davam as mochilas pra nós. Então as mochilas que a gente tinha eram mochilas do exército, tinha cantil do exército, não tinha cantil pra comprar, não tinha nada pra comprar. Não tinha essa cultura do camping aqui nesses lados não, igual hoje. Não tinha nada.

Ana: Qual a cor do seu lenço no SESC?

João G: Preto e branco era do Eldorado, do SESC era Azul e vermelho.

ENTREVISTAS ITUIUTABA

RELATO III

Nome: João Washington.	Data de Nascimento: 02/03/1953
Idade: 64 anos	Data da Entrada no Movimento Escoteiro: 23/04/1967.
Profissão: Empresário	Local da entrevista: Ituiutaba

Ana: Como foi sua entrada no movimento escoteiro?

João: Antes [eu] pertencia à Igreja, num clube São Tarciso, um grupo religioso de meninos. Aí tinha um irmão, o Mário Cesar, que era padre, não era padre... era aquele... como é que fala? Religioso que não queria ser padre, então ele ficava dentro das congregações. Aí, o que que acontece, como ele tinha lá um seminário, ele tinha um grupo. Aí juntava aquele tanto de menino e a gente ia jogar bola no sábado e domingo. Aí ele pegou, foi fazer uma visita em Rio Claro, na cidade de São Paulo, lá era a congregação deles e chegou lá e tinha o irmão Romão que tinha um grupo de escoteiro lá, o Irmão Romão era tipo o Irmão Mario, um religioso. Aí o Irmão Mario se entusiasmou-se com aquilo e trouxe a ideia para Ituiutaba, pra dentro do seminário dele. Quando nós era, participava da cruzadinha, né, os meninos lá, do clubinho do Grupo São Tarcísio, aí juntou uma turma. Por que que eu comecei a participar?... Tinha um sargento, o sargento Vander, ele criou um grupo escoteiro, mas era tipo uns soldadinhos que não tinha nada a ver com o movimento e não tinha nenhuma ligação- tinha uniforme, tinha tudo, mas não tinha nada a ver. E quando o irmão trouxe o grupo escoteiro pra cá, aí o uniforme era do Estado de São Paulo, era cáqui, era verde oliva, né, o uniforme do Estado de São Paulo era verde Oliva, aí tinha o chapéu, tinha igualzinho, tinha o lenço, tinha tudo. Aí o que acontece, nós fomos para o seminário, é... aí depois você vai baixando da internet [baixar fotos dos uniformes escoteiros], eu vou contar a história, aí o irmão Mario, nós montamos, ele veio com essa ideias e escolheu uma turma. Eu acho que eu tinha uns 12 anos na época, mais ou menos uns 12 anos. Aí eu não sei como que o irmão Mario conseguiu

um Grupo Escoteiro lá em Uberlândia, um grupo Escoteiro do Mar, cê entendeu? Era um Grupo Escoteiro do Mar, porque o... veio um chefe aqui, é... vestido de escoteiro do Mar...¹¹⁶

Ana: Você lembra o nome dele ou quando ele veio aqui?

Figura 5 - Visita do Grupo Escoteiro SESC ao G.E Padre Anchieta.



FONTE: Arquivo pessoal, Gilberto Cunha.

João: O Grupo Escoteiro nasceu em 67, é pra ser em torno de 65, 66 mais ou menos. Isso aí é difícil. Lá em Uberlândia eu não conheço ninguém... tinha o Amador, mas morreu... eu não tenho mais ligação nenhuma com o pessoal de lá, com os antigo lá. Bom, aí, eles vieram aqui, montaram uma barraca com a gente, mas também desapareceu, não teve mais contato não. Aí o Irmão Mario veio, daí nós fizemos um, trouxe alguém para ensinar, né, a base do escotismo, promessa, lei e tal, aí já começou a ter um contato com Belo Horizonte, entendeu?... a gente era muito menino aí eu não sei com quem o Mário teve esses contatos. Sei que o nosso primeiro uniforme foi baseado em São Paulo, interior, que era o verde oliva, tal... {...} Aí o que que acontece, fundamos um grupo escoteiro aqui na... num seminário aqui, do lado da

¹¹⁶ Atualmente o Movimento Escoteiro brasileiro está dividido em três modalidades: a) modalidade do Mar, em que as atividades são realizadas, preferencialmente na água; b) modalidade do Ar: em que as atividades são caracterizadas pela aproximação do jovem às práticas do aerodelismo, esportes aéreos, estudo da meteorologia, entre outras; c) modalidade Básica consiste em atividades voltadas para o campismo, excursionismo, entre outros.

Igreja, então o Irmão Mário Montou um Grupo Escoteiro lá. Aí nós fomos começando. Aí, depois, nas nossas andanças, tinha também um Grupo de Escoteiros lá de Uberlândia chamado Grupo Escoteiro Cruzeiro do Sul, que era na praça Tubal Vilela, ali na Igreja, no fundo da Igreja e um dos chefes, era o Chefe Amador, um morenã que era o nosso único contato, a gente ia sempre lá, fazia encontros, visita a eles, de vez em quando tinha visita aqui, nós acampamos. Nessa época também, tinha um... , um Grupo Escoteiro em Uberaba, que era o Grupo Escoteiro, não era o presidente Kennedy, o presidente Kennedy foi depois...

Ana: *Antes do Presidente Kennedy?*

João: Era... era um grupo antes, um grupo que os chefes, os filhos dos chefes, é... tinha até uma universidade lá, em Uberaba, uns Grandão... Aí eu sei que depois desse grupo escoteiro, aí apareceu um chefe e criou o Grupo Escoteiro Kennedy que eu lembro ainda que... quando eu ia para São Paulo, naquela época eu já estava mais velho, com uns quatorze ou quinze anos que o chefe, naquela época, em Uberaba, que tá até o hoje lá, o chefe Santana¹¹⁷, o Santana era da minha época... eu passava e tava o Santana lá. É... foi nessa época. Então, voltando pro lado de cá, a gente fazia os curso era em Belo Horizonte e tal e como eu tinha passado pelo movimento escoteiro e não era escoteiro, antes de fundar o nosso, o padre Anchieta, eu aprendi os comandos, então, naquela época, no grupo de escoteiro, tinha o guia. Primeiro tinham os monitores e depois tinha o guia, que tinha três filetinha na camiseta, então eu comandava, eu era papazinho, o irmão Mário, se entendeu... aí veio o Marquinho, veio o Wanderlei, aqui nós era tudo moleque, os lobinhos, alguns escoteiros e foi desse jeito o movimento. Aí andamos esses anos todos, fizemos cursos aí surgiu grupo escoteiro em Uberlândia, Araguari. Araguari tinha um Grupo, com o chefe Tarzan [imprecisão em se falar o nome completo]. Tarzan era o apelido dele- eu não sei nem se ele é vivo ainda... mas tem gente lá em Araguari que vai conhecer alguns membros que era desse grupo, teve um sargento na época.

Ana: *Quando vocês fundaram o Grupo Escoteiro Padre Anchieta, vocês fundaram com alcatéia, tropa escoteira, tropa sênior?*

João: Tudo. Quase 100 meninos. Porque naquela época não tinha quantidade. Não é igual hoje que tem as patrulhas, tudo organizadinho. Então a gente... difícil mesmo você tirava uma especialidade, não tinha um plano de educação igual tem hoje, justamente, esses planos de

¹¹⁷ Chefe Marcus Humberto Santana, foi membro juvenil do extinto Grupo Escoteiro Presidente Kennedy. Mais tarde fez parte do Grupo Escoteiro Inconfidentes e atualmente participa do Grupo Escoteiro Professor Leôncio do Amaral, como diretor presidente do Grupo.

educação, essas coisas mais modernas, isso foi nos últimos 15 anos, cê entendeu. Hoje, alguns grupos, o daqui é muito organizado, é... dentro dos padrões mesmo da UEB, isso também demorou um tempo né; você vai aprendendo, vai melhorando, vem uma geração, vem outra geração, cê entendeu... Hoje aqui, eu vejo, né, eu quase não vou no grupo, mas eu faço a parte de logística, por exemplo, eu acompanho de longe, né, veja, meus netos foram tudo escoteiro, já estamos na terceira geração: os filhos, 4 filhos no grupo escoteiro, tem um até que mora em Uberlândia e cuida da DOKAS [lojas popularmente conhecidas como lojas de 1,99, na cidade de Uberlândia] lá no Luizote, foi lobinho, cruzeiro do sul, o Willian Leonel Rodrigues. Tenho um outro filho que mora em Brasília que foi até, até escoteiro da pátria. Tem a Angelina, que foi escoteira e foi chefe de Akela¹¹⁸. A minha família, a minha esposa, meus irmão, meus... quase todo mundo foi escoteiro na família. Então, né, foi importante. Aí veio, depois fundou o de Capinópolis, nós que ajudamos a fundar o de Capinópolis, fundou cachoeira dourada, o primeiro grupo de lá, depois encerrou cachoeira dourada ficou muito tempo paralisado. Capinópolis era o Antônio Mendes, o Grupo Escoteiro Antônio Mendes tem esse nome em homenagem a ele, que era um diretor lá do grupo e para fazer uma homenagem pra ele, me convidaram para contar a história. Aí agora na comemoração dos 50 anos do grupo, nós fizemos, quando foi fundado o grupo era na frente do Colégio Nacional, era o colégio São José, naquela escadaria ali, tiraram fotos e naquela época, o irmão Mario era muito bem relacionado e fez um desfile com o tiro de guerra, a banda municipal e nós escoteiros. Nós demos uma volta na rua principal entre a 22 e a 17, então agora, nós mobilizamos todos os antigos escoteiros que deram para vir e fizemos o mesmo trajeto, foi um dos melhores desfiles, eles falaram. Nós enchemos, todo mundo saiu na rua para ver a gente andando.

Ana: *Você foi diretor distrital, né?*

João: Fui. É, aí depois, no período, mais na frente, criou-se o distrito, né, o Irmão Mario era comissário Distrital.

Ana: *Você se lembra quando foi criado o distrito? Porque antes não existia, né.*

João: Não existia distrito. Dentro do Estatuto da UEB, contemplava a criação do distrito, era área, então Minas Gerais também tinha, aí a nossa área se chamou 8º distrito, que abrangia

¹¹⁸ O termo Akelá é utilizado para qualificar o chefe responsável por uma alcateia de lobinhos (seção em que participam as crianças de 6 aos 11 anos de idade). O termo é inspirado pelo “Livro da *Jungle*”, publicado pela primeira vez em 1984, pelo escritor Rudyard Kipling que é usado como fundo de cena para o ramo lobinho.

tudo isso aqui. Eu tinha uns... Eu não estava casado ainda, então eu devia ter uns 22 anos por aí... foi na década de 80, mais ou menos...

Ana: Como era ser o Comissário Distrital? Como uma pessoa era eleita para ser comissário?

Isso aí era indicado pelo comissário regional. Aí nós ficamos nesse período, ficamos uns 15 anos, aí em 2000 a União dos Escoteiros do Brasil, extinguiu os distritos, aí passou uns 5 ou 6 anos e voltou de novo as áreas, aí passou um tempo e eu sai. Ai nós fundamos naquela época, como comissário, nós fundamos vários grupos, reativamos o de Araguari, fundamos dois grupos de Uberlândia, mas Uberlândia era muito complicado. Eu não sei, eu não sei se era por que tinha muita gente de fora, o pessoal entrava e depois saia e ia embora, os grupos tinha hora que tava lá em cima, depois tava lá em baixo. Uberaba, diz que foi muito assim também, o chefe de lá mudou pra outra cidade, então, nós abrimos Araxá, o Grupo Escoteiro de Araxá. Eu era o comissário e o chefe Paulo de Araxá era... foi, é... o fundador do grupo de lá, e o chefe Paulo¹¹⁹, nós fomos o grupo mais bem fundado até hoje, o de Araxá. Porque Araxá, naquela época, nós passamos um ano para fundar o grupo. Eu ia lá direto, preparar. Eu lembro que eles escolheram a bandeira, depois eu voltava, nós “fiz” o grupo certim e até hoje ele é do jeito que é. Eu fui comissário uns 12 a 15 anos. A eleição era por indicação, eu só não era indicado se eu não quisesse, se eu renunciasse. Agora não, de dois em dois anos tem uma eleição. Agora eu nem sei, agora quase todo estatuto é assim.

Ana: O senhor foi chefe de seção?

João: Não. É... eu era guia, que não era um chefe... Naquela época não tinha ninguém para ser chefe, na nossa turma não tinha adulto para comandar direito, mas depois foi acontecendo.... O chefe Wanderlei foi chefe de Seção, o chefe marquinhos foi chefe de seção e depois chefe de Grupo, eu também fui chefe de grupo, mais ou menos em 80... é uma pena, nós tínhamos um livro de Ata grande e sumiu, desapareceu.

Ana: Sobre a história do escotismo aqui na região. Quando digo região, quero dizer nessas três cidades: Uberlândia, Ituiutaba e Uberaba. O senhor consegue me falar como se deu o início?

¹¹⁹ Chefe Paulo Vinicius, fundador do Grupo Escoteiro Araxá, foi Comissário distrital no final da década de 1990 e atualmente além de participar do Grupo, faz parte da equipe de formação de adultos do Distrito do Alto Paranaíba (no próximo tópico desta pesquisa, falarei sobre a separação do Distrito do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba em dois).

João: Bom, o que eu consigo te dizer é o seguinte, o que eu conheci foi em Uberlândia, mas eu não lembro muito, foi o quê, foi na época de 65, não existia... [...] Apareceu um terreno e esse terreno foi o seguinte, um antigo escoteiro me liga: “Chefe Doca, o senhor tá sabendo que tem um terreno aqui assim que tão pedindo uso capião, do grupo escoteiro?” Eu não sei se foi em 58, aí eles criaram a Associação Cruzeiro do Sul, aí eu fui lá, né, que é o que eu tenho aqui. Associação Cruzeiro do Sul. Aí eu fui lá, né, em frente à morada ali, levei o Dokinha e outros chefes para conhecer, aí eu cheguei lá, eu tenho que defender, aí tinha o Grupo Escoteiro ASUFUB, lá de Uberlândia que o chefe dele era desembargador e ele é, o Raimundo – a família dele é de Uberlândia até, aí eu fui defender, dei o dinheiro e tal... Aí passou não sei quantos anos e nós ganhamos a causa, se entendeu. Esse ano ainda quero dar um gás nisso, minha vontade é criar uma Associação. Não é pro terreno ser de um grupo A ou grupo B, é pra criar uma Associação dos Grupos para todos. Então.. eu conheço lá de Uberlândia, os grupos escoteiro Cruzeiro do Sul, ASUFUB, Bom Jesus, São Cristóvão, do chefe Walter, o grupo Escoteiro SESC. Lá em Uberlândia também teve um grupo escoteiro que deu trabalho, foi rápido, chamava Grupo Escoteiro Itabapuã, no clube Cajubá. Vieram uns chefes lá de São Paulo e queriam montar tipo uma filial de São Paulo, aí eles montaram esse grupo escoteiro isolado, era da alta sociedade, quem participava era promotor, juiz, era tudo assim... e eram as mulheres que tomavam conta da diretoria e eles não faziam atividade conosco. O negócio deles era viajar para São Paulo. Aí menina, aí nós fizemos uma visita, um desfile e eles começaram até a participar com a gente. Só que deu um ano, aí eu sei que deu um boró... Um chefe namorava , fazia faculdade de medicina em Uberlândia, a noiva dele era de Araguari e isso deu um boró, ele sequestrou essa menina, o reitor da Universidade tava envolvido, só sei que abafaram o negócio e ninguém ficou sabendo... aí eles me chamaram e o grupo acabou... eu lembro que eles tinham muita coisa, muita barraca e nós passamos isso tudo para o SESC. Acabou em dois ou três anos esse Grupo Escoteiro Itabapuã... Aí teve um Grupo Escoteiro Felisberto Carrijo, do chefe Ary, esse deu trabalho demais... eles tiveram sede no Luizote e outros lugares lá. Esse era o Dono do Grupo, de verdade... participava de umas coisinhas aqui, faziam umas reuniões, naquela época os grupos eram muito independentes, ainda hoje são.... Agora lá em Uberaba teve o presidente Kennedy, o chefe Mario de Almeida, e tinha o Inconfidentes. Eu acho que sobre a história, é isso...

ENTREVISTA UBERABA

RELATO IV

Nome: Nivaldo Emídio Moreira	Data de Nascimento: 26/02/1953
Idade: 64 anos	Data da Entrada no Movimento Escoteiro: 11/11/2000
Profissão: Professor de Biologia	Local da entrevista: Uberlândia

Ana: Nivaldo, como foi a sua entrada no Movimento Escoteiro?

Nivaldo: A minha entrada no Movimento Escoteiro foi através duma... de um folder na empresa que, a empresa era ligada ao SESI e a pessoa que esta organizando o Movimento Escoteiro lá em Uberaba, novamente um Movimento Escoteiro lá em Uberaba, foi... procurou o SESI, conhecia uma pessoa que era ligada ao SESI, para poder fazer as reuniões, as primeiras reuniões que... Lá em Uberaba [a entrevista foi realizada em Uberlândia, durante uma viagem do senhor Nivaldo], lá no SESI. Aí com esse folder eu fui lá, participei da primeira reunião, votamos a diretoria executiva, que era um outro nome que se dava naquela época e a partir daí, aí eu já era escotista, eu já era pai, eu fui por causa dos meus meninos.

Ana: Nesta época eles estavam montando um grupo?

Nivaldo: Lá em Uberaba já tinha... havia terminado um Grupo Chamado GPK, que era o Grupo Escoteiro Presidente Kennedy, ele acabou porque o chefe dele foi embora pra Campo Grande e esse Grupo fechou. Aí tem, aí eu conheço muitas pessoas que foi desse Grupo GPK, inclusive, quando montamos o Grupo, pessoas idosas já, ou seja, adultos, foram fazer parte do Grupo Inconfidentes que tava montando lá, dia 12 de novembro de 1990. As primeiras estruturas para a fundação do Grupo foi em 90. Aí, foi investido, vamos dizer assim, 11 de novembro... [1º] de maio, eu lembro direitinho, dia do trabalho, de 90, na sede do SESI em uberl... em Uberaba. Aí formamos e tal e aí quando foi 11 de novembro de 1990 foi instituído pelo tiro de Guerra lá em Uberaba. Aí meus meninos participaram, fizeram 6 meses de cada tropa, a do dia 11 foi investidura do Grupo, aí eu entrei no Movimento Escoteiro, por causa dos meus meninos.

Ana: *Então seu primeiro Grupo Escoteiro foi o Inconfidentes, não é? Fazendo parte da diretoria?*

Nivaldo: Exatamente. Eu era adjunto de... é... administrativo adjunto.

Ana: *Você tinha quantos anos na época?*

Nivaldo: 90... eu tinha 37.. não! 40 anos.

Ana: *Você sabe me falar como foi a História Movimento Escoteiro em Uberaba?*

Nivaldo: Então nossa década veio ser 90 até 2000, que é quando eu fiquei dentro do Movimento Escoteiro com maior ênfase da minha vida, que eu dediquei de corpo e alma para o Movimento Escoteiro.

Ana: *Quando você entrou, quais os Grupos que você tinha contato na época? Você teve contato com outras cidades?*

Nivaldo: Em Uberaba só tinha o Inconfidentes, só fundamos ele, em 1990. Mas já tinha no Triângulo Mineiro o GEPA de Ituiutaba, o Araxá que foi fundado, que foi fundado, foi investido em Abril de 90, inclusive o Grupo Escoteiro Araxá é padrinho do Inconfidentes, através do chefe Paulo Vinicius. Antes eu não sei muito não, antes não guardava documento, então a gente não sabe do Movimento Escoteiro em Uberaba, antes do Inconfidentes.... Mas de 90 até os anos 2000 eu sei bastante, por isso definimos a década que posso te ajudar.

Ana: *Então... Esse é uma dos grandes problemas... a falta de documentos...*

Nivaldo: É que... é como você mesma está vendo... Não existe documentação, isso era uma coisa muito... tipo assim, distanciada de... que não guardou... é... vestígio nenhum, documentação nenhuma disso aí. É que não... a... as conexões, as comunicações naquela época era muito difícil, porque o cara vinha... Geralmente no interior do Brasil, não sendo as capitais, geralmente os Grupos Escoteiros eram fundados assim... Vinha um sargento, vinha lá do Rio de Janeiro, via lá não sei da onde que tinha escoteiro e vinha pra cá e montava um Grupo. A História, praticamente, aqui do Triângulo Mineiro é assim, vinha um militar e montava, aí quando esse militar era transferido ou morria, o Grupo acabava. Tanto que o Inconfidentes foi desses caso, aqui em Uberaba. A sede do distrito era em Ituiutaba, era o chefe DOKA que era o único I.M [significa Insígnia da Madeira, termo utilizado para quem

consegue concluir o curso avançado no Movimento Escoteiro] da região, chamado 8º distrito, que era vinculado diretamente com a Região de Minas Gerais.

Ana: Então, em Uberaba, primeiro teve o Grupo Escoteiro Presidente Kennedy e depois o Inconfidentes... O que mais você sabe?

Nivaldo: A sede do GPK funcionava numa Igreja chamada São Domingos. Era dos... os Dominicanos tinham dado o espaço pra eles realizarem reuniões no fundo da igreja São Domingos, que é uma Igreja centenária em Uberaba, que era dividida com a biblioteca pública Municipal. Tinha uma entradinha, o pessoal entrava ali e fazia atividade ali. Aí os Padres ficaram... ficaram aborrecidos com eles, aí dispensaram eles... Aí foi quando o cara foi embora para Mato Grosso do Sul, aí o Grupo fechou. Nós, o Grupo Escoteiro Inconfidentes com alguns sujeitos, alguns ex-escoteiros do Presidente Kennedy que já tinham se tornado adultos e passaram alguns anos, inclusive, o Santana era um dos... “Por que foi criado o Inconfidentes?” [inserção feita pelo entrevistado] Porque veio a fundadora do Grupo, propriamente dito, a chefe Marli Raposo, ele veio com as filhas dela de Rondônia, em Ariclênes. A filha dela veio, pra estudar em Uberaba, na UNIUBE e com isso, o marido ficou lá e ela veio pra cá e ela era... lá em Ariclênes, ela era CB, chefe de Grupo, era muito empolgada, muito empolgada. Não tinha nada pra fazer em Uberaba, aí montou, começou a correr atrás disso aí em Uberaba. Com isso, achou essas pessoas, o professor Elcio, de biologia da Universidade que já tinha sido escoteiro em Franca, aí começou a fazer, assim, reuniões, criaram uma história, a bandeira, a logo.

Ana: Depois do Inconfidentes, veio o...

Nivaldo: Depois que a chefe Marli saiu, que ela abandonou o Movimento Escoteiro, que teve que ir embora pra Ariclênes... voltar prá lá, o Grupo ficou acéfalo; foi nesse período de ficar acéfalo, com uns dois anos e meio, no máximo, 92,93. Quando ele ficou acéfalo, houve uma reunião, a chefe deixou alguém indicado para ser nomeado para ser o chefe de Grupo; foi indicado o Santana para ser o chefe, naquela época chamava chefe de Grupo, aí eu entrei como vice presidente da comissão executiva. O chefe Santana, literalmente abandonou o Grupo, porque tava fazendo um estágio em São Paulo, um estágio de direito não sei o quê na.... em São Paulo. Aí nós fomos tocando na medida do possível, eu não tinha formação naquela época, só tinha o normal. Como eu tinha... Aí, o Doka veio de Ituiutaba, dia 8, dia 6 de agosto de 93 eu fiz minha investidura, eu e minha esposa, aí nós assumimos o Grupo. Aí a gente continuou com o mesmo... é claro, teve outros... o Santana abandonou porque ele não

aceitava a gente chefe, ele achava que a gente não sabia nada e com isso, o que eu eu fiz... eu fiz o primeiro curso, que é o preliminar, veio o chefe Valter, do SESC, o Camilo do SESI... e o chefe Domingão.. eles estavam ministrando o curso por causa de mim, pra não fechar o Grupo.

Ana: *Aí teve outro Grupo, né. O GELFA.*

Nivaldo: Aí a UEB mudou o Estatuto. No estatuto da UEB, antes de 93, houve uma assembleia, uma reunião em Brasília, para poder mudar a estrutura de regulamentação da UEB, porque tava muito engessada a nível de adestramento, teve briga, teve discussão aí foi aprovado. Foi aprovado em março de 93 o Estatuto da UEB e ninguém sabia disso, aí em setembro eu fui pra Belo horizonte participar do 1º Encontro de novos regulamentos da UEB, foi aonde eu peguei o Estatuto lá em folha, porque não tinha digitalização na época e trouxe pra Uberaba, na indaba¹²⁰ de 93, em Uberlândia, no SESC, eu apresentei para o DOKA e ele simplesmente colocou aquilo debaixo do baixo e esqueceu. Aí nessa nova estruturação o Distrito, que chamava Setor naquela época, mudou de nome e passou a ser coordenação. Aí eu fui coordenador do Setor, em 95, foi onde eu vim abrir o Potiguar, Uberlândia, Triângulo, lá em Carmo do Paranaíba...

Ana: *Com relação à burocracia, para eu entender melhor, até 93 existiam os setores (os distritos), aí em 93 acabaram-se os distritos, aí a organização dos Grupos Escoteiros iam diretamente para a Região?*

Nivaldo: O cronograma era um pouquinho diferente, passou a ser diferente. Tinha lá a UEB, a região de Minas Gerais e as áreas de coordenação que chamava... Só mudou o nome, só mudou o nome. A região tinha alguém dentro das áreas de coordenação, mas o Status do cara era menos que um Chefe de Grupo... chefe distrital... “Por quê?” Por que nas normas estatutárias, mudaram todo a metodologia de formação, aí veio o CNPJ.

Ana: *Então a organização vinha direto de Minas Gerais?*

Nivaldo: Num primeiro momento sim, só que aí eles viram que isso era muito difícil, era impossível, porque os Grupos não tinha como comunicar com a região, era muito difícil, aí

¹²⁰ INDABA, na língua Zulu, significa “Reunião de chefes de tribos”, Baden Powell adotou esse termo para a concentração de chefes escoteiros para reuniões, festas exclusivas para chefes, entre outros. Geralmente ela é utilizada como nome de uma reunião que reúne chefes de todo o distrito, com o intuito de se organizar eventos, calendário e etc, pelo menos duas vezes ao ano.

criaram os coordenadores, aí o chefe Doka não queria ser coordenador de área, queria ser chefe distrital e não aceitou, aí em 94 teve as coordenações, aí viram que isso não tava funcionando, porque as pessoas não estavam preparadas para coordenar um distrito inteiro sozinho. Aí em 97, 98 começou a voltar os distritos, inclusive, no Estatuto tava escrito que se um Grupo ou área de coordenação quisesse desvincular da região ela podia, só que ninguém queria fazer isso, por causa de recurso humano e institucional. Aí enquanto eu fui coordenador, abrimos o Triângulo, o Potiguar, que a primeira sede foi lá no Batalhão do Santa Mônica, depois é que foram pra uma escola que eu não sei o nome.. Aí depois de mim foi o chefe Paulo que assumiu, aí já era distrito de novo. Nessa época, ele tava em Paracatu, aí a UEB voltou os distritos, né, pensaram “vamos voltar os distritos, porque aí eles têm autonomia pra organizar”, aí, nessa época já havia mais pessoas com formação, eu o Fuvio, basicamente foi isso.

Ana: *Aí você ficou até quando?*

Nivaldo: Eu fiquei até... até 2000, foi quando veio o Renato Aoki, aí ele assumiu, mais ou menos em 2000, ele veio de Itaúna, aí começamos a trabalhar juntos, eu já era CB, fomos pro Chile no Jamboree.... O São Sebastião fui eu que abri, na minha época de coordenação, aí 2000, 2001 a direção achou melhor ele assumir, porque eu já tava me afastando do Movimento Escoteiro. Aí teve mais alguns, o Alexandre do Potiguar, aí ele afastou em 2008, 2009, aí ficou acéfalo de novo, aí o pessoal de Ituiutaba assumiu... Aí num tempo aí, teve um desentendimento do nosso Grupo e o Santana.

Ana: *Como foram as circunstância para a abertura do GELFA?*

Nivaldo: Antes de falar do GELFA, vamos falar de Uberlândia. Tinha um Grupo aqui, o SESC, eles abriram uma loja escoteira em Uberlândia, naquela época podia, mas com a autorização da UEB, aí o pessoal da região me ligou e pediu pra eu ir lá ver o que tava acontecendo, aí eu cheguei lá sem falar nada, fiquei olhando as coisas da loja, tal e tal, assim, aí conversei com um escoteiro que tava lá tomando conta [da loja] aí eu perguntei se eles tinham autorização¹²¹, ele disse que tinha, aí eu perguntei quem que deu e ele disse que tinha sido o pessoal da região, aí eu disse “deu não sô, deu não. A região pediu pra avisar que vocês

¹²¹ A União dos Escoteiros do Brasil é a única autorizada a vender qualquer item que esteja relacionado ao Movimento Escoteiro no território brasileiro, no que tange os Grupos Escoteiros que estejam vinculados à UEB. Todas as lojas físicas devem ter autorização de funcionamento expedida pela União dos Escoteiros do Brasil, a nível nacional.

não têm autorização, não pode abrir loja escoteira sem autorização”. Aí ele assinou um documento, porque eles tinham um prazo pra regularizar, mas aí eles fecharam.

Ana: E neste época já existiam quais Grupos?

Nivaldo: O SESC, O Uberlândia, São Cristovão, tinha um em Araguari, do chefe Cunha e o Inconfidentes lá em Uberaba, isso lá em 98, 99.

Ana: Você se lembra de quando o SESC fechou?

Nivaldo: 97. Aí depois veio o Triângulo, o São Sebastião e depois o Potiguar. O São Cristóvão fechou por que não tinha ninguém competente, mais ou menos nessa época, tanto que o GELFA pegou o número dele, o 29.

ENTREVISTA CAPINÓPOLIS

RELATO V

Nome: Reginaldo Alves Lima	Data de Nascimento: 28/09/1956
Idade: 61 anos	Data da Entrada no Movimento Escoteiro: --/--/1971.
Profissão: Administrador de empresas	Local da entrevista: Capinópolis

Ana: Quando foi sua entrada para o Movimento Escoteiro?

Reginaldo: Lembro mais ou menos. Foi na década de..., eu participei do início do movimento escoteiro em Capinópolis, né. Naquela época como jovem, sei lá, com uns 12, de 12 pra 13 anos. Na década de 1970, no grupo escoteiro João XXIII. Eu não tenho datas precisas da fundação dele, mas foi em 1970, 1971 que surgiu o Grupo Escoteiro João XXIII, em Capinópolis. Ele fez parte daquela primeira leva.

Ana: Como você entrou para o Movimento Escoteiro?

Reginaldo: É o seguinte, então naquela época eu já vinha participando de alguns movimentos na cidade, como por exemplo, coroinha na Igreja e o chefe Antônio Mendes, ele que era o... o coordenador naquela época, né, da paróquia, dessa pastoral aqui... São Pedro, Paróquia São Pedro, que hoje é São Pedro, São Paulo. Então foi a partir daí que surgiu depois o escoteiro, né. Na época, como eu já estava, é, ali na... Já envolvido nesse movimento da Igreja... Ele nasceu dentro da Igreja, as nossas reuniões quando começou era na sede Paroquial da Paróquia São Pedro. Hoje o GEAM, Grupo Escoteiro Antônio Mendes já é diferente. Aí naquela época nós tinha alguns jovens, é... Como eu, como outros amigos que nós gostávamos muito de futebol, cê tá entendendo... Então tava surgindo aqui em Capinópolis um safra de jogadores de futebol na verdade, sabe. Aí tinha eu, tinha o Betinho e demais, né. Ai o chefe Antônio Mendes é..., como naquela época a gente tinha o time de futebol dos coroinhas, sempre envolveu esporte também no movimento escoteiro, desde aquela época. Aí eu envolvi com o esporte no movimento escoteiro, aí tinha um time de futebol no Grupo Escoteiro –foi

famoso, ficou muito conhecido na época aqui. Aí foi por isso que eu me envolvi no Movimento naquela época, coroinha, movimento escoteiro e o esporte. Aí o Antônio Mendes conseguiu aquela meninada que tinha o dom da coisa e... E, aí cresceu, sabe... Todo mundo queria ir para o Movimento Escoteiro.

Ana: Mas o Grupo não era só o time de futebol, né? Existiam atividades escoteiras, com o método e programa escoteiro?

Reginaldo: Não, não. Tinha as atividades sim. Tinha acampamento... Era atividade normal do movimento escoteiro. Só que o esporte fazia parte do dia-dia do grupo naquela época. As atividades eram sábado.

Ana: E quanto à estrutura do Grupo, você tinham todos os ramos?

Reginaldo: Naquela época... Naquela época nós tínhamos lobinhos, escoteiros, né... Quando eu saí, que eu já tava com 17 pra 18 anos, quando eu fui embora de Capinópolis, eu já era sênior, né... Inclusive, eu tenho até a minha carteirinha daquela época... Mas tinha as 3 seções.

Ana: Tinham mulheres?

Reginaldo: Naquela época não. Tinha chefes no ramo lobinho, akelá, né. Que era justamente as duas irmãs¹²² do falecido chefe Antônio Mendes.

Ana: Você saiu porque naquela época, do Grupo Escoteiro?

Reginaldo: Porque naquela época, né, a gente tava... Igual eu to te falando né, a gente foi, né, a cabeça foi desenvolvendo, a gente, igual eu to te falando, né, a gente tava envolvido com esporte, né, com o futebol e aí a gente saiu pra isso, né. Saí de Capinópolis para ir pra Goiânia, pra ir pra Uberlândia, pra ir pra São Paulo, justamente para praticar o futebol. Aí, nesse vai e vem e tal, eu abandonei o escoteiro.

Ana: Depois o senhor não teve mais nenhum contato com o Movimento depois que você saiu?

¹²² Se analisarmos as falas da maioria dos entrevistados, perceberemos que a participação de mulheres no Movimento Escoteiro entre os anos de 1960 e 1980, no distrito do Triângulo Mineiro, era ínfima e o que vemos é a participação de mulheres adultas como chefes de alcateia, nunca são citadas como membros juvenis. Isto só muda no relato do senhor Ronaldo, que cita um grupo de bandeirantes (de existência rápida) no Extinto Grupo Escoteiro Cachoeira dourada, mas que, de qualquer maneira, faziam atividades separadas dos meninos.

Reginaldo: Aí chegou a hora de eu ir definitivo embora de Capinópolis... Aos 19 anos eu fui embora, né, só vim ter contato com o movimento escoteiro de novo na minha volta para Capinópolis há 5 anos atrás, né.

Ana: Como foi a História do Movimento Escoteiro aqui em Capinópolis?

Reginaldo: O primeiro Grupo foi o João XXIII.

Ana: Por que tem esse nome?

Reginaldo: Bem... Naquela época, era amparado pela Igreja né, aí João XXII foi um dos papas da Igreja católica, né. Então, naquela época, assim, eu não sei como foi escolhido o nome, mas o João XXIII foi uma papa, né.

Ana: Mas ele era um Grupo focado só para Católicos ou era aberto a todas as religiões?

Reginaldo: Naquela época tinha evangélico também. Lembro direitinho, era pra qualquer religião, qualquer credo.

Ana: O Grupo fechou quando?

Reginaldo: Eu não tenho a data precisa, mas eu imagino que ele fechou na década de 80 e alguma coisa. E depois alguns chefes tomaram a frente e formaram o Grupo Escoteiro Capinópolis, entendeu, tentaram dar sequencia na coisa, não sei como não foi pra frente. Mas eu imagino que o Movimento Escoteiro acabou em Capinópolis, isso, nos anos 90, de 80 a 90. Quando já não tinha o Antônio Mendes, veio o Capinópolis que fechou nessa época aí, que tava na mão de outros ex-escoteiros que tavam na cidade, né. Hoje nós não temos nenhuma História do João XIII, não sobrou nada. Na época tinha barraca, tinha... Deixou tudo, aí agora não tem documentação nenhuma, ninguém sabe o que aconteceu.

Ana: O senhor teve contato com outros Grupos de fora, enquanto era jovem?

Reginaldo: Sim, sim... Naquela [época], eu até lembro direitinho, inclusive eu tenho até uma foto. Nós fomos em Uberaba, participamos várias vezes de atividade aqui em Ituiutaba com o GEPA, ia muito naquela época. Fomos uma vez, eu lembro, nós seniores, fomos em Uberaba, sabe, é... Eu não lembro os nome do Grupo não. Nessa época eu já era sênior, era 73, 74.

Figura 6- Encontro de Grupos Escoteiros, na década de 1970-1980



FONTE: Arquivo pessoal, Reginaldo Alves

Ana: *Quando você retornou para Capinópolis?*

Reginaldo: Aí, é... Eu fui embora de Capinópolis na década de... De 70, 1976, mais especificamente, né. Aí eu só voltei a Capinópolis agora de 2012 para 2013. Aí foi justamente, com os demais ex-escoteiros, com os demais chefes que estão hoje na frente do GEAM, o Caiapônia, por exemplo, também e alguns chefes do Grupo GEPA, que nós começamos com essa ideia de abrir, reabrir um grupo Escoteiro em Capinópolis, o Grupo Escoteiro Antônio Mendes, que a sede fica... A sede nossa é... de atividades é na, no parque de exposição da cidade.

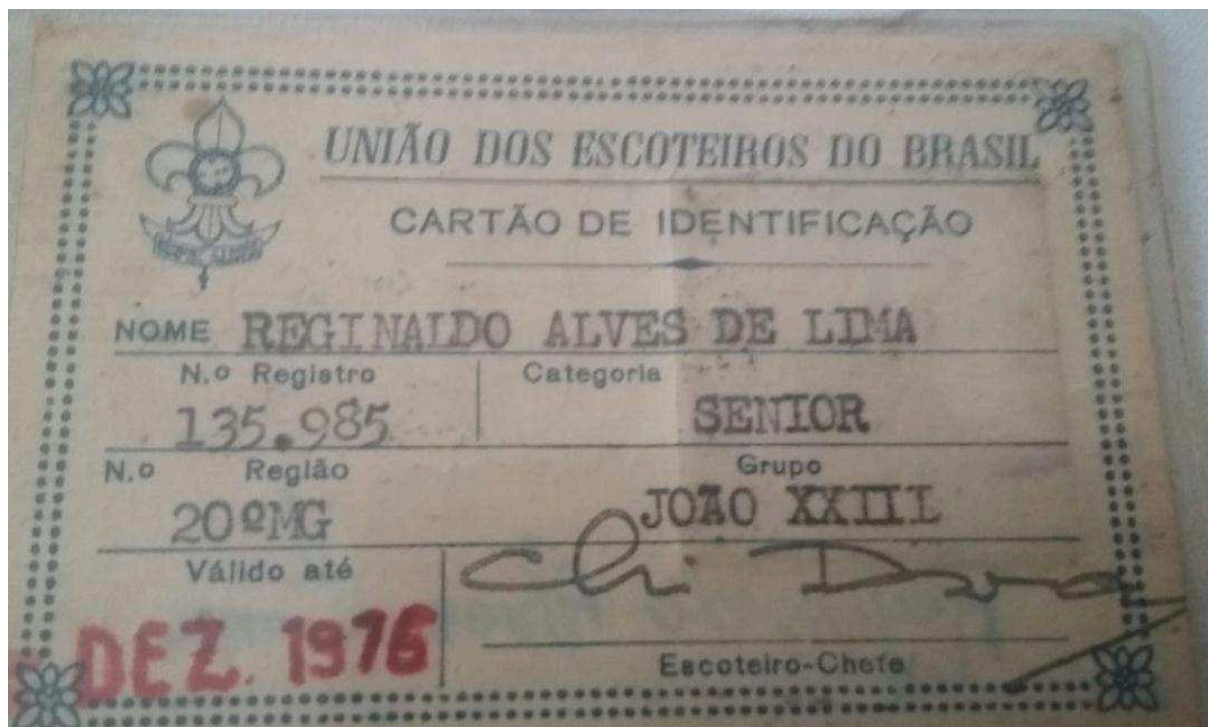
Ana: *E hoje vocês têm todas as seções? Mulheres?*

Reginaldo: Sim, todas as seções e temos mulheres também. Jovens e chefes.

Ana: *Como era a relação entre o Grupo e a UEB? Naquela época já tinha o distrito?*

Reginaldo: Naquela época, eu não me lembro não, mas eu tinha, por exemplo, é... é... Eu acho que era tudo burocrático, via correio, né, tudo manuscrito, né. Pra você ver, até a carteirinha, a que eu tenho daquela época, demorou a chegar. Eu lembro que eu tava quase indo embora e essa carteirinha não tinha chegado.

Figura 7- Registro anual, Reginaldo Alves- 1976



FONTE: Arquivo pessoal, Reginaldo Alves

Ana: *E como era a organização do distrito?*

Reginaldo: Ó... Nós... Na época, eu lembro, assim, que nós era muito envolvido, era como eu te falei né, com Ituiutaba. A gente era muito, assim... Convivia muito com o chefe Doka aqui de Ituiutaba, né, que naquela época ele era... Não sei se ele era o chefe do grupo, se era presidente do distrito, nesse sentido, né.

Ana: *Por que não reabrir o João XXIII ou o Capinópolis?*

Reginaldo: Pois é. Foi o que nós tentamos. Aí já tem um Grupo em Minas Gerais com o nome João XXIII, né, tentamos, mas não deixaram. Nosso maior sonho era ter colocado João XXIII.

Ana: *Como está o Grupo GEAM hoje? Em relação à estrutura, a chefia...*

Reginaldo: Temos todas as seções, hoje, todos os associados, somos uns 60... 65 pessoas lá.

ENTREVISTA CACHOEIRA DOURADA

RELATO VI

Nome: Ronaldo Pereira.	Data de Nascimento: 02/03/1953
Idade: 64 anos	Data da Entrada no Movimento Escoteiro: 23/04/1967.
Profissão: Empresário	Local da entrevista: Capinópolis

Ana: Quando você entrou no Movimento Escoteiro? Você se lembra?

Ronaldo: Data específica não, né... Mas a gente tem uma vaga lembrança aí, que foi entre os anos de 1991, 1992, foi num desses dois anos, acho que foi no finalzinho de 91 para 92. Eu não sei se foi no início de 1992. Exatamente, eu não sei te falar, mas foi praticamente nessa, nesse período, aí.

Ana: Como foi a sua entrada no Movimento?

Ronaldo: Nossa! Foi um sacrifício entrar nesse movimento escoteiro! Primeiramente, meu pai - um cara muito sistemático, sabe, e não deixava a gente fazer nada. Eu não sei se era excesso de zelo, o que era não, mas ele não deixava de jeito nenhum. E ficando adolescente, aquele garoto ali, né, com idade de tropa escoteira, né, com aquela questão de autonomia que o movimento, hoje, vem trabalhar nessa parte, a gente começou a ficar, meio que rebelde demais, aprontando umas coisas que não deveria. Aí parece que ele achou por bem me colocar nesse Movimento Escoteiro. Ele disse: “rapaz, isso pode dar certo!” e assim ele permitiu. Com muito sacrifício. Eu tinha muita vontade de participar do Movimento Escoteiro. Eu pedia ele não deixava: “não você não vai” e tal... “mas meus amigos estão lá!”, “não, você não vai”... eu também não comecei a ficar danadinho ali para poder justificar minha entrada no Movimento Escoteiro, não. Foi uma coisa natural. Eu acho o seguinte, quando você anda com pessoas boas, você tem a tendência de ser bom. Quando você anda com meninos um pouco mais atentados, você tem a tendência de... você tem a chance de fazer coisas iguais. Então... assim.. Entre andar com gente que tava fazendo bagunça e participar com meus amigos que já eram do Movimento Escoteiro, aí daí eu acho que meu pai optou por deixar participar do Grupo Escoteiro Cachoeira Dourada, na época da década de 1990.

Ana: Você lembra onde era a sede?

Ronaldo: Lembro. A Sede era no terreno da Igreja, tinha uma casa no fundo da Igreja São João Batista, que era a nossa sede. Um belo dia meu pai disse: “hoje você pode ir” aí eu procurei um amigo que já tava com a idade um pouco avançada, nós não tínhamos ramo sênior na época, Ele disse “Não, Ronaldo, eu te levo lá... Eu te levo lá!” e cheguei lá na sede, um belo dia de sábado à tarde. Aquele tanto de menino lá. Aí, o rapaz que me levou chama João Batista, hoje amigo meu pessoal, trabalhamos juntos até o ano passado, me levou... me levou até lá na sede e me apresentou pro chefe, um chefe chamado Paulo César e ele chegou pra mim e perguntou: “Cê tá vindo aqui pra realmente ser escoteiro ou pra fazer bagunça igual os outros?”. Desse jeito!. Eu falei: “não, eu quero ser escoteiro!”; ele falou: “então tá bom, pode participar da reunião”. Aí me colocaram na patrulha Tucano, tucano. Meu primeiro monitor, Ivan, eu lembro dele. Aí eu tô participando da patrulha Tucano. Aí foi uma reunião tão boa que esse dia ele saiu da sede e foi pra praia, pro final da praia que ainda não era área urbanizada, né, e fez. A atividade foi muito boa. Eu me destacando, dando tudo de mim, me destacando no meio dos meninos e beleza. Aí encerrou a reunião e estamos subindo, a tardezinha, quase anoitecendo, aí fomos lá pra igreja, pro fim da igreja para encerrar a atividade. Aí os meninos cutucaram o chefe, né, “E aí chefe, o Ronaldo vai poder participar? Ele já sabe até a lei e a promessa, acredita chefe?” Quando meu pai deixou, durante a semana eu peguei todas aquelas apostilas datilografadas. Nós não tínhamos acesso a livros, comprar um livro era muito difícil. Esse livros vinham de Juiz de Fora, na década de 90. Pra Cachoeira Dourada, para conseguir alguma coisa de Juiz de Fora, era muito difícil, tinha que ter um recurso.

Ana: Como você conseguiu essas apostilas?

Ronaldo: Que já tinha no Grupo. Assim, os meninos que já eram escoteiros anteriores a mim tinham essas apostilas e me passaram. Apostilas de canções, tudo datilografado. E eu aprendi ali, a lei e a promessa escoteira. Aí o chefe falava: “qual que é o artigo tal, o artigo tal da lei” e eu saía falando tudo. Ai ele falou “nossa, que bacana! Não... Você tá com a gente”. A partir daí a paixão ficou plantada no coração.

Ana: E a estrutura do Grupo, como que era? Tinha mulheres, tinha todos os ramos?

Ronaldo: Na minha época não, na minha época não tinha todos os ramos. Na minha época já tinha degradado um pouquinho o Grupo. No início do Grupo tinha o ramo lobinho e o ramo

escoteiro, o Grupo foi fundado no início dos anos 90, eu não lembro bem, 89, 90, acho que foi nessa época aí. No início tinha lobinhos e tudo mais, mas eu acho que por falta de mulheres na época, o pessoal, naquela época, enxergava que lobinho, quem tinha que tomar conta era mulher, né, e por falta disso o ramo lobinho desapareceu. Beleza, depois esse ramo lobinho voltou e também voltou.. e aí criaram o Grupo... criaram uma tropa com meninas. Naquela época, eles nem chamavam de tropa escoteira, tropa guia, é... chamaram de bandeirantes, nem sei se na década de 90, dentro do movimento escoteiro, se era chamado de bandeirantes, não recordo como chamava. Eu sei que hoje, o Movimento de Bandeirantes é um movimento separado do Movimento Escoteiro.

Figura 8 - Tropa de Bandeirantes Grupo Escoteiro Cachoeira Dourada.



FONTE: Arquivo pessoal, Ronaldo Pereira.

Ana: *Porque tiveram que criar uma tropa separada?*

Ronaldo: Foi criado porque as meninas precisam de atividade, e as pessoas que vieram pensaram em ter uma tropa lá. Não existia restrição do Grupo quanto a receber mulheres, não havia... não havia restrição de forma alguma. Quando tinha lobinhos, tinha meninos e meninas, sem problemas. Agora a tropa, quando vieram as meninas, elas tinham praticamente

a mesma idade da gente, mas já tinham algumas que já tinham idade guia, se fosse na época de hoje. Na época não se observava muito essa coisa de idade, quando não tinha um ramo os meninos permaneciam na tropa escoteira. Foi o meu caso. Não tinha o ramo sênior e eu permaneci na tropa escoteira por um certo tempo. Mas aí, foi muito rápido a passagem dessa tropa de bandeirantes, passou muito rápido,. Pra você ver, o ELO de 93 as Meninas já não participaram porque já não tinha mais. Foi muito rápido, muito rápido mesmo. Não tenho lembrança alguma de ter feito atividade com elas, a não ser uma excursão que fez num clube em Cachoeira Dourada de Goiás, que na época chama Iate Termas Clube.

Ana: *Nesta época, você teve contato com outros Grupos?*

Ronaldo: Sim, tivemos. Como eu te falei, nós participamos de... teve um ELO em Cachoeira Dourada, nós sediamos um ELO¹²³ lá na época com grupos do distrito.

Ana: *Você se lembra dos Grupos que participaram?*

Ronaldo: Ixi, vou lembrar não... Um eu posso te dar certeza, que é o GEPA, que estava presente e o Grupo Escoteiro Inconfidentes, esses eu tenho certeza que estavam presentes. Nessa época, o que me deixou mais deslumbrado com esse ELO, foi ver que existiam os cordões de eficiência e as especialidades. Que coisa linda era aquilo! Aqueles uniformes todos cheios de distintivos, eu falava “Meu Deus, com faz pra conseguir um trem desse?!” No nosso Grupo não era tão focado essas coisas na época. Pra você ver, começou a focar mais depois do ELO, depois que a gente ficou curioso e começou a buscar. Eu, particularmente, buscava muito, nessa época, depois do ELO, eu já não fazia parte da patrulha Tucano, eu fazia parte da patrulha falcão, meu monitor era o Juliano. E a gente, nossa! A gente ficava muito focado nessas coisas. Aí, por causa da gente, minha e do Juliano, a gente conseguiu com que o chefe avaliasse nossa progressão pessoal como escoteiro de 2ª classe na época, a gente tinha que fazer as atividades do Guia de segunda classe, depois o da 1ª classe, que junto com as especialidades, era o último passa pra você conseguir Lis de ouro¹²⁴, esse, infelizmente, eu não consegui, porque não deu tempo pra gente. Até o meu assessor pessoal, que você conhece, o Abaporang, quando me entregou minha Insígnia de Madeira, na Assembleia Regional, ele colocou, ele colocou a... a minha Insígnia no meu pescoço e disse “Aqui tá o seu

¹²³ Sigla para Escoteiros Locais Organizados, um acampamento distrital, a nível realizado a cada dois anos.

¹²⁴ Lis de ouro é o distintivo máximo alcançado por um jovem que está no ramo escoteiro (dos 11 aos 15 anos de idade), é alcançado quando o jovem consegue concluir todas os itens de sua progressão pessoal.

tão sonhado lis de ouro”, foi emocionante... Então, foi a partir daí que começou a trabalhar essa questão da progressão mesmo...

Ana: *O Grupo Escoteiro Cachoeira Dourada, até quando ele ficou ativo?*

Ronaldo: Dando os últimos suspiros, em 1997, eu já não era membro juvenil, então, até então fui escoteiro, aí o chefe Paulo teve que mudar de Cachoeira Dourada, ele mudou de Cachoeira Dourada para Uberlândia e não tinha ninguém para tomar conta do Grupo. Aí esse Grupo passou na mão de um monte de gente, passou na mão do... até, inclusive, o chefe do Grupo era o prefeito na época, ele tinha tudo para ajudar o Grupo e ele ajudava muito. Então, ele até utilizava o pessoal da prefeitura, aqueles jovens ali e colocava lá pra tomar conta do Grupo Escoteiro, aí não dava certo, ficava um tempo aí ele chamava uma outra, até que eu e o Juliano adquirimos a idade de 17 pra 18 anos e fomos contratados na prefeitura na época para poder olhar alunos do transporte rural, né, transporte de alunos, tinha aí um ônibus e os meninos para não fazer bagunça, pra não machucar, ele colocou nós lá para cuidar. De quebra o prefeito exigiu que nós cuidássemos do Grupo também, da tropa da época, isso foi em 1995, 96, por aí. Uma semana eu ficava na sede por conta do escoteiro e no final de semana nós dois aplicávamos atividade na sede e o outro, durante a semana ficava no ônibus.

Ana: *Você ficou até os 17 anos na tropa escoteira?*

Ronaldo: Pra você ver..., né. Quando o chefe Paulo Cesar foi embora, que vinham as pessoas da prefeitura, eu ficava ali, ajudando, sabe, como se fossa um assistente. Nessa época a gente conseguiu, quando nós assumimos a reponsabilidade do grupo, é... junto do prefeito na época, um monte de livro pra nós-ele viajava muito pra Belo Horizonte e comprou um monte de livro. Ele montou uma sede, antes do Paulo sair, nós recebemos uma sede que era modelo aqui pra região, que é onde hoje funciona um clube de idosos em Cachoeira. Perto de 94, 95, nós recebemos essa sede aí, muito bem decorada, com umas pinturas de Baden Powell, uma coisa linda de se ver, tinha até uma biblioteca lindíssima. Mas aí, por causa de um desentendimento do meu amigo da época com o prefeito.... Estávamos numa bela de uma reunião, num dia de domingo, lá na praça e o prefeito era coroinha da igreja e ele mandou um recado lá “Fala para os escoteiros virem para a reunião... virem pra missa”, a missa já tava na metade aí eu falei “não, nós não vamos parar a atividade pra poder ir lá, pra missa agora, a missa ta terminando, já tá na metade”. Aí nós desobedecemos esse chamado dele... pra quê?... Esse homem na hora que acabou a missa chegou acabando com a gente e o Juliano, um cara muito sério e estressado, falou “beleza, então o meu trabalho não serve pra você, ta aqui... a

partir de hoje eu não sou mais escoteiro”. Aí, depois disso, o Grupo Escoteiro Cachoeira Dourada encerrou suas atividades. Depois dessa reunião, encerrou. Aí eu também na hora eu não... eu falei “dessa forma não tem como continuar também”... Aí ele convidou a gente novamente, a gente lá na sala dele mas o Juliano já tinha arrumado outro emprego. Disse “vou tá trabalhando em outro lugar mudando de cachoeira dourada” e assim ele fez e eu não... eu permaneci em Cachoeira Dourada, mas não como escoteiro. E u falei assim, “ô prefeito, eu preciso do emprego, mas eu não tenho condição de tocar o Grupo sozinho, a tropa escoteira sozinho, eu não vou assumir essa responsabilidade”. Eu era muito novo, 17, 18 anos ali, eu não tinha a maturidade. Aí acabou.

Ana: *Depois disso não houve nenhum resquício de Movimento Escoteiro...*

Ronaldo: Não... Em Cachoeira Dourada não.

Ana: *E foi voltar o Movimento Escoteiro lá, quando?*

Ronaldo: Em 2012, com a minha filha completando 7 anos, mas por várias vezes o pessoal do Grupo Escoteiro Padre Anchieta nos procurou para poder reativar o... o grupo em Cachoeira Dourada. Assim, o Jairo, que foi alicerce do GEPA por muitos anos e um grande amigo. Então assim, nós tivemos um acampamento muito prazeroso em 97, quando o Grupo tava dando os últimos suspiros, né, lá em Ituiutaba. Nessa época, com a seção escoteira e sênior, eu como chefe e esse Juliano. Aí, assim, quando acabou o Grupo, uns 10 anos depois o Jairo começou a procurar bastante “vamos fundar um grupo aqui” e tal, “vamos trazer uma extensão do Padre Anchieta pra cá, ceis não precisa fundar Grupo, a gente traz uma extensão, vem aqui, ajuda...” eu falei “Jairo, não tem condição cara. Eu não tenho condições de mexer com isso agora”. Aí ficou, o Poranga [apelido para Abarporang Paes Leme, adulto voluntário do Grupo Escoteiro Padre Anchieta] insistiu, eu nem conhecia ele na época, o Poranga até brincou “Deixa esse povo quieto aí, que desse mato não sai coelho não”, só que eu não conhecia ele ainda, ele ia lá com o Jairo, mas eu não conhecia ele. Aí minha filha completou 7 anos e eu conversava com a Janice, minha esposa, com meu cunhado Paulo Cesar, que hoje é meu cunhado, que hoje é diretor vice presidente do Grupo e falava assim: “Cesar, o ano que vem eu vou levar a Cecília para ser lobinha lá no GEPA, lá em Ituiutaba”. Eu não pude ser escoteiro lá na época devido as condições financeira dos meus pais, né, mas como na época eu já tinha, eu resolvi que ia levar ela pro GEPA, aí o Cesar disse: “deixa de ser egoísta e vamo criar um grupo aqui!” Ele só tinha visto de longe, nunca foi escoteiro na vida dele, “vamo funda isso aqui, como funciona?”, aí eu comentei “Cara dá trabalho, não é brincadeira um

Grupo Escoteiro. O trabalho é voluntário, mas não é por isso que tem que ser de qualquer forma” e tal. Aí ele quis fundar e entramos em contato com o Pessoal do Grupo Escoteiro Padre Anchieta e eles nos assessoraram para essa fundação. Eles nos visitaram varias vezes, fizeram uma palestra informativa... E momento pessoas demais abraçaram, pra fundar o Grupo, aí fundamos o Grupo, a primeira diretoria foi eleita no dia 22/02/2012, no aniversário de BP, a diretoria foi eleita aí. A UEB, na época, considerava a fundação quando o primeiro jovem fazia a promessa e essa promessa a gente fez, a promessa de todos os jovens do Grupo na época, no dia 01/09/2012, nossas atividades iniciaram em julho, mas a fundação foi só em setembro, de forma solene.

Ana: A sede do Grupo...

Ronaldo: A sede do Grupo é um prédio cedido pela prefeitura que fica do lado da rodoviária ali. E ainda hoje é lá, cedido, né. Um prediozinho pequeno, com 2 cômodos e a parte da frente que usamos pra fazer uma reunião com poucas pessoas, né... tem uma salinha pra secretaria, uma cozinha bem pequena e um banheiro. Do lado onde antigamente era um poço artesiano, eles cederam o espaço pra gente e usamos como almoxarifado.

Ana: E como foi a trajetória do Grupo Escoteiro Caiapônia? A estrutura do Grupo, chefia...

Ronaldo: Todas as seções, temos todas as seções até hoje. Temos praticamente o mesmo número de adultos, houve... vários adultos que foram pinturas daquele prédio- embelezaram por um tempo, foi maravilhoso, mas já não embelezam mais, daquele momento, né, mas tem uns que parecem ser alicerces, eles permanecem lá.

2.2.3- A interpretação da Memória

O movimento Escoteiro no Triângulo Mineiro foi marcado até a década de 1960 por sua relação direta com as escolas, grupos esportivos, militares e igrejas? . Mesmo tendo seu início ainda no final da década de 1930, observa-se que as organizações, associações e Grupos de Escoteiros pouco duravam - não se sabe os motivos reais, mas a imprensa “acreditava” que seria por falta de informação. Se nos dias atuais, apesar de se ter muito mais apoio institucional e uma comunicação maior com os órgãos¹²⁵ que regem os Grupos Escoteiros,

¹²⁵ Utilizo a palavra órgão no plural, por entender que a União dos Escoteiros do Brasil não seja o único órgão que fomenta o movimento escoteiro no território nacional, apesar de ter em sua organização um numero muito

muitos Grupos encerram suas atividades dentro de 2 anos ou seguem com dificuldades para se manterem ativos, por falta de adultos voluntários, apoio Estatal e/ou Municipal, não é muito difícil de entender o porquê dos Grupos do início do Movimento se criarem e se fecharem tão rápido.

Antes de nos atermos diretamente à História dos Grupos Escoteiros na região do Triângulo Mineiro, se faz importante contar a História do próprio distrito, sua formação e seus delineamentos Geográficos e históricos. Como dito anteriormente¹²⁶, a União dos Escoteiros do Brasil-MG, determina e distribui os distritos de acordo com suas afinidades sociais, culturais e territoriais. Entretanto, essa distribuição geográfica pode ser modificado quando a direção distrital, em assembleia, solicitar à UEB-MG.

Até o final dos anos 1990, como referido nas entrevistas, o distrito estudado por esta pesquisa foi denominado 8º Setor, já que a UEB MG ainda não havia formulado o sistema de criação e nomeação dos distritos por sua área geográfica. Portanto, o 8º Setor recebe este nome, pela sua ordem de criação; seu nome foi modificado apenas no início dos anos 2000, depois de um período em que os setores deixaram de ter autonomia e os Grupos passaram a responder diretamente à União dos Escoteiros do Brasil, como bem recordou os senhores Nivaldo e João Washington. Entretanto, antes mesmo do final da primeira década do século XXI, a organização distrital retorna, devido à dificuldades da UEB em gerir diretamente cada Grupo. Estas afirmações podem ser encontradas nas falas de alguns escoteiros e antigos escoteiros entrevistados nesta pesquisa.

Não existia distrito. Dentro do Estatuto da UEB, contemplava a criação do distrito, era área, então Minas Gerais também tinha, aí a nossa área se chamou 8º distrito, que abrangia tudo isso aqui. Eu tinha uns... Eu não estava casado ainda, então eu devia ter uns 22 anos por aí... foi na década de 80, mais ou menos... [...] Isso aí era indicado pelo comissário regional. Aí nós ficamos nesse período, ficamos uns 15 anos, aí em 2000 a União dos Escoteiros do Brasil, extinguiu os distritos, aí passou uns 5 ou 6 anos e voltou de novo às áreas, aí passou um tempo e eu sai. (João Washington, 2017).

E ainda

eles viram que isso era muito difícil, era impossível, porque os Grupos não tinha como comunicar com a região, era muito difícil, aí criaram os coordenadores, aí o chefe Doka não queria ser coordenador de área, queria

maior de associados do que outros órgãos, como: Associação dos escoteiros Tradicionais e Associação Brasileira de Escoteiros

¹²⁶ Ver nota 87.

ser chefe distrital e não aceitou, aí em 94 teve as coordenação, aí viram que isso não tava funcionando, porque as pessoas não estavam preparadas para coordenar um distrito inteiro sozinho. Aí em 97, 98 começou a voltar os distritos, inclusive, no Estatuto tava escrito que se um Grupo ou área de coordenação quisesse desvincular da região ela podia, só que ninguém queria fazer isso, por causa de recurso humano e institucional. (Nivaldo, 2017).

Em 2001¹²⁷, o 8º Setor passou a ser chamado pelo nome de Distrito do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, que se referia às cidades abrangidas pelo distrito. A primeira Indaba- que significa reunião de chefes, em Zulu- do agora Distrito do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, aconteceu em 04/08/2001, na cidade Uberlândia. A Reunião foi presidida pelo então Comissário Regional indicado pela UEB-MG, Renato Pereira Aoki e com a participação dos seguintes Grupos: 132º Grupo Escoteiro Triângulo, 56º Grupo Escoteiro São Sebastião, 49º Grupo Escoteiro Potiguar, 15º Grupo Escoteiro Incofidentes, 42º Grupo Escoteiro Padre Anchieta e 14º Grupo Escoteiro Paracatu.

O distrito segue crescendo e criam-se Grupos em João Pinheiro e no ano de 2009 o distrito foi separado, devido ao número de Grupos e a distância entre eles - que dificultava a realização de acampamentos a nível distrital, já que algumas cidades do distrito estavam as 300, 400 km de distância uma da outra. Assim, cria-se a partir de então dois distritos: o Distrito do alto Paranaíba, que abrange as cidades desta região e o Distrito Escoteiro do Triângulo Mineiro, no qual, compete a regulamentação dos Grupos Escoteiros nas seguintes cidades: Uberlândia, Uberaba, Cachoeira Dourada, Capinópolis, Frutal, Ituiutaba, Araguari, Tupaciguara e cidades outras cidades circunvizinhas.

Se, em 1964, temos resquícios de Grupo Escoteiro em Uberlândia, que se supõe seja o Grupo Cruzeiro do Sul – já que existe o registro de compra e venda de um lote rural na mesma cidade e o nome deste Grupo também é lembrado pelo chefe João Washington (DOKA), do Grupo Escoteiro Padre Anchieta. Entretanto, é difícil afirmar esta informação seja verdadeira, pois a fala do Chefe em questão se torna um pouco confusa quando ele traz à tona uma disputa pela terra adquirida em 1955.

Bom, o que eu consigo te dizer é o seguinte, o que eu conheci foi em Uberlândia, mas eu não lembro muito, foi o quê, foi na época de 65, não existia... [...] Apareceu um terreno e esse terreno foi o seguinte, um antigo escoteiro me liga: “Chefe doca, o senhor tá sabendo que tem um terreno aqui assim que tão pedindo uso capião, do grupo escoteiro?” Eu não sei se foi em 58, aí eles criaram a Associação Cruzeiro do Sul, aí eu fui lá, né, que é o que eu tenho aqui. Associação Cruzeiro do Sul. Aí eu fui lá, né, em frente a

¹²⁷A primeira ATA da “Indaba” do Distrito do Triângulo Mineiro, Uberlândia, 04 de agosto 2001.

morada ali, levei o Dokinha e outros chefes para conhecer aí eu cheguei lá, eu tenho que defender, aí tinha o Grupo Escoteiro ASUFUB, lá de Uberlândia que o chefe dele era desembargador e ele é, o Raimundo - a família dele é de Uberlândia até, aí eu fui defender, dei o dinheiro e tal... Aí passou não sei quantos anos e nós ganhamos a causa, se entendeu. Esse ano ainda quero dar um gás nisso, minha vontade é criar uma Associação. Não é pro terreno ser de um grupo A ou grupo B, é pra criar uma Associação dos Grupos para todos. Então.. eu conheço lá de Uberlândia, os grupo escoteiro Cruzeiro do Sul... (João Washington, 2017).

E ainda como pode ser visto na escritura publica de compra e venda de um terreno rural,

Saibam quantos esta publica escritura [13 de agosto de 1955] [...], nesta cidade de Uberlândia, [...], compareceram partes entre si justas e contratadas a saber: de um lado como autorgantes vendedores A.B.S e sua mulher dona I.G.S, [...] e de outro lado como autorgada compradora a Associação dos Escoteiros “Cruzeiro do Sul” desta cidade filiada a Associação do Escoteiro do Brasil, [...] na melhor forma de direito desta data para sempre vendem como de fato vendido [...] o terreno [...] a autorgada compradora Associação dos Escoteiros “Cruzeiro do Sul”¹²⁸.

Outra hipótese é que sejam o Grupo Escoteiro SESC ou o ELDORADO, que já na década de 1965, se tem informações a cerca destes dois Grupos. De acordo com o antigo Escoteiro, o Senhor João Gilberto, que entrou para o Grupo Escoteiro SESC no ano de 1965 que acabou encerrando suas atividades antes do início da década de 1980, migrando para o Grupo Escoteiro Eldorado e retornando ao SESC quando este reativou no ano de 1983.

Eu queria ser escoteiro, alguma coisa assim. Eu fui lobinho, aí tinha o SESC, eu não lembro se tinha, porque aqui em Uberlândia naquela época tinha o SESC e tinha um Grupo Escoteiro aqui na Igreja, na Catedral Santa Terezinha, [...] já existia[...] [aí] O SESC fechou, interrompeu as atividades, aí eu fui para o ELDORADO. Todo mundo do SESC foi para o Eldorado. [...]Ele começou aqui na Igreja Santa Terezinha e depois passou pro... pro... para a Floriano Peixoto, é..., deixa eu ver aqui se ele me lembro. Perto do London ali; uma casa, duas casas depois do London. Aí depois o SESC voltou e eu voltei para o SESC de novo. [...] A gente tinha um apoio muito grande do exército, as barracas aqui era tudo do exército, naquela época não tinha barraca, você não achava barraca pra comprar, não achava mochila, essas mochilas são do exército. O exercito dava mochila velha pra nós, as mochilas que não serviam mais pra eles, eles davam as mochilas pra nós. Então as mochilas que a gente tinha eram mochilas do exército, tinha cantil do exército, não tinha cantil pra comprar, não tinha nada pra comprar.

¹²⁸ 2º TABELIONATO DE NOTAS. **Certidão.** 1955. Disponível em: <
<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/0B19q3qETBfhyYWhGOU4a1VNSTQ>> Acessado em 06 dez.
 2017.1

Não tinha essa cultura do camping aqui nesses lado não, igual hoje. Não tinha nada. (João Gilberto, 2017)

De acordo com o site do SESC Uberlândia, a primeira sede do clube, localizada na Avenida João Pinheiro, foi inaugurada em 1960. Portanto, o Grupo Escoteiro SESC, provavelmente foi fundado logo no início de 1960 e o Grupo Escoteiro Eldorado não muito distante disso, já que o senhor João Gilberto relata que o Grupo já existia quando ele ingressou no movimento, em 1965.

Em 23 de abril de 1967, foi criado em Ituiutaba o Grupo Escoteiro Padre Anchieta pelo Irmão Mario César, que a partir de um clube chamado São Tarcisio e uma visita familiar no Estado de São Paulo foi inspirado a abrir um Grupo na Paróquia de Ituiutaba.

Antes [eu] pertencia a Igreja, num clube São Tarciso, um grupo religioso de meninos. Aí tinha um irmão, o Mario Cesar, que era padre, não era padre... era aquele... como é que fala? Religioso que não queria ser padre, então ele ficava dentro das congregações. Aí, o que que acontece, como ele tinha lá um seminário, ele tinha um grupo. Aí juntava aquele tanto de menino e a gente ía jogar bola no sábado e domingo. Aí ele pegou, foi fazer uma visita em Rio Claro, na cidade de São Paulo, lá era a congregação deles e chegou lá e tinha o irmão Romão que tinha um grupo de escoteiro lá, o Irmão Romão era tipo o Irmão Mario, um religioso. Aí o Irmão Mario se entusiasmou-se com aquilo e trouxe a ideia para Ituiutaba, pra dentro do seminário dele. Quando nós era, participava da cruzadinha, né, os meninos lá, do clubinho do Grupo São Tarcisio, aí juntou uma turma. Por que que eu comecei a participar?... Tinha um sargento, o sargento Vander, ele criou um grupo escoteiro, mas era tipo uns soldadinhos que não tinha nada a ver com o movimento e não tinha nenhuma ligação- tinha uniforme, tinha tudo, mas não tinha nada a ver. E quando o irmão trouxe o grupo escoteiro pra cá, aí o uniforme era do Estado de São Paulo, era caqui, era verde oliva, né, o uniforme do Estado de São Paulo era verde Oliva, aí tinha o chapéu, tinha igualzinho, tinha o lenço, tinha tudo. Aí o que acontece, nós fomos para o seminário, é... ai depois você vai baixando da internet, eu vou contar a história, ai o irmão Mario, nós montamos, ele veio com essa ideias e escolheu uma turma. Eu acho que eu tinha uns 12 anos na época, mais ou menos uns 12 anos. (João Washington, 2017).

De acordo com o relatório anual de 1989, da União dos Escoteiros de Minas Gerais, além do Grupo Escoteiro Padre Anchieta, o outro único Grupo que esta inscrito no então 8º Distrito, como era chamada a região do Triângulo Mineiro, era o Grupo Escoteiro Presidente Kennedy, fundado em 24 de Setembro de 1967¹²⁹. Pouco se sabe sobre a História da Fundação do Grupo Escoteiro Presidente Kennedy. Sabe-se somente que suas atividades se

¹²⁹ UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL-REGIÃO DE MINAS GERAIS. **Relatório Provisório- 1989.** Juiz de Fora, 1989. p.25.

encerraram no ano de 1986, em que já não se tem registro de associados na UEB-MG, de acordo com o relatório anual de 1987¹³⁰.

a sede do GPK funcionava numa Igreja chamada São Domingos. Era dos... os Dominicanos tinham dado o espaço pra eles realizarem reuniões no fundo da igreja São Domingos, que é uma Igreja centenária em Uberaba, que era dividida com a biblioteca pública Municipal. Tinha uma entradinha, o pessoal entrava ali e fazia atividade ali. Ai os Padres ficaram... ficaram aborrecidos com eles, ai dispensaram eles... Aí foi quando o cara foi embora para Mato Grosso do Sul, aí o Grupo Fechou. (Nivelado, 2017).

Percebe-se então que o Grupo Escoteiro SESC, como explanado pelo Senhor Gilberto Cunha, tenha encerrado suas atividades provavelmente, em 1967, já que seu nome não consta nos relatórios de Grupos em funcionamento na década de 60.

Ainda em relação ao relato do Senhor João Washington, no final da década de 1960 existia outro Grupo Escoteiro em Uberaba, entretanto, o mesmo não se recorda do nome, mas relata que o Grupo se reunia em uma universidade da cidade. O senhor João relata que

Nessa época também, tinha um... , um Grupo Escoteiro em Uberaba, que era o Grupo Escoteiro, não era o presidente Kennedy, o presidente Kennedy foi depois... [...] era um grupo antes, um grupo que os chefes, os filhos dos chefes, é... tinha até uma universidade lá, em Uberaba, Uns Grandão... Aí eu sei que depois desse grupo escoteiro, aí apareceu um chefe e criou o Grupo Escoteiro Kennedy que eu lembro ainda que... quando eu ia para São Paulo, naquela época eu já estava mais velho, com uns 14 ou quinze anos que o chefe, naquela época, em Uberaba, que tá até o hoje lá, o chefe SantAna, o SantAna era da minha época... eu passava e tava o SanatAna lá. É... foi nessa época. (João Whashington, 2017).

Se analisarmos a fala do Senhor Gilberto Cunha que relata ter participado do Grupo Escoteiro Eldorado até que o Grupo Escoteiro SESC retornasse às atividades – que de acordo com o relatório da UEB-MG, de 1989, tem sua fundação em 29 de maio de 1983 que faz surgir uma indagação: por que o nome do Grupo Escoteiro Eldorado não aparece nos dados fornecidos pela Instituição? Uma possível resposta a esta questão pode ser a desorganização institucional dos Grupos Escoteiros, que, talvez, tenham estado ativos, sem autorização oficial da União dos Escoteiros do Brasil – Minas Gerais ou mesmo, pode significar que o relatório provisório desenvolvido pela UEB-MG esteja incompleto ou a Própria União dos Escoteiros

¹³⁰ UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL-REGIÃO DE MINAS GERAIS. **Relatório Provisório- 1987**. Juiz de Fora, 1987. p.11.

do Brasil tenha sido descuidada quanto à fiscalização de abertura de Grupos Escoteiros na Região Escoteira de Minas Gerais.

Não se trata aqui de uma acusação à UEB-MG, mas sim de algumas hipóteses sobre as características do processo de institucionalização dos grupos que possam responder à falta de informação de alguns Grupos Escoteiros nos relatórios criados e publicados pelo próprio órgão. De acordo com o que foi pesquisado para este trabalho, e o relatado também por praticamente todos os entrevistados, o Movimento Escoteiro até a década de 1990, nas cidades do Triângulo Mineiro, tinham pouca organização em relação a documentos e acabaram por perder praticamente toda a História do Escotismo desta época e tinham também como característica a formação técnica de seus jovens e adultos; pouco se ouviu ao período anterior a esta data de uma formação com bases a propósito Escoteiros, seu método e projeto educativo que propõem muito mais do que ensinamentos técnicos e mateiros¹³¹ que, apesar de ser uma parte importante da vida de um escoteiro, não é a única parte da progressão pessoal de cada sujeito. De acordo com o Senhor Ronaldo Pereira, que até a realização de uma acampamento nacional com nome “Escoteiros Locais Organizados (ELO)”, realizado pelo 8º Distrito Escoteiro na cidade de Cachoeira Dourada, o então Grupo Escoteiro que ele participava, somente praticava técnicas de acampamento.

Nessa época, o que me deixou mais deslumbrado com esse ELO, foi ver que existiam os cordões de eficiência e as especialidades. Que coisa linda era aquilo! Aqueles uniformes todos cheios de distintivos, eu falava “Meu Deus, com faz pra conseguir um trem desse?!” No nosso Grupo não era tão focado essas coisas na época. Pra você ver, começou a focar mais depois do ELO, depois que a gente ficou curioso e começou a buscar. Eu, particularmente, buscava muito, nessa época, depois do ELO, eu já não fazia parte da patrulha Tucano, eu fazia parte da patrulha falcão, meu monitor era o Juliano. E a gente, nossa! A gente ficava muito focado nessas coisas. Aí, por causa da gente, minha e do Juliano, a gente conseguiu com que o chefe avaliasse nossa progressão pessoal como escoteiro de 2ª classe na época, a gente tinha que fazer as atividades do Guia de segunda classe, depois o da 1ª classe, que junto com as especialidades, era o último passa pra você conseguir Lis de ouro, esse, infelizmente, eu não consegui, porque não deu tempo pra gente. (Ronaldo Pereira, 2017)

Neste sentido, entre a segunda metade da década de 1960, até o ano de 1971, os Grupos ativos no 8º Distrito - levando em consideração as falas dos Senhores João Gilberto e João Washington eram: Grupo Escoteiro SESC, Grupo Escoteiro Eldorado, Grupo Escoteiro

¹³¹ O termos mateiro aqui empregado se refere a todas as atividades técnicas ensinadas dentro do movimento escoteiros, dentre elas: técnicas de sobrevivência, técnicas de acampamento, técnicas de construção com bambú e técnicas de cozinha primitiva (cozinha em fogueira, sem panelas, etc.)

Padre Anchieta e Grupo Escoteiro Presidente Kennedy. Em 14 de março de 1971, foi criado o Grupo Escoteiro Capinópolis, na cidade de Capinópolis¹³². É neste ponto que se percebe uma divergência entre o documento oficial e as lembranças pessoais do entrevistado. De acordo com o Senhor Reginaldo Alves Lima, ele teria participado no início da década de 1970, na cidade de Capinópolis, de um Grupo Escoteiro chamado João XXIII e não do Grupo Escoteiro Capinópolis como é afirmado no relatório disponibilizado pela UEB-MG.

[...] Foi na década de..., eu participei do início do movimento escoteiro em Capinópolis, né. Naquela época como jovem, sei lá, com uns 12, de 12 pra 13 anos. Na década de 1970, no grupo escoteiro João XXIII. Eu não tenho datas precisas da fundação dele, mas foi em 1970, 1971 que surgiu o Grupo Escoteiro João XXIII, em Capinópolis. Ele fez parte daquela primeira leva. [...] então naquela época eu já vinha participando de alguns movimentos na cidade, como por exemplo, coroinha na Igreja e o chefe Antônio mendes, ele que era o... o coordenador naquela época, né, da paróquia, dessa pastoral aqui... São Pedro, Paróquia São Pedro, que hoje é São Pedro-São Paulo. Então foi a partir daí que surgiu depois o escoteiro, né. Na época, como eu já estava, é, ali né... já envolvido nesse movimento da Igreja... Ele nasceu dentro da Igreja, as nossas reuniões quando começou era na sede Paroquial da Paróquia São Pedro. Hoje o GEAM, Grupo Escoteiro Antônio Mendes já é diferente. Aí naquela época nós tinha alguns jovens, é... como eu, como outro amigos que nós gostávamos muito de futebol, cê tá entendendo... Então tava surgindo aqui em Capinópolis um safra de jogadores de futebol na verdade, sabe. Ai tinha eu, tinha o Betinho e demais, né. Ai o chefe Antônio Mendes é..., como naquela época a gente tinha o time de futebol dos coroinhas, sempre envolveu esporte também no movimento escoteiro, desde aquela época. Ai eu envolvi com o esporte no movimento escoteiro, ai tinha um time de futebol no Grupo Escoteiro- foi famoso, ficou muito conhecido na época aqui. Ai foi por isso que eu me envolvi no Movimento naquela época, coroinha, movimento escoteiro e o esporte. Aí o Antônio Mendes conseguiu aquela meninada que tinha o dom da coisa e... e...aí cresceu, sabe... todo mundo queria ir para o Movimento Escoteiro. [...] Eu não tenho a data precisa, mas eu imagino que ele fechou na década de 80 e alguma coisa. E depois alguns chefes tomaram a frente e formaram o Grupo Escoteiro Capinópolis, entendeu, tentaram dar sequencia na coisa, não sei como não foi pra frente. Mas eu imagino que o Movimento Escoteiro acabou em Capinópolis, isso, nos anos 90, de 80 a 90. Quando já não tinha o Antônio Mendes, veio o Capinópolis que fechou nessa época aí, que tava na mão de outros ex-escoteiros que tavam na cidade, né. Hoje nós não temos nenhuma História do João XIII, não sobrou nada. Na época tinha barraca, tinha.... deixou tudo, ai agora não tem documentação nenhuma, ninguém sabe o que aconteceu.(Reginaldo, 2017)

De acordo com o Senhor Reginaldo, ele participou do Grupo Escoteiro João XXIII e não do Grupo Escoteiro Capinópolis, como se pode perceber no relato a cima. Em nenhum dos relatórios acessados nesta pesquisa trazem o nome João XXIII como sendo um Grupo

¹³² UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL-REGIÃO DE MINAS GERAIS. **Relatório Provisório- 1989.** Juiz de Fora, 1989. p.25.

Ativo na época relatada pelo Senhor Reginaldo, entretanto, o Senhor Reginaldo narra com precisão fatos coerentes acerca da fundação do Grupo no ano de 1971, o que nos faz pensar sobre a (im)precisão da memória e dos documentos tidos como oficiais e o conflito de dados que rondam a História do Escotismo nesta Região. Pode ser que nos registros oficiais, a informação não exista por uma confusão com outro grupo com mesmo nome que, segundo o próprio Reginaldo, foi criado depois e impediu que o nome fosse adotado depois na recriação dele.

Na cidade de Araguari, o último dado sobre o Movimento Escoteiro se deu através de um artigo no jornal *O Triângulo*, de 8 de dezembro de 1940, em que se percebia uma organização do Movimento Escoteiro sob direção de então chefes Jefferson de Oliveira e Erezichson Vargas e Fued Armindo, sabe-se também, apesar de datas não precisas, que o Escotismo na cidade de Araguari encerrou-se logo na década de 40. Entretanto, em 07 de setembro de 1979, foi fundado na cidade o Grupo Escoteiro Araguari, como afirma o Senhor Valter,

Olha, esse Grupo Escoteiro lá, era mais ou menos vinculado ao... ao batalhão ferroviário, os dois chefes eram do batalhão na época, então eram militares...[...] a gente fez muito acampamento distrital em Ituiutaba, em Uberlândia, em Araguari, inclusive, dentro dos ramos, dentro dá... anualmente a gente fazia um encontro distrital, é por isso que cresceu assim... bastante o movimento é... desses, desses Grupos.

Em 7 de Fevereiro de 1982, foi criado o Grupo Escoteiro ASUFUB, com sede no antigo clube de mesmo nome, na cidade de Uberlândia. De acordo com o Senhor Valter, dos ativos na década de 1980, o Grupo Escoteiro ASUFUB seria o mais antigo dentre os 3 que se encontravam em funcionamento, sendo eles, respectivamente por ordem de fundação ASUFUB (1982), SESC (1983) e São Cristóvão (1983). Em 29 de maio de 1983 o Grupo Escoteiro SESC é reativado e em 24 de julho do mesmo ano, é fundado o Grupo Escoteiro São Cristóvão, com sede na Paróquia São Cristóvão, que foi o Grupo em que o Senhor Valter, seus filhos e esposa iniciaram suas vidas escoteiras, como visto no relato abaixo:

Eu participei do Grupo Escoteiro São Cristóvão, foi quando eu me tornei chefe, porque os meninos, estavam os três lá. É... desde o mais velho até o mais novo, o Marcilio; juntamente com a minha esposa que também se tornou chefe escoteira, [...] então tem 33 anos. Houve, houve um movimento, é... dos Grupos Escoteiros na época, que é...estavam muito cheios de poucos Caciques, então, um pessoa era chefe de um Grupo quase eternamente e isso tava trazendo um... hã... uma falta de entusiasmo das pessoas para entrar na direção. Tá... Aí a gente fez um movimento dentro do grupo e a gente colocou 12 chefes pais, de uma só vez. Então... uma... essa busca tirou uma autonomia que existia de uma pessoa só comandar tudo,

então criava-se um clã familiar dentro do grupo escoteiro. [...] Então, isso daí a gente sentiu já de início, que prejudicava o Movimento, que... elitizava a chefia e prejudicava o movimento. Então a gente bateu de frente e após a... a... as entradas, porque eu sempre morei no bairro Bom Jesus e... porque eu era, dava curso de noiva na São Cristóvão, a gente trouxe os meninos pra lá, pro Grupo Escoteiro de lá. [...] Era na Paróquia São Cristóvão. Aí nós resolvemos, com essa, com essa entrada e começamos a bater de frente com a organização que tinha no momento, é... a gente começou a ser discriminados. É... meu menino mais velho acabou as etapas de sênior e aí nós resolvemos criar um novo Grupo Escoteiro, com os chefes que já tinham saído do Grupo São Cristóvão. Acho que isso foi em 93, 94, mais ou menos.

O Grupo Escoteiro mencionado pelo Senhor Valter é o Grupo Escoteiro Uberlândia, com sede localizada na paróquia Bom Jesus e atividades realizadas na praça Sérgio Pacheco. Não se sabe ao certo até quando este Grupo manteve suas atividades, mas de acordo com o que o senhor Valter menciona, o Grupo pode ter sido fundado em 1993. De acordo com o Senhor Valter, ele esteve ativo no Grupo até que seus filhos saíssem completamente do Movimento Escoteiro.

Quando nós criamos o Grupo Escoteiro Cristóvão, quer dizer, o Uberlândia, é... o Marcilio já tava cumprindo as etapas de sênior, então ele entrou no Grupo como chefe de lobinho. Então, a... o Marley já era sênior Marlos já era escoteiro. Então nós ficamos até os três saírem completamente do Grupo... é... que começaram a passar em vestibulares e cair no mundo, no mundo próprio, então ficou mais difícil.

De acordo com o Senhor Valter, no ano de 1993, ele e alguns outros chefes do Grupo Escoteiro São Cristóvão e de outros Grupos da cidade de Uberlândia, descontentes com seus respectivos Grupos ou que nem mais participavam, abriram o Grupo Escoteiro Uberlândia, que manteve suas atividades até meados da segunda metade da década de 1990, já o Grupo São Cristóvão, de acordo com o Senhor Valter, encerrou suas atividades devido a alguns problemas pessoais da então chefe de Grupo.

O São Cristóvão continuou depois da criação do Grupo Uberlândia. O Grupo Escoteiro São Cristóvão foi raleando por causa de problemas familiares da própria chefe, da dona Nanci e acabou sendo extinto por falta de gente. O pessoal foi é... não concordando com ela, foi saindo um, outro, outro, outro e acabando ficando quase sozinha com a família dela, então fechou. (Valter, 2017).

Na segunda metade da década de 1980 o Senhor João Washington, assume o cargo de Comissário Distrital, que era o responsável pela organização dos Grupos Escoteiros do 8º Setor Escoteiro, durante seu mandato- que durou aproximadamente 15 anos, de acordo com o próprio Senhor João, foram criados alguns outros Grupos no Distrito, alguns deles somente com autorização do distrito. A abertura de um Grupo se dava a partir do interesse de alguém,

um grupo de pessoas ou de alguma instituição, que manifestava o interesse ao Comissário e este iniciava um processo de abertura do Grupo, após reuniões entre os interessados, organização da sede, visitas e cursos aos possíveis chefes do novo Grupo.

O Senhor João Washington, afirma que durante sua gestão, foram criados os Grupos Escoteiros Uberlândia, Araxá, Cachoeira Dourada e foram reativados o Grupo Escoteiro Araguari, fundado em 1979 - sem data do encerramento das atividades do Grupo. O Grupo Escoteiro Araxá, assim como o Grupo Escoteiro Cachoeira Dourada, obteve sua autorização provisória para o início de suas atividades no ano de 1989, expedida pela UEB-MG¹³³, mas estas datas de autorização, nem sempre são consideradas como data de fundação do Grupo Escoteiro, como o caso do Grupo Escoteiro Araxá, cuja autorização provisória se deu em 1989, mas a fundação oficial do Grupo se deu em Abril do ano seguinte, durante um acampamento na cidade de Araxá¹³⁴.

De acordo com o Senhor Ronaldo Pereira, que foi membro juvenil do então Grupo Escoteiro Cachoeira Dourada, este também teria iniciado suas atividades no início dos anos 90, um ano depois de expedida sua autorização provisória.

Data específica não, né... Mas a gente tem uma vaga lembrança aí, que foi entre os anos de 1991, 1992, foi num desses dois anos, acho que foi no finalzinho de 91 para 92. Eu não sei se foi no início de 1992. Exatamente, eu não sei te falar, mas foi praticamente nessa, nesse período, aí. [...] A Sede era no terreno da Igreja, tinha uma casa no fundo da Igreja São João Batista, que era a nossa sede. (Ronaldo Pereira, 2017).

Sobre a História do Grupo Escoteiro Cachoeira Dourada, o Senhor Ronaldo diz que o Grupo Escoteiro deu seus *últimos suspiros em*

em 1997, eu já não era membro juvenil, então, até então fui escoteiro, aí o chefe Paulo teve que mudar de Cachoeira Dourada, ele mudou de Cachoeira Dourada para Uberlândia e não tinha ninguém para tomar conta do Grupo. Aí esse Grupo passou na mão de um monte de gente, passou na mão do... até, inclusive, o chefe do Grupo era o prefeito na época, ele tinha tudo para ajudar o Grupo e ele ajudava muito. Então, ele até utilizava o pessoal da prefeitura, aqueles jovens ali e colocava lá pra tomar conta do Grupo Escoteiro, aí não dava certo, ficava um tempo aí ele chamava uma outra, até que eu e o Juliano adquirimos a idade de 17 pra 18 anos e fomos contratados na prefeitura na época para poder olhar alunos do transporte rural, né, transporte de alunos, tinha aí um ônibus e os meninos para não fazer

¹³³ UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL-REGIÃO DE MINAS GERAIS. **Relatório Provisório- 1989**. Juiz de Fora, 1989. p.25.

¹³⁴ Como dito no início deste tópico, o Distrito do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba foi dividido em 2009 e Araxá, passou a fazer parte do Distrito do Alto Paranaíba.

bagunça, pra não machucar, ele colocou nós lá para cuidar. De quebra o prefeito exigiu que nós cuidássemos do Grupo também, da tropa da época, isso foi em 1995, 96, por aí. Uma semana eu ficava na sede por conta do escoteiro e no final de semana nós dois aplicávamos atividade na sede e o outro, durante a semana ficava no ônibus. [...] Quando o chefe Paulo Cesar foi embora, que vinha as pessoas da prefeitura, eu ficava ali, ajudando, sabe, como se fossa um assistente. [...] [o prefeito] Ele montou uma sede, antes do Paulo sair, nós recebemos uma sede que era modelo aqui pra região, que é onde hoje funciona um clube de idosos em Cachoeira, perto de 94, 95, nós recebemos essa sede aí, muito bem decorada, com umas pinturas de Baden Powell, uma coisa linda de se ver, tinha até uma biblioteca lindíssima. Mas aí, por causa de um desentendimento do meu amigo da época com o prefeito.... [...]. Aí acabou. (Ronaldo Pereira, 2017).

A década de 1990 foi marcado pela criação dos últimos Grupos que fazem parte desta pesquisa. Em 11 de novembro de 1990, foi criado, em Uberaba, o Grupo Escoteiro Inconfidentes, com sede no Clube SESI, de Uberaba, como afirma o Senhor Nivaldo:

Em Uberaba só tinha o Inconfidentes, só fundamos ele, em 1990. Mas já tinha no Triângulo Mineiro o GEPA de Ituiutaba, o Araxá que foi fundado, que foi fundado, foi investido em Abril de 90, inclusive o Grupo Escoteiro Araxá é padrinho do Inconfidentes, através do chefe Paulo Vinicius. Antes eu não sei muito não, antes não guardava documento, então a gente não sabe do Movimento Escoteiro em Uberaba, antes do Inconfidentes.... [...] Lá em Uberaba já tinha... havia terminado um Grupo Chamado GPK, que era o Grupo Escoteiro Presidente Kennedy, ele acabou porque o chefe dele foi embora pra Campo Grande e esse Grupo Fechou. Aí tem, aí eu conheço muitas pessoas que foi desse Grupo GPK, inclusive, quando montamos o Grupo, pessoas idosas já, ou seja, adultos, foram fazer parte do Grupo inconfidentes que tava montando lá, dia 12 de novembro de 1990. As primeiras estruturas para a... a fundação do Grupo foi em 90. Aí, foi investido, vamos dizer assim, 11 de novembro... de maio, eu lembro direitinho, dia do trabalho, de 90, na sede do SESI em uberl... em Uberaba. Aí formamos e tal e aí quando foi 11 de novembro de 1990 foi instituído pelo tiro de Guerra lá em Uberaba. Aí meus meninos participaram, fizeram 6 meses de cada tropa, a dia 11 foi investidura do Grupo, aí eu entrei no Movimento Escoteiro, por causa dos meus meninos. (Nivaldo, 2017)

Em 1993, criou- se, de acordo com o Histórico do 132º Grupo Escoteiro Triângulo¹³⁵,

o 132º Grupo Escoteiro SESI, [...] anos mais tarde foi nomeado de 132º Grupo Escoteiro Triângulo e passou a fazer suas atividades no Parque Municipal do Sabiá, onde presta um relevante serviço de proteção ao meio ambiente e conscientização do turista.¹³⁶

Este Grupo também é mencionado pelo senhor Valter, que diz: “Então tinha depois do SESC, funcionou um Grupo no SESI, então nós tínhamos 3 Grupos muito bons em

¹³⁵ Arquivo disponibilizado pelo 132º Grupo Escoteiro Triângulo.

¹³⁶ GRUPO ESCOTEIRO TRIÂNGULO, Ata da Primeira Assembleia de Grupo Escoteiro Triângulo. Uberlândia, 1999, p.2. (mimeo.).

Uberlândia” (Valter, 2017), de acordo com a 1ª ATA, já como 132º Grupo Escoteiro Triângulo, a diretoria era representada pela senhora Ch. Dalca Botaro Carvalho, como Diretora Presidente; Ch. Maria Cristina, como Diretora Administrativa e Chefe Helena Maria, como Diretora Financeira, além de outros adultos voluntários e suas seções.

Em 23 de abril de 1995, a partir de uma dissidência do Grupo Escoteiro Inconfidentes, criou-se, em Uberaba, o Grupo Escoteiro Professor Leôncio Ferreira do Amaral, com sede na fazenda modelo da EPAMIG, em Uberaba. Em 23 de março de 1997, de acordo com a União dos Escoteiros do Brasil, foi criado o Grupo Escoteiro Potiguar entretanto, existe uma possibilidade deste Grupo ter iniciado suas atividades informalmente ainda em 1992. Formalmente, estes são os Grupos criados na área determinada para o Distrito do Triângulo Mineiro, porém, em algumas entrevistas são citados outros Grupos, que além do nome, não se sabe ou se tem registros da História. Como o Grupo Escoteiro Itabapuã, citado pelo senhor João Washington:

Lá em Uberlândia também teve um grupo escoteiro que deu trabalho, foi rápido, chamava Grupo Escoteiro Itabapuã, no clube Cajubá. Vieram uns chefes lá de São Paulo e queriam montar tipo uma filial de São Paulo, aí eles montaram esse grupo escoteiro isolado, era da alta sociedade, quem participava era promotor, juiz, era tudo assim... e era as mulheres que tomavam conta da diretoria e eles não faziam atividade conosco, o negocio deles era viajar para São Paulo. Aí menina, Aí nós fizemos uma visita, um desfile e eles começaram até a participar com a gente. Só que deu um ano, aí eu sei que deu um boró... Um chefe namorava, fazia faculdade de medicina em Uberlândia, a noiva dele era de Araguari e isso deu um boró, ele sequestrou essa menina, o reitor da Universidade tava envolvido, só sei que abafaram o negócio e ninguém ficou sabendo... aí eles me chamaram e o grupo acabou... eu lembro que eles tinham muita coisa, muita barraca e nós passamos isso tudo para o SESC, acabou em 2 ou três anos esse Grupo Escoteiro Itabapuã... (João Washington, 2017).

Além do nome e desta História contada pelo senhor João, nada se sabe deste Grupo Escoteiro Itabapuã e, podemos supor que ele tenha sido fundado entre a década 1970 e o início da década de 1980 o ano de 1986, que corresponde ao período aproximado de quando o Senhor João iniciou seus trabalhos como comissário distrital, a reabertura do Grupo Escoteiro SESC e o encerramento de suas atividades, em 1986.

Na cidade de Uberlândia, de acordo com o seu João, também foi criado um Grupo Escoteiro chamado Felisberto Carrijo, com sede numa escola de mesmo nome, que não se sabe ao certo a data de sua fundação e de encerramento de suas atividades. De acordo com o senhor João, este Grupo “deu trabalho”, pois não participava das atividades, não se integrava aos Grupos, por causa de um chefe em específico.

Aí teve um Grupo Escoteiro Felisberto Carrijo, do chefe Ary, esse deu trabalho demais... eles tiveram sede no Luizote e outros lugares lá. Esse era o Dono do Grupo, de verdade... participava de umas coisinhas aqui, faziam umas reuniões, naquela época os grupos eram muito independentes, ainda hoje são.... (João Washington, 2017).

Uma outra característica que se pode destacar no Movimento Escoteiro do Distrito do Triângulo Mineiro, é a falta de participação juvenil de mulheres. De acordo com as falas de alguns dos entrevistados, a participação de mulheres se dava apenas para a chefia do ramo lobinhos, talvez, pelo pensamento da época de que as mulheres deveriam cuidar dos menores. Esta hipótese também é defendida por SANTOS e FELDENS, quando dizem que

O elemento maternal da mulher possibilitou sua entrada no movimento escoteiro. Com a criação das Alcateias de lobos, composta por meninos de 6 a 11, a mulher passou a ser acionada pelo movimento, para auxiliar os chefes escoteiros no trato dos lobinhos, as exigências da idade justificaram a permissão para atuação de mulheres no Ramo Lobo. Na II Conferência Escoteira Interamericana, em 1948, foi adotada pela resolução de nº 53 a recomendação da utilização de chefia feminina nas alcateias, entendendo-se o quanto seria importante para o desenvolvimento do Ramo. A presença de mulheres nas tropas escoteiras só foi oficializada no escotismo com os processos de co-educação, que instituíram a possibilidade de uma educação mista para os grupos escoteiros¹³⁷.

Apesar de o Movimento Escoteiro começar a aceitar mulheres como membros juvenis a partir do ano de 1979, com a fundação dos primeiros clãs pioneiros alcateias mistas¹³⁸, percebe-se por meio das falas de alguns entrevistados que o escotismo no Triângulo Mineiro, desde a sua fundação, não aceitava meninas como membros juvenis até a década de 1990 - e quando aceitaram, conseguiam estar ativas no movimento por pouco tempo. Estas características e fatos podem ser observados nos seguintes relatos dos senhores João Gilberto e do senhor Ronaldo Pereira:

Tinha as bandeirantes, né, que aqui em Uberlândia não tinha, que era separado. O que tinha aqui era uma chefe de lobinhos na época, a filha do chefe Gomes. (João Gilberto, 2017) [fala sobre a falta de membros juvenis do sexo feminino, década de 1960].

E ainda,

¹³⁷ SANTOS, Aldenise Cordeiro; FELDENS, Dinamara Garcia. O “*scouting for boys*” abre para mulheres: a implantação da co-educação no escotismo brasileiro. **Cadernos de História da Educação** – v. 12, n. 2 – jul./dez. 2013. p.416.

¹³⁸ SANTOS, Aldenise Cordeiro; FELDENS, Dinamara Garcia. O “*scouting for boys*” abre para mulheres: a implantação da co-educação no escotismo brasileiro. **Cadernos de História da Educação** – v. 12, n. 2 – jul./dez. 2013. p.416.

No início tinha lobinhos e tudo mais, mas eu acho que por falta de mulheres na época, o pessoal, naquela época, enxergava que lobinho, quem tinha que tomar conta era mulher, né, e por falta disso o ramo lobinho desapareceu. Beleza, depois esse ramo lobinho voltou e também voltou.. e aí criaram o Grupo... criaram uma tropa com meninas. Naquela época, eles nem chamavam de tropa escoteira, tropa guia, é... chamaram de bandeirantes, nem sei se na década de 90, dentro do movimento escoteiro, se era chamado de bandeirantes, não recordo como chamava. Eu sei que hoje, o Movimento de Bandeirantes é um movimento separado do Movimento Escoteiro. [...]Foi criado porque as meninas precisam de atividade, e as pessoas que vieram pensaram em ter uma tropa lá. Não existia restrição do Grupo quanto a receber mulheres, não havia... não havia restrição de forma alguma. Quando tinha lobinhos, tinha meninos e meninas, sem problemas. Agora a tropa, quando vieram as meninas, elas tinham praticamente a mesma idade da gente, mas já tinham algumas que já tinham idade guia, se fosse na época de hoje. (Ronaldo, 2017) [fala sobre a criação de uma tropa feminina-Bandeirantes, na década de 1990].

O Escotismo no Distrito do Triângulo Mineiro, atualmente conta com a presença de 11 Grupos ativos, incluindo, cinco Grupos fundados entre a década de 1960 até o final da década de 1990 que São: 132º Grupo Escoteiro Triângulo, 49º Grupo Escoteiro Potiguar, 29º Grupo Escoteiro Professor Leôncio Ferreira do Amaral, 15º Grupo Escoteiro Inconfidentes 42º Grupo Escoteiro Padre Anchieta, que em 2017 completou 50 anos e é o Grupo mais antigo em funcionamento do Distrito do Triângulo Mineiro.

Apesar de estarem fora do recorte cronológico desta pesquisa, acredito ser importante, citar os Grupos que foram sendo fundados desde o início dos anos 2000 e ainda estão em funcionamento: Na cidade de Uberlândia, o Grupo Escoteiro São Sebastião, fundado em 07 de Outubro de 2000, com sede na Paróquia São Sebastião. Em Cachoeira Dourada o Grupo Escoteiro Caiapônia, fundado em 01 de Setembro de 2012, cujo nome é uma homenagem a terra¹³⁹. Em Frutal, o Grupo Escoteiro Frutal, fundado em 11 de março de 2013, com sede em Rua Uberlândia, s/n. Em Uberaba, o Grupo Escoteiro Uberaba, fundado em 19 de abril de 2014, com sede no Uberaba Tênis Clube. Em Capinópolis, o Grupo Escoteiro Antonio Mendes, fundado em 07 de setembro de 2014, cujo nome é uma homenagem ao antigo chefe do Grupo Escoteiro João XXIII, com sede no Parque Municipal, e o “caçula” do distrito, o Grupo Escoteiro Ekoá, fundado em 30 de Maio, na cidade de Ipiaçu, com sede na Rua

¹³⁹ A sugestão de nome foi devido ao título de um livro escrito pelo Senador Camilo Chaves. Caiapônia, de acordo com o autor, da nome de Caiapônia às terras onde viveram os Caiapós, os bandeirantes e todas as pessoas que se instalaram na região onde é hoje a cidade de Cachoeira Dourada.

GRUPOS ESCOTEIROS DO DISTRITO DO TRIANGULO MINEIRO



¹⁴⁰ Ver mapa de grupos escoteiros no distrito do triângulo mineiro, disponível em <https://drive.google.com/open?id=1wleHZKixyh_ecBySEfbvFNMkZAFF7zdO&usp=sharing>. Criado em 06/12/2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como em um final de ótimo acampamento, chegara o momento de se encerrar esta pesquisa, que há quase dois anos, faz parte do meu dia-dia. É chegada a hora de finalizar um trabalho, que no final, como todo bom trabalho de investigação, me deixa mais dúvidas do que certeza, mas que também foi capaz de fazer repensar toda a História do escotismo local, de desfazer mitos e possibilitar o início de uma trajetória histórica que ainda merece ser estudada com mais profundidade do que essa monografia me permitiu.

O principal objetivo deste trabalho constituiu-se no delinear dos caminhos percorridos pelo Movimento Escoteiro no Distrito do Triângulo Mineiro, como foram as fundações e como se constituiu os grupos e as características deste Movimento entre o final da década de 1930 até o final da década de 1990. Para tanto, este trabalho foi dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo, a História do Movimento Escoteiro foi explorada desde a sua concepção, na Inglaterra do século XX, até a emergência do escotismo no Estado de Minas Gerais, em 1926; suas características sociais, culturais e principalmente, política.

O segundo capítulo teve como objetivo reconstituir a História do Movimento Escoteiro na região do Triângulo Mineiro, através da imprensa e da memória de algumas pessoas que participaram do escotismo entre a década de 1960 e 1990, que estão ou não ativos no ano de 2017. Muitas Histórias, causos e memórias foram constituídas e contadas nesta pesquisa, que puderam, na medida do possível, propiciar a construção de uma memória história para o escotismo em escala distrital.

Entretanto, apesar de afirmar que os objetivos centrais desta pesquisa tenham sido alcançado (apesar de concordar também que essa temática tem muito ainda a ser estudada e se tornou um objetivo pra mim), me atrevo a dizer que minha maior contribuição com este estudo não está no levantamento da História, mas por conseguir propiciar aos que futuramente possam se interessar por esta temática, registros da memória dos participantes do movimento que são importantes fontes que até o momento desta pesquisa não existiam. Portanto, por acreditar que a memória é sim parte importante da nossa trajetória e que esta temática é de uma riqueza enorme, acredito que

Não é mais que um até logo, não é mais que um breve adeus. Bem cedo junto ao fogo tornaremos a nos ver (*canção da despedida*)¹⁴¹.

¹⁴¹ Canção que geralmente é cantada no encerramento de um fogo de conselho. Disponível em: <>, acessado em: 01 dez. de 2017.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smyth (1986a). **Escotismo para rapazes**. Brasília: Editora Escoteira da União dos Escoteiros do Brasil.

BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smyth. **Escotismo para rapazes. Edição da Fraternidade Mundial (1942)**. São Bernardo do Campo, SP: Editora Escoteira da União dos Escoteiros do Brasil, 2011.

BERGMANN, Cinara Lino Colonetti. **A Pedagogia Escoteira no Grupo Escoteiro Tangará pelas memórias do guardião de sua história em Criciúma/SC (1963-1973)**. 2011. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pós Graduação em Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma. Santa Catarina, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**, trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOMENY, Helena Maria Bousquet. **Os intelectuais da educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton [orgs]. **Por um outro Amanhã: apontamentos sobre aprendizagem histórica**. Rio de Janeiro/ União da Vitória: Ed. Ebook LAPHIS/ Sobre Ontens, 2016.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

_____. PRADO, Maria L. **O Bravo Matutino**. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. (Col.) Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. 2 ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe. **Questões para a história do presente**. Trad. Ilka Stern Cohen. São Paulo. EDUSC, 1999.

COELHO, Caio Fernando Flores. **A Dádiva de Si: Estudo etnográfico sobre o Movimento Escoteiro**. 2013. 159 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Instituto de Filosofia e Ciências HumAnas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. **Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora**. Revista Brasileira de História, v. 13, n. 25/26, set. 1992/ago. 1993. Pg. 98-99.

DAMASCENO, Yuri Wicher. **O Conceito de Representações da Nova História Política: Uma Análise dos Estudos de Missionários na África Meridional de Fins do Século XIX e Início do XX**. Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.4, nº7 jul-dez, 2014.p.05-15.

DUTRA, Carlos Eduardo. **Movimento Escoteiro: Liderança com base em valores**. 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. 8ª ed. RJ: Editora FGV, 2006.

GRUPO ESCOTEIRO TRIÂNGULO, **Ata da Primeira Assembleia de Grupo**. Grupo Escoteiro Triângulo, 1999, p.2. (mimeografado).

HOBBSAWM, E. J.; TOLEDO, Yolanda Steidel de. **A era dos impérios (1875-1914)**. 7 ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2002.

LAPLANTINE, F. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos**. Alcar 2015, 10º Encontro Nacional de História da Mídia. 2015, 12f.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, v.19. n2, p04-27, jul/dez. 2011.

LEANDRO, Andressa Barbosa de Farias. **Do melhor possível ao sempre alerta: disciplinando corpos e construindo identidades no escotismo em Campina Grande- PB**. Dissertação (mestrado em História)- Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014.

LE GOFF, Jacques. **Memória. História e memória**. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

MORAIS, Flávia D. Costa. **A leitura na Inglaterra vitoriana: sua função social e artística**. Falla dos Pinhaes, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.1, n.1, p.63-71, jan./dez. 2004.

JUNIOR, A. F.; BORGES, D. C. A Educação não formal e o Movimento Escoteiro: Um estudo sobre o Grupo Escoteiro Padre Anchieta, Ituiutaba, MG, Brasil. **Itinerários Reflections**. Jataí, v.1, n.16, p.1-17, 2014.

LEANDRO, Andressa Barbosa de Farias. **Do melhor possível ao sempre alerta: disciplinando corpos e construindo identidades no escotismo em Campina Grande- PB**. Dissertação (mestrado em História)- Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014. Pg. 24.

MATOS, Júlia da Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História Oral como fonte: problemas e métodos**. *Historie*, Ria Grande, v.2, n.1, pg 95-108, 2011.

MORAIS, Flávia D. Costa. **A leitura na Inglaterra vitoriana: sua função social e artística**. **Falla dos Pinhaes**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.1, n.1, p.63-71, jan./dez. 2004.

MULLER, Helena Isabel. "A história do tempo presente algumas reflexões.". In. PORTO, Gilson (org). **História do tempo presente**. Bauru: EDUSC, 2007. P. 17.

NAGLE, Jorge. **A educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1974.

NAGY, Laszlo. **250 Milhões de Escoteiros**. Rio Grande do Sul: União dos Escoteiros do Brasil, 1987.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Educação e Civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)**. revista brasileira de história da educação n° 7 jan./jun. 2004.

_____, Adalson de Oliveira. **Sempre Alerta! O Movimento Escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil 1910–1945**. 2004. 149 f. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell – cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

NOGUEIRA, Teresinha de Jesus Araújo. **Memória, História Oral e Narrativa: o encontro do possível na multiplicidade de pontos de vista**. Disponível em: <sbhe.org.br/novo/congresso/cbhe7/pdf/03-%20FONTES%20E%20METODOS%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/MEMORIA%20HISTORIA%20ORAL%20E%20NARRATIVA.pdf> Acessado em: 20 nov 2017.

OLIVEIRA, José Ricardo Cabidelli. **Movimento Escoteiro: a vida de Baden-Powell e o nascimento do Escotismo (1907-108)**. Vitória, 2011.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

OTERO, L. F. História e memória: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: EDUFF, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. pg. 69.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. Estudos históricos, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder**. *Mnemosine* Vol.6, nº2, p. 2-13 (2010).

RABELO, Ricardo Rocha. **Uma vez escoteiro, sempre escoteiro”: marcas da educação escoteira em Sergipe (1958 – 2009)**. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade de Tiradentes, Aracajú-SE. 2012.

_____, Ricardo Rocha; BARRETO, Raylane Andreza D. Navarro. **O escotismo como Associação voluntária no início do século XX: prática pedagógica extra-escolar.** *Interfaces Científicas – Educação*. Aracaju. V.01. n.03. p. 33-41. jun. 2013.

SANTOS, Aldenise Cordeiro; FELDENS, Dinamara Garcia. **O “SCOUTING FOR BOYS” ABRE PARA MULHERES: A IMPLANTAÇÃO DA CO-EDUCAÇÃO NO ESCOTISMO BRASILEIRO.** *Cadernos de História da Educação* – v. 12, n. 2 – jul./dez. 2013.

SEITENFUS, Ricardo. **A Entrada do Brasil na segunda Guerra Mundial.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

SILVA, Alexandra Lima da. **Lado a lado: marcas Católicas do bandeirantismo no Brasil.** *Hist. Educ. (Online)* Porto Alegre v. 21 n. 52 Maio/ago., 2017 p. 21-39.

SOUZA, Rosa Fátima. **A militarização da infância: Expressões do nacionalismo na cultura brasileira.** *Caderno Cedes*. Campinas. Nº 52, nov. de 2000.

SPENBER, Dan. In: JODELET, Denise (organizadora); ULUP, Lilian (tradutora). **As Representações Sociais.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

TEIXEIRA, Nuno Severiano. **Heróis do mar: História dos símbolos Nacionais.** Lisboa: A Esfera dos Livros, 2015. 162p.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

SILVA, Valneide Viana da. FUNDAÇÃO DE AMPARO AO MENOR (PATRONATO BURITI): REALIZAÇÕES E DIFICULDADES NA ASSISTÊNCIA AO MENOR CARENTE no MUNICÍPIO DE Uberlândia – MG . 2010. 71.f.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Escotistas em ação: Ramo Escoteiro.** Curitiba, 2012.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Princípios, Organização e Regras.** Ed. 10, Curitiba. 2013.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Relatório anual 2016 dos Escoteiros do Brasil.** Versão 1, Abr. 2017. P. 55, 73-75. Curitiba, 2017.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL-REGIÃO DE MINAS GERAIS. **Relatório Provisório- 1987**. Juiz de Fora, 1987.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL-REGIÃO DE MINAS GERAIS. **Relatório Provisório- 1989**. Juiz de Fora, 1989.

TOMÉ, Nilson. **Movimento Escoteiro: Projeto Educativo Extra Escolar**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.23, p. 171–194, set. 2006.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

ZUQUIM, Judith; CYTRYNOWICZ, Roney. **Notas para uma história do escotismo no Brasil: a “psicologia escoteira” e a teoria do caráter como pedagogia de civismo (1914-1937)**. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 35, p. 43-58, jul. 2002.

WEBIBLIOGRAFIA

DUTRA, Carlos Eduardo. **Movimento Escoteiro: Liderança com base em valores**. 2014 p.10-11.

União dos Escoteiros do Brasil. **Atingimos a marca histórica de 100 mil escoteiros no Brasil!!!**.2017. Disponível em: http://www.escoteiros.org.br/noticia-detalle/atingimos-a-marca-historica-de-100-mil-escoteiros-no-brasil/?utm_term=Atingimos+a+marca+historica+de+100+mil+escoteiros+no+Brasil%21&utm_campaign=Escoteiros+do+Brasil&utm_source=e-goi&utm_medium=email&eg_sub=0452e6960c&eg_cam=6350e011221f9fb49dcdde7f8dc60879&eg_list=21 . Acessado em 08/11/2017, às 11:43.

1944: O Brasil vai à guerra com a FEB. FGV CPDOC. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/FEB>.

Jornais

“Associação dos Escoteiros de Barbacena”, *O Jornal de Barbacena*, Barbacena, 14 jul. 1927.

“O Escotismo Mineiro, breve histórico”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 jan.1933.

“As comemorações do aniversário do 4º B.C.M”. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 27 nov. 1944.

“Brasileiros, alerta!”. *Lavoura e Comércio*. Uberaba, 13 mai. 1946.

“De Toribaté: O escotismo em marcha- A mais bonita festa cívica já realizada em Toribaté- Um belo gesto dos escoteiros de Uberlândia”. *O Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 20 out. 1948.

“De toribaté: impressões de uma visita ao ‘patronato para menores de Uberlândia’”, *O correio*. Uberlândia, 6 nov. 1948.

“Por que não temos Escotismo?”. *Lavoura e Comercio*, Uberaba, 12 mar. 1957.

“Festa Junina”. *O correio de Uberlândia*. Uberlandia, 28 jun. 1964.